Latino Coelho

THEATRO

I

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50, 52, Rua Augusta, 52, 54

1893

OBRAS DE LATINO COELHO

TOMO 3.º (1.º DO THEATRO)

OBRAS DE LATINO COELHO

III

THEATRO

TOMO I

OS SOLTEIRÕES — A OPPOSIÇÃO SYSTEMATICA

LIBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50, 52, Rua Augusta, 52, 54

1893

OS SOLTEIRÕES

Comedia em 5 actos, traduzida de VICTORIEN SARDOU

PERSONAGENS

	ACTORES [1]
De Mortemer........	*José Carlos dos Santos*
De Nancia..........	*Domingos de Almeida*
De Veaucourtois.....	*Antonio Pedro*
Clavières............	*Caetano Eleuterio Magiolly*
De Chavenay........	*Carlos O'Sullivand*
De Troénes..........	*Menezes*
Du-Bourg...........	*João Gil.*
João...............	
Baptista.............	
Antonia.............	*Virginia*
Clemencia...........	*Maria Adelaide*
Rebeca..............	*Amelia Vieira*
Luiza...............	*Firmina Aguiar*
Nina................	*Eliza Dias da Silva*
Um creado..........	

A acção no 1.º acto é no campo; nos outros actos em Pariz, em casa de Mortemer e de Chavenay.

[1] Esta é a distribuição que a peça teve no theatro do Principe Real, em Lisboa, na primeira època em que se representou.

OS SOLTEIRÕES

ACTO I

Em uma casa de campo, uma sala dando ao F. para um jardim. E' no outono. — Portas lateraes. — A' E. no 1.º plano sophá, cadeiras, pequeno velador de senhora com muitos bordados. — A' D. 1.º plano uma janella e trepando por ella uma videira, que deita os ramos para dentro do aposento. Encostado a esta janella, um sophá. — Do mesmo lado uma meza cheia de livros, folhetos, etc.

SCENA I

CLEMENCIA e LUIZA

CLEMENCIA *(meio deitada no sophá á D., quasi adormecida, com um livro na mão, com os olhos fechados.)* Luiza!

LUIZA *(á E. no sophá, com um livro na mão)* O que é, minha querida?!

CLEMENCIA

Dormes?

LUIZA

Julgo que sim.

CLEMENCIA

O que estás tu lendo?

LUIZA

Um romance inglez. E tu?

CLEMENCIA

Um romance tambem.

LUIZA

Qual?

CLEMENCIA

Não sei bem. É o vigesimo que leio e cuido que é sempre o mesmo.

LUIZA

Aposto que tem episodios admiraveis!

CLEMENCIA

Mas o todo é fastidioso... É a imagem da vida.

LUIZA *(levantando-se)*

Já vejo que estás hoje nos teus dias de melancolia.

CLEMENCIA *(erguendo-se)*

Sinto melancolia, sinto.

LUIZA

Effeitos do outono! Quando as folhas amarellecem, tambem a nossa alma perde o viço e o esplendor! Ai! meu Deus! Como eu estou profundamente aborrecida d'esta formosa natureza dos campos! Ai! Pariz, Pariz!

CLEMENCIA

Ora eis ahi a nossa provinciana, ainda mal não é casada, e já suspira pelo *boulevard*.

LUIZA

E tu não te sentes contentissima de que seja amanhã a nossa partida para a grande capital?

CLEMENCIA *(com indifferença)*

Contentissima.

LUIZA

Ao menos acabará para estes cavalheiros, que nos fazem companhia, a mania de caçar! Pois não é para excitar a indignação o ver eu que um noivo de seis semanas, como é o sr. de Troénes, me deixa aqui entregue á semsaboria do romance inglez, emquanto elle anda pelas moitas e pelos bosques, matando innocentes animaes?

CLEMENCIA

Já que me fallas d'este ponto, confesso-te que o sr. de Troénes me parece ser para comtigo um pouco... um pouco... nem eu sei como o hei de qualificar.

LUIZA

Dize, dize!

CLEMENCIA

Timido, talvez!...

LUIZA

Timido?... Dize antes frio... glacial... Apenas se digna olhar para mim; as suas palavras são medidas; quando me falla... toca nas vidraças musicas desconhecidas, emquanto contempla o sol, que resplandece, ou a chuva, que annuncia a proxima estação!... Eis aqui toda a sua amabilidade para commigo!

CLEMENCIA

E até quando estás só com elle?

LUIZA

Pois é exactamente quando estamos sós. E o que dirias tu se eu te contasse que ainda nem uma só vez me chamou por tu?

CLEMENCIA

Mas isso é realmente muito grave!...

LUIZA

E tanto mais grave quanto sou eu, porventura, a culpada d'este seu procedimento.

CLEMENCIA

Como?!...

LUIZA

Eu te digo. Antes de casar, tive esclarecimentos positivos a respeito do meu actual senhor. Dizem que não era timido antes de casar. O sr. de Troénes arruinava-se em Pariz, em todo o genero de prazeres e dissipações... Para te dizer tudo, minha querida, até com mulheres de theatro vivia em frequente intimidade!

CLEMENCIA

Ah!

LUIZA

E chegou a taes extremos, que foi preciso que os parentes o dessem por prodigo e o fizessem ir para a provincia. Foi então que se lembraram de o casar, para vêr se com o novo estado se emendava! Ai! meu Deus! Quando eu o comparo com teu marido, com o sr. de Chavenay... Este sim, este é que é um marido... tão bom, tão affectuoso!...

CLEMENCIA

Vamos lá! Tambem tem seus defeitos!

LUIZA

Aposto que me não apontas um só.

CLEMENCIA

Talvez que o de não ter nenhum! Ás vezes é um defeito imperdoavel!

LUIZA

Ora essa!

CLEMENCIA

Sim, é um defeito... Imagina tu que o sr. de Chavenay me annulla pela sua superioridade moral, e me não deixa occasião para ter o prazer de exercitar as minhas taes ou quaes virtudes domesticas. É uma es-

pecie de egoismo!... E depois de dezoito mezes de casada, sempre o mesmo esplendido azul no firmamento... É monotono, não achas?... Quem me déra que uma nuvemsinha ao menos toldasse de vez em quando a serenidade d'este céo.

LUIZA

Então querias antes um marido frenetico, extravagante, de genio arrebatado...

CLEMENCIA

Ai! Quem me déra vel-o ao menos uma vez agastado contra mim!

LUIZA

E o que havias de fazer em tal occasião?

CLEMENCIA

Aproveitaria um ataque de nervos, que ha tres mezes me anda imminente!

LUIZA

Ora ahi está o que nós somos, as mulheres! Queixas-te de um marido de quem és o unico enlevo. *(Olhando para o F.)* Espera! Queres tu fazer idéa da ternura do meu... repara n'elle quando chegar.

CLEMENCIA

Vem ahi?

LUIZA

Vem. Finge que estás a dormir.

CLEMENCIA

Ora!

LUIZA

É elle... vamos adormecer. *(Tomam ambas a attitude em que estavam ao começo da scena.)*

SCENA II

AS MESMAS e TROÉNES

TROÉNES *(entrando pelo F. e procurando em volta de si.)* Onde fui eu esconder o paletot?... *(Descobre-o nas costas do sophá, onde está adormecida sua mulher. Luiza tem um braço por cima do paletot.)* Elle cá está. *(Vae muito de leve por detraz do sophá e puxa o paletot. Luiza suspira e volta a cabeça para o lado do marido, approximando a face em que Troénes é obrigado a roçar ligeiramente para puxar pelo paletot. Troénes não faz caso, e depois de tirar o paletot, sae de traz do sophá, buscando alguma cousa nas algibeiras.)* Ora esta! Onde iria eu encantar a minha charuteira? *(Procurando no chão, e indo-se embora.)* Um presente da Florina... perdel-o eu!... Não póde ser!... Hei de achal-a por força... *(Vae-se pelo F. procurando a charuteira no chão.)*

SCENA III

LUIZA, CLEMENCIA, depois REBECA

LUIZA *(vendo sair o marido)*

E então?

CLEMENCIA

Ai! minha pobre amiga!

LUIZA

Has de confessar; já viste um marido assim?...

REBECA *(entrando pela porta da D., com um livro de missa na mão)* Qual marido?... O meu?... Estavam fallando de Du-Bourg?

CLEMENCIA

Não.

REBECA

Pois julguei que sim.

LUIZA

Temos andado a procural-a por toda a parte.

CLEMENCIA

Diga-me, minha amiga, d'onde vem?

REBECA *(com uncção)*

Da igreja!

LUIZA

Da igreja! Que devoção! Quasi que a sua vida é a oração e a piedade.

REBECA

Minha filha, quando tiver tres annos de casada como eu, ha de chegar a comprehender que não nos resta senão Deus! *(Chega-se á meza e depois de ter procurado.)* Onde está o meu romance?

LUIZA

O seu romance?

REBECA

A *Fanny*, que eu tinha aqui deixado?

CLEMENCIA *(tomando o romance de cima do sophá)*

Pois era seu?... Eu tinha-o escondido, receando que minha cunhada... *(Dá-lhe o livro)* Ora sabe que este romance me parece demasiado vivo e animado?...

REBECA

Sim, sim, apaixonado, ardente.

LUIZA

Vamos a ver.

REBECA

Schiu, querida! Não é romance para meninas! Queima.

LUIZA

Mas eu não sou já uma creança, sou tambem uma mulher casada.

REBECA

Ainda assim!...

LUIZA

Agora entendo. Em ella acabando de ler um capitulo, vae logo direitinha pedir perdão a Deus. *(Ouve-se um tiro ao longe.)* Ah! lá estão elles na sua caçada. *(Suspirando e tornando a pegar no livro.)* Até o nosso visinho conseguiram levar comsigo!... Elle que suspirava por ficar aqui a acompanhar-nos... Ora ali está o que eu chamo um homem amavel... E que excellente marido que não seria!

SCENA IV

OS MESMOS e ANTONIA

ANTONIA *(Affastando os ramos da parreira, mettendo a cabeça atravez das folhas, em pé, em cima de uma escada, apanhando bagos de uvas.)* Quem? O sr. de Nancia? Sou exactamente da mesma opinião.

LUIZA

Antonia!

CLEMENCIA

Olha a velhaquinha como nos estava a escutar, subida áquella escada.

ANTONIA *(Comendo uvas)*

Eu não escuto, ouço. *(Descendo)* E na qualidade de rapariga que está ainda por casar... desde que se trata de noivo... faço ainda mais *(Desce para cima do sophá e d'ali para o chão.)* appareço.

CLEMENCIA

Ai! que louquinha! Quem te disse que se tratava d'aquelle rapaz?

ANTONIA

Quem?... A logica!... um futuro marido!... logo, é ainda solteiro!... Ora, ha apenas tres homens solteiros n'esta quinta... O primeiro é o primo Veaucourtois, que é velho, feio, ridiculo...

CLEMENCIA

Basta, basta!

ANTONIA

Se me dizem mais uma palavra, vou chamal-o.

LUIZA e REBECA

Não, não!

ANTONIA

Então está julgado!... Depois temos o sr. de Clavières, que não é bonito nem feio, nem novo nem velho... nem espirituoso, nem tolo... nem branco, nem preto, nem uma cousa nem outra... É elle mesmo, e já é de mais.

REBECA

É muito severa nos seus juizos.

ANTONIA

Mas supponhamos que não seja tanto como eu digo... Só o terceiro, o sr. de Nancia merece o epitheto que Luiza lhe attribuiu; logo, é elle! Logo cheguei aqui na melhor occasião, para dizermos bem do sr. de Nancia... *Quod erat demonstrandum.*

CLEMENCIA

Quando quererás tu calar-te?...

ANTONIA

Porque?

REBECA *(descendo e sorrindo)*

Ora ahi começam agora os *porquês* da menina Antonia.

LUIZA

Será melhor chamar-lhe antes a menina *porquê!*

ANTONIA

Pois sahi ha pouco do convento e acham estranho que eu pergunte para saber?

CLEMENCIA

Ha cousas que a menina não póde nem deve saber.

ANTONIA

Oh! Minha irmã mais velha! Minha madame de Maintenon!... Não quero que fallem em segredo na minha presença, como no tempo em que eu era uma creança, quero que se me diga tudo. Por que razão o dizem a Luiza, que é da minha edade?...

LUIZA *(com importancia)*

Ah! mas eu sou uma mulher casada... O caso é bem differente!

ANTONIA

Em que?

REBECA *(sorrindo)*

Agora começam os *em quês*.

ANTONIA

Ah! Estão zombando de mim?... Pois bem!... Pouco me importa!... Continuarei a fallar do sr. de Nancia.

CLEMENCIA

Outra vez!

ANTONIA

E porque havia eu de dissimular que ha seis mezes, desde que tratam de me casar, o sr. de Nancia é o primeiro, o unico homem em quem os meus olhos se fitam com verdadeira complacencia.

CLEMENCIA

Ora ahi está! Os olhos da menina fitam-se complacentes no sr. de Nancia. Mas o sr. de Nancia veiu aqui apenas como visinho e conhecido e não como pretendente á tua mão!

ANTONIA

Bem o sei infelizmente!... Como eu teria pronunciado espontaneamente o sim!

CLEMENCIA

Chego a córar de pejo por tua causa!

ANTONIA

E só porque sou sincera. Então queria porventura, minha boa irmã, que eu dissesse: «Acho-o feio, desastrado, insipido, intoleravel! Só vel-o me faz mal aos nervos, e quando ouço o rumor dos seus passos na areia do jardim, fujo desconcertada a esconder-me ao fim da quinta!...» Pois apraz-me dizer a verdade, se me dão licença!... É-me impossivel a mentira n'este ponto!

REBECA

E que acha a minha joia de singular no sr. de Nancia, para que lhe inspire uma inclinação tão invencivel?...

ANTONIA

Mil coisas!... mas sobretudo... E saibam que n'este ponto reflecti maduramente!... Sobretudo... *(com importancia)* as suas idéas ácerca do mundo e da existencia, que em tudo se conformam com as minhas proprias.

LUIZA *(com ironia)*

Pois não! As idéas de Antonia ácerca do mundo e da existencia!

ANTONIA *(com importancia)*

Dizia eu...

CLEMENCIA

Mas tu já alguma vez conversaste com elle?...

ANTONIA *(interrompendo)*

Nunca... mas tenho-o estudado.

REBECA, LUIZA e CLEMENCIA

Ora! ora! *(sorrindo-se)*.

ANTONIA

Bem sei que me accusam de leviana porque digo, um pouco talvez inconsideradamente, quanto sinto e quanto penso. Mas não sou leviana!... Conheço perfeitamente o passado do sr. de Nancia.

REBECA

Então o que apurou a este respeito?

ANTONIA

É a coisa mais simples do mundo!... Tem vinte e dois annos... Foi educado por sua mãe! Era uma dama de rara formosura, que vivia retirada nas suas propriedades, não se dando com mais ninguem senão com o prior da freguezia... Nunca via seu marido que estava em Pariz... Viviam desquitados... Perguntei porque, não m'o quizeram dizer.

REBECA

Era facil de prever.

ANTONIA

Porque?

CLEMENCIA

Porque são coisas que só se podem contar ás mulheres casadas.

ANTONIA

Visto isso Luiza m'o contará. *(A Luiza.)* Dizes, sim, dizes?

LUIZA *(interrompendo)*

E o resto do anno reside sempre no campo?

ANTONIA

Supponho que sim! E como eu seria feliz se me visse lavradeira.

CLEMENCIA

Estás louca!

ANTONIA

Não estou, não!... Quero um marido campezino como eu... Quando comparo o sr. de Nancia com a sua habitual serenidade, com as suas maneiras francas e leaes, que prazer experimento em contemplal-o... Sinto-me bem, devéras bem quando o admiro.

CLEMENCIA

Estás mesmo uma creança perdida pelos mimos! Que coisas te abalanças a dizer.

ANTONIA *(alegremente)*

Ou hei de dizel-as aqui, ou então vejo-me obrigada a clamal-as em voz alta no meu quarto!

REBECA

E era capaz, minha joia, de dizer isso mesmo ao sr. de Nancia?!...

ANTONIA

A elle! Isso não!

REBECA

Porque?

ANTONIA

Porque?... Percebe-se perfeitamente a razão... Não me ficaria bem.

CLEMENCIA

Logo ha coisas que se podem comprehender, porém não explicar.

ANTONIA

Talvez!.... E *porquê?*

REBECA

É incorrigivel com os seus *porquês.*

SCENA V

AS MESMAS e UM CREADO

CLEMENCIA *(ao creado)*

O que é?

CREADO

Está ali um cavalheiro, que pergunta se madame de Chavenay lhe faz a honra de o receber.

CLEMENCIA

Quem é?

CREADO *(dando-lhe um bilhete de visita)*

Diz elle que é visinho de madame de Chavenay aqui no campo.

CLEMENCIA *(lendo)*

O sr. de Mortemer.

REBECA

Mortemer!

CLEMENCIA

Conhece-o?

REBECA

Apenas de vista. Lá me quiz parecer que era elle o que nós hoje encontrámos na estrada.

CLEMENCIA

E quem é este senhor?

REBECA *(a meia voz a Clemencia)*

O celebre Mortemer da sr.ª Naullant e de Lady Grace. Vamos a recebel-o, querida.

CLEMENCIA

Eu sei!... Não estando em casa meu marido...

REBECA

Ora o que tem isso!... Nós somos quatro...

ANTONIA

Sim, somos quatro.

CLEMENCIA

Póde ser uma razão. *(Ao creado.)* Faça entrar esse cavalheiro.

ANTONIA *(a meia voz, a Rebeca)*

O que quer isto dizer, o Mortemer da sr.ª de Naullant e de Lady Grace?

REBECA

Quer dizer... não quer dizer absolutamente nada.

ANTONIA

Hum!

CLEMENCIA

Eil-o ahi.

REBECA

Elle em pessoa.

SCENA VI

AS MESMAS e MORTEMER

MORTEMER

Não sei se perdoará, minha senhora, que um desconhecido se atreva a entrar em sua casa sem outra desculpa senão a que espera da sua bondade e delicadeza.

CLEMENCIA *(apontando para uma cadeira)*

Está perdoado. Nem eu nem estas senhoras poderiamos tomar como um delicto a sua visita.

MORTEMER *(sentando-se)*

Apesar de tudo, e por muito que fosse o meu desejo de visitar a v. ex.ª, não me julgava auctorisado a solicitar a honra do seu benevolo acolhimento, se não tivesse por felicidade minha descoberto um excellente... *(parando e sorrindo)* se eu lhe disser *pretexto,* comprehendel-o ha seguramente.

CLEMENCIA

Queira dizer qual foi.

MORTEMER

Devo primeiro accrescentar: *pretexto serio.*

REBECA

Acreditamol-o.

MORTEMER

Mais ainda, muito serio... Eu sou, minhas senhoras... Não sei na verdade como hei de exprimir me n'este momento... porque desconfio que não existe a palavra correspondente... Venho aos seus pés, minhas senhoras, em nome dos pobres d'estes contornos em cujo beneficio ando fazendo um caridoso pedido. *(Surpreza das mulheres, que olham umas para as outras. Continuando.)* Trata-se de victimas de um grande incendio... Pobre gente!... Se alguem merece compaixão, são certamente aquelles para quem peço... Já contava com a estranheza que havia de causar a minha missão!

CLEMENCIA

Queira perdoar-nos mas...

MORTEMER

Não me illudo, minha senhora! Sei que faço damno á caridade que represento... A caridade prefere fazer os seus milagres sob um aspecto mais seductor... que é o das damas tão gentis como piedosas... Sei que

usurpo funcções, que lhes pertencem com tão bom direito, como as azas aos cherubins. Por isso nem mais uma palavra posso accrescentar a respeito da minha commissão... Deixo-lhes, minhas senhoras, o cuidado de advogarem a causa dos meus pobres... Quero ser apenas a mão que recebe a esmola, e v. ex.as serão ao mesmo tempo o coração que pede, e o que dá... Serão duas boas obras em vez de uma só.

CLEMENCIA

Não é possivel esconder-se alguem mais elegantemente, emquanto exerce uma acção honrosa e meritoria! Eis aqui o meu obolo para os que padecem. *(Mortemer levanta-se e recebe.)*

REBECA

E o meu.

LUIZA

Agora o meu. *(O mesmo jogo.)*

MORTEMER

Oxalá me fosse permittido, ao levar este ouro aos pobresinhos, guardar para mim os sorrisos que o acompanham. *(Estende a mão para Antonia.)*

ANTONIA *(levantando-se alegremente)*

E até eu lucraria n'esse caso, porque não tenho outra coisa que offerecer lhe.

CLEMENCIA

Eis aqui está a quota de minha irmã.

MORTEMER

Não me seria difficultoso fazer credito a esta menina.

CLEMENCIA

Agora só nos resta pedir-lhe perdão pela estranheza, que não podémos ha pouco reprimir, mas realmente

este seu procedimento está tão pouco de accordo com o caracter que lhe attribuem...

MORTEMER *(alegremente e sentando-se)*

Já vejo, minha senhora, que a minha reputação me tinha precedido... Se houve, porém, tempos, em que ella valia mais de que eu, hoje sou um pouco melhor do que me pintam... Vieram os annos e veio com elles a reflexão.

REBECA

Fez-se eremitão, pelo que vejo..

MORTEMER

Dissimulo a malicia da expressão, que segundo o dictado vulgar me compara a um demonio já invalido.

CLEMENCIA

Ora vamos, fez-se ao menos penitente.

LUIZA

E solitario!

MORTEMER

Nem uma nem outra coisa!

TODOS

Ah!

MORTEMER

Não ha inconveniente em que eu lhes faça a minha confissão?

CLEMENCIA e REBECA

Nenhum.

MORTEMER

Pois n'esse caso declaro francamente que nunca me arrependi, nem arrependo.

REBECA

Ah!

MORTEMER

E quanto á solidão, sinto por ella não só antipathia, mas horror!

REBECA *(com vivacidade)*

Comprehendo-o perfeitamente.

MORTEMER

Mundano era... mundano fiquei! De verão ando vagabundo... porém desde os primeiros frios... então é necessario que me restituam o meu Pariz, com os seus bailes, com os seus theatros, e sobre tudo... sim... Embora já não haja uma só mulher que seja a rainha do meu coração... como outr'ora... Exijo, porém, como condição, que todas contribuam para doirar-me a existencia... Emfim, perdoem-me esta imagem um pouco antiquada, já que não estão aqui rapazes que por ella me possam chasquear... Renuncio a colher as flores... mas deixem-me sequer os meus jardins.

REBECA

Eis ahi o que é uma elegante retirada com o jogo do galanteio.

MORTEMER

Ah! minha senhora! se soubesse quanto é agradavel para um homem, como eu, já entrado em annos e solteiro...

CLEMENCIA

Quasi que ia dizendo velho...

MORTEMER

É o termo, não creia que me illudo... Sabe, porventura, que estou a ponto de fazer quarenta e oito annos?

REBECA

Bem! É a segunda juventude, a unica excellente para um homem!

MORTEMER *(encantado)*

Talvez!... talvez!...

CLEMENCIA

Pois mais de um de trinta annos conheço eu...

MORTEMER *(encantado)*

Seguramente não posso negar que tenho uma saude admiravel; e que pouca differença faço agora, do que era ha dez ou doze annos.

REBECA

É o que eu dizia...

MORTEMER

Mas no fim de contas sou velho, e...

CLEMENCIA

Vamos, velho não!... já não é novo, o que é muito diverso....

MORTEMER *(levantando-se e cumprimentando)*

Depois de ter implorado a caridade em favor dos meus pobres, é justo que a aproveite agora para mim... minha senhora!

CLEMENCIA *(estendendo a mão)*

Com muito gosto!

MORTEMER *(beijando a mão)*

Galanteadores nóveis, contentar-se-hiam de lhe apertar a mão, sem pensarem o que haveriam de perder. *(Torna a beijar-lhe a mão.)*

REBECA

Dizia, pois, que era por extremo agradavel...

MORTEMER *(o mesmo jogo)*

Dou-lhe d'esta maneira os meus agradecimentos... muito agradavel certamente... *(vae para saudar Luiza)*

LUIZA

Nada, não era isso o que ia ha pouco dizendo... veja se se lembra...

MORTEMER

O que eu dizia... perdão... tenho a memoria muito infiel.

ANTONIA *(para Luiza, em voz baixa)*

Agora vejo... Apesar de que já não colhe flores, não se descuida na cultura dos jardins.

MORTEMER *(tem-a ouvido, olha para ella sorrindo; Antonia inclina-se a ver uns albuns. A Clemencia.)* Esta menina é sua irmã?

CLEMENCIA

É irmã de meu marido... Saíu ha pouco d'um convento.

MORTEMER

Pela similhança dos attractivos, apostava pelo estreito parentesco.

REBECA

No fim de mil digressões, ficamos sem saber o que ia a dizer, que lhe era muito agradavel...

MORTEMER *(assentando-se)*

Mas é justamente o fazer o que faço habitualmente. É esta a minha occupação todos os dias, desde as duas horas da tarde, até ás duas da madrugada... sou rico, ocioso, independente... não posso viver da minha propria vida... é-me necessario viver da vida alheia! Da vida real passei á vida contemplativa. Conheço toda a gente, toda a gente me conhece a mim. Dizem-me metade de todos os segredos, adivinho a outra metade e divirto-me com isso... Ás tres horas, uma visita... Ás quatro horas outra... Depois janto n'um *restaurante*... depois á noite, tenho um logarsinho á meza

ou ao fogão de alguns bons amigos, que me consultam... e n'este officio, são as damas os meus clientes principaes:.. porque me conhecem por bom pratico d'estes mares encapellados... do amor. Ora tudo isto prende o espirito, alegra o coração, e tem a vantagem d'uma innocencia incontestavel... da innocencia, principalmente!... E a rasão é que os annos me tornaram bom conselheiro, e inoffensivo ao mesmo tempo.

REBECA

Percebo... Agora peço licença. Vou talvez dizer uma inconveniencia... mas imploro perdão antecipado.

MORTEMER

Póde dizer, minha senhora!

REBECA

Afigura-se-me que o sr. de Mortemer é um pouco similhante a Xisto Quinto... Quem sabe se depois, quando chegar o ensejo proprio, deitará fóra o seu bordão?

MORTEMER

Não posso... porque me arriscava a cair...

CLEMENCIA

Aos nossos pés, não é verdade?

MORTEMER

Seguramente.

REBECA

Era exactamente o que eu dizia.

SCENA VII

OS MESMOS, CLAVIÈRES e NANCIA

(Apparecem ao F. dando as espingardas e as redes aos creados.)

ANTONIA

Ahi veem os caçadores. *(Chega ao pé d'elles.)*

CLAVIÈRES *(Ao F.)*

Dois sómente.

CLEMENCIA

Perderam-se de nossos maridos?

CLAVIÈRES *(avança. Antonia fica ao F. com Nancia.)*

Não sabemos onde ficaram. E Veaucourtois que vinha comnosco para aqui, perdeu-se tambem de nós no cannavial.

CLEMENCIA *(Mortemer, Rebeca, Clavières, Antonia, Nancia e Luiza, mais acima.)* Quero ter a honra de apresentar-lhes este senhor.

CLAVIÈRES *(surprehendido)*

Olé! Mortemer, por aqui!

CLEMENCIA

Ah! já se conheciam?

CLAVIÈRES

Veaucourtois, Mortemer e eu... haverá já quinze annos... Mas pensava que elle estivesse lá para os Pyreneus!

MORTEMER

De lá mesmo cheguei ha pouco tempo... E como possuo, n'estes arredores, propriedades, aonde ha vinte annos viera, deliberei-me, felizmente para os meus interesses...

CLEMENCIA

E tambem felizmente para estas visinhas povoações. *(Á Clavières)* O sr. de Mortemer anda fazendo uma subscripção para os desvalidos.

CLAVIÈRES *(estupefacto)*

Anda agora pedindo para os pobresinhos!...

MORTEMER *(modestamente)*

É verdade, meu amigo.

CLAVIÈRES *(com modestia)*

Nas igrejas?

MORTEMER

Por ora ando pedindo pelas portas... E quem não terá dó das victimas d'um incendio... d'uma familia sympathica pelo infortunio... um pae enfermo... com seis filhos... Espero que a tua quota...

LUIZA

Vamos, sr. Clavières, é affrouxar os cordões á bolsa.

CLAVIÈRES *(olhando para Mortemer)*

Pois não, minha senhora, com todo o empenho, com o maior empenho. *(Áparte, procurando o porte-monaie.)* Elle a pedir para os desgraçados!... Isto leva por força agua no bico!...

REBECA *(voltando-se para o F., onde Nancia conversa.)*

E o sr. de Nancia! Vamos sr. de Nancia. *(Todas as damas se voltam para elle.)*

CLAVIÈRES *(só, na ante-scena com Mortemer)*

Vá lá, mas olha que me has-de restituir a esmola... A mim não me enganas tu com as victimas dos teus incendios.

MORTEMER

Cala-te ahi, meu tagarella, e vae deitando sempre a tua esportula.

CLAVIÈRES

Mas para quê?

MORTEMER *(com vivacidade, vendo as damas que voltam para o pé d'elle)* Seis filhos... nada menos... e a mulher em vesperas de outro.

CLAVIÈRES *(dando o dinheiro e passando para a E.)*

Deus nos acuda... Basta!... Estou mesmo a ver que a mulher vae dar á luz mais dois gemeos!...

CLEMENCIA *(a Nancia, que desceu)*

Vamos, sr. de Nancia! Tenha compaixão dos nossos pobresinhos, victimas d'um incendio.

NANCIA

É um pedido sagrado. *(Tirando a bolsa.)* E são habitantes cá das visinhanças?

MORTEMER

É verdade.

CLAVIÈRES

Seis filhos... tres gemeos...

MORTEMER

Os gemeos ainda não... mas...

CLAVIÈRES

Ah! Os gemeos são infalliveis...

NANCIA

Mas é singular... não ouvi fallar que tivesse havido fogo n'estes sitios.

MORTEMER

Se se podessem adivinhar todas as miserias que se escondem!

NANCIA *(sorrindo)*

Mas um incendio não se occulta facilmente... É o caso de dizer: não ha fogo sem fumo...

CLEMENCIA

Ora, sr. de Nancia, parece-me que para ser esmoler se faz rogar demasiado.

NANCIA *(dando o dinheiro a Mortemer)*

Pelo contrario, minha senhora. Julgo tão insufficiente para tão grande infortunio este pequeno auxilio, que vou pedir ao sr. de Mortemer o favor de me indicar a morada dos seus pobres.

MORTEMER *(Áparte)*

Ui!

LUIZA

É verdade, podemos assim mandar-lhe alguma roupa.

CLEMENCIA e REBECA

Bem lembrado!

MORTEMER

Então desejam saber a morada... Nada mais facil... a morada... coitadinhos, chegou-lhes a hora de serem felizes!... O peior é que não tenho lapis para escrever...

NANCIA

Aqui está o meu!

MORTEMER *(áparte)*

Maldito!... Como hei de eu agora saír d'esta mofina subscripção?

ANTONIA

Tenho a honra de annunciar-lhes o nosso primo Veaucourtois... E como elle vem molhado!...

SCENA VIII

OS PRECEDENTES e VEAUCOURTOIS

VEAUCOURTOIS *(vestido de caçador, muito elegante, curvado, alcachinado, myope, usando cabelleira, com dores rheumaticas nos hombros e uma tossinha secca; sacode o fato e vem todo molhado; seguido por um creado com uma espingarda na mão.)* Anda comigo e traze a esponja.

CLEMENCIA

Oh! meu Deus!

VEAUCOURTOIS *(sacudindo as polainas)*

Não foi nada, minha prima... um pequeno desequilibrio ao passar um regato.

CLAVIÈRES

Isso é excellente para o rheumatismo!

VEAUCOURTOIS *(limpando-se com a esponja)*

Quem é que falla agora de rheumatismo!... *(Enthusiasmado)* Acabo de fazer um achado!

MORTEMER

Na agua, provavelmente!

VEAUCOURTOIS

Ah! Mortemer! É ideal... na agua, sim!

CLAVIÈRES

Foram alguns patos!

VEAUCOURTOIS *(como acima)*

Pelo contrario... um rouxinol!

CLAVIÈRES

Misericordia!... Achou uma cantora!... Ahi temos outra que elle foi desencantar... É a decima setima que descobre este anno...

VEAUCOURTOIS

Mas como esta, ainda não achei nenhuma.

MORTEMER

Uma rapariga... heim?...

VEAUCOURTOIS

De quinze annos!...

CLAVIÈRES (*a Mortemer*)

É sempre o mesmo bordão!...

VEAUCOURTOIS

Mas que frescura! que viço! que voz deliciosa! *(com extasi.)* Entre o... e o... não me occorre agora o termo musical... Estava a cantar em quanto batia a roupa, que lavava no ribeiro. Oh! lá! lá! *(Quer imital-a e é forçado a parar, porque lhe vem uma dor aos rins.)*

CLAVIÈRES

Cuidado com a machina.

VEAUCOURTOIS *(inquieto, desorientado, buscando coordenar as idéas.)* O que ia eu dizendo?

CLAVIÈRES *(servindo-lhe de ponto)*

Que estava a lavar a roupa!

VEAUCOURTOIS *(subindo)*

Ah! bem!... É verdadeiramente ideal... vão por si mesmo desenganar-se.

CLEMENCIA

Então trouxe comsigo o tal prodigio!...

VEAUCOURTOIS

Podéra não!... *(Ao F., gritando)* Ó Nina, entra cá. *(Desce)* O nome d'ella verdadeiramente é Claudina Trouillon... mas eu baptisei-a logo com o nome ar-

tistico de Nina... Nina Troioni, que é mesmo de fazer furor n'um cartaz. Nina!... *(Adoçando a voz.)* Nina mia!

CLAVIÈRES

Não quer entrar?

VEAUCOURTOIS

Está ainda um pouco selvagem... mas depois de eu a educar...

MORTEMER

Então é preparar as cem trombetas da fama.

SCENA IX

OS PRECEDENTES e NINA

VEAUCOURTOIS

Bravo! Eis ahi a Nina! eis ahi a Nina!

NINA *(vestida de lavadeira)*

Então o que é que me querem?

VEAUCOURTOIS

Ora imaginem o que ella será a entrar em scena.

CLAVIÈRES *(sentado á E. assim como Mortemer)*

Anda cá, não tenhas vergonha, minha perdiz do matto...

NINA *(rindo estupidamente)*

Ora esta!... perdiz!... está a caçoar comigo...

VEAUCOURTOIS *(enthusiasmado)*

Que ingenuidade! Canta lá outra vez o que ha pouco estavas cantando.

NINA *(rindo estupidamente)*

E quanto é que eu vou ganhar?

NANCIA

Já quer escriptura!...

VEAUCOURTOIS

Revela-se a artista... que arrogante independencia!

CLEMENCIA

Vamos lá, damos-te um vestido e não será mau negocio...

NINA

E uma touca?

ANTONIA

Pois sim!

NINA

Visto isso, lá vae. *(Canta. Veaucourtois acompanha-a, batendo o compasso extasiado.)*

VEAUCOURTOIS

Ah! bravo! divina! *maravigliosa!*

CLAVIÈRES

Escorcha um pouco os ouvidos.

VEAUCOURTOIS

Mas se é um fructo ainda verde... Quando eu a tiver educado, como fiz á Farinelli... *(Á Rebeca)* porque não sei se sabem que fui eu que eduquei a Farinelli.

REBECA *(fugindo)*

Bem sei, bem sei.

VEAUCOURTOIS *(a Mortemer)*

Em 1845 andava ella a vender phosphoros.

MORTEMER *(esquivando-se)*

Sim! sim!

VEAUCOURTOIS *(a Clemencia)*

Fiz que a escripturassem na Opera, e...

NINA

Tenho uma fome, que nem vocês sabem.

VEAUCOURTOIS *(encantado)*

Tem fome!

CLAVIÈRES

Tem todos os dotes do officio...

CLEMENCIA

Levem-na á cosinha.

VEAUCOURTOIS

Isso mesmo.

CLEMENCIA *(a Mortemer)*

Se quer esperar um instantinho, vamos todas arranjar alguma roupa para os seus protegidos... Venha ajudar-me, sr. de Nancia. *(Sae pela D. com Luiza, Rebeca e Nancia durante o resto da scena.)*

MORTEMER

Beijo-lhe as mãos, minha senhora!

ANTONIA *(a Nina)*

Anda comigo, rapariga. *(Leva-a pela E.)*

NINA

E ha de dar-me uma pinguinha do bom, sim?

ANTONIA

Quanto quizeres. *(Sae com ella.)*

VEAUCOURTOIS

Uma pinga do bom! que mestria! É seguramente ideal. *(Seguindo Nina com a vista e applaudindo-a.)* Bravo! bravo! Nina!

SCENA X

MORTEMER, CLAVIÈRES e VEAUCOURTOIS

MORTEMER *(comsigo mesmo)*

Escapei-me a dar a morada dos pobres! *(alto)* Deixemo-nos de *divas* e conversemos agora como amigos. Pelo que vejo, vocês são intimos d'esta casa? *(Senta-se á mesa).*

CLAVIÈRES *(o mesmo)*

Pois não o vês?

VEAUCOURTOIS

Uma casa precisa sempre de um estranho para a alegrar.

MORTEMER

E vocês estão aqui a titulo de parentes ou de amigos?

CLAVIÈRES

De uma e outra cousa. Veaucourtois é primo da sr.ª de Chavenay.

VEAUCOURTOIS

E até se vê que nos parecemos.

CLAVIÈRES

E Chavenay é meu amigo desde a infancia.

MORTEMER

Guapa guarnição tem o castello! E quem é esse tal Chavenay?...

CLAVIÈRES

É filho do general...

MORTEMER

E a mulher?...

VEAUCOURTOIS

É uma... uma... é da minha familia... uma... uma... não me occorre agora o termo. *(Busca recordar-se.)*

CLAVIÈRES *(a Mortemer)*

Uma d'Affranville...

MORTEMER

Casados ha?...

CLAVIÈRES

Dezoito mezes!...

MORTEMER

Casamento de conveniencia?

CLAVIÈRES

De inclinação.

MORTEMER

Então este Chavenay é um homem...

CLAVIÈRES

Verdadeiramente encantador!...

MORTEMER

E a trigueirinha?...

VEAUCOURTOIS *(que se lembra afinal)*

Agora me lembra! é uma d'Affranville!...

CLAVIÈRES

Isso já se disse!

VEAUCOURTOIS

Então porque o perguntam de novo?

CLAVIÈRES *(levantando os hombros)*

Ah! velho massador! *(A Mortemer)* A trigueirinha é madama Du-Bourg.

MORTEMER

Tambem casada?

CLAVIÈRES *(suspirando)*

Por minha culpa!

MORTEMER

Oh!

CLAVIÈRES

Estava para casar comigo... Mas tu sabes que prefiro a tudo a paz da minha vida... A idéa de algemar a minha liberdade de rapaz solteiro, fez-me estremecer... rompi... e Du-Bourg foi por ella escolhido para se vingar de mim.

MORTEMER

Então o tal Du-Bourg é uma pobre creatura?

CLAVIÈRES

Puff!... um marido... nem tu sabes.

MORTEMER

São casados ha dois annos?...

CLAVIÈRES

Ha tres!

MORTEMER

Das duas mais moças, uma, segundo creio, é irmã de Chavenay?

CLAVIÈRES

Mas nascida de segundas nupcias.

MORTEMER

Conheci a segunda mulher d'este... Por signal, que era uma galante mulher loura, que morreu inda muito nova!

CLAVIÈRES

Era a mãe de Antonia... A outra rapariga é casada ha seis semanas com aquelle Troénes, que estragou todos os seus bens...

VEAUCOURTOIS

Por causa da Florina!

MORTEMER

Então pois ainda na lua de mel?

CLAVIÈRES

Mas lua já eclipsada...

MORTEMER

Pela indifferença da mulher...

CLAVIÈRES

Peior do que isso! por aborrecimento do marido.

MORTEMER

Excellente! de maneira que n'esta mansão ornada de tantas graças, vocês andam á caça com os maridos e galanteiam as mulheres! Ah! maganões!

CLAVIÈRES

Aquellas...

MORTEMER

Pois quê?!...

CLAVIÈRES

Nunca! nunca!

MORTEMER *(zombeteando)*

Ah! meus hypocritas! Vocês pertencem á amavel confraria dos solteirões, em que tenho a honra de estar inscripto. E reparem que estamos no mez de outubro. Ora o que se passa na alma dos solteirões n'este mez critico sei-o por experiencia... A alma treme de frio e procura agasalhar-se.

VEAUCOURTOIS

Eu, tremer de frio!

MORTEMER

Deixemo-nos de historias, todos vocês começam a

andar enregelados... Principia o vento frio, vão regressar a Pariz com brevidade, e não podem sem sentirem calafrios, pensar n'estes aposentos glaciaes, onde vão passar o inverno, com o coração vasio, sem terem sequer uma brasa de amor, d'onde possam tirar uma centelha!

VEAUCOURTOIS

Cá por mim, tenho uma fornalha ardente ao meu dispor... Todo o corpo de baile da grande Opera...

CLAVIÈRES

E a caridade felizmente não se acabou de todo na grande capital.

MORTEMER

Bem sei... mas não é este o fogo que pode aquecer aprasivelmente o lar domestico. É do conchego da familia que lhes eu fallo, meus amigos.

CLAVIÈRES

E para que trazes tu agora todas essas reflexões sentimentaes acerca do lar domestico?

MORTEMER

Ah! meus amigos! Não ha no mundo liberdade mais doce e mais completa do que a nossa... Mas assim como os fructos mais deliciosos e sasonados teem ás vezes escondido na polpa o seu vermesinho... assim tambem o nosso querido celibato tem o seu, que ao cair das folhas, apparece, e se revela com circumstancias dolorosas. *(Em pé.)* Um bello dia d'estes primeiros frios de inverno, quando Pariz inteiro volta a Pariz... achamos-nos sós, com o charuto na bocca, no *boulevard,* ao pé do *café Riche* das seis para as sete horas da noite... Dizemos então comnosco: «Onde hei de eu ir jantar? Ao *restaurant?* Já o não posso tolerar! Ao *club?* Ouvir, responder, conversar! Basta ser con-

demnado a passar ali a noite! Mas onde é que eu hei de ir jantar hoje?» N'este momento chega um amigo que vem com muita pressa! «Onde vaes? Olha lá, vem jantar hoje comigo, vem fazer-me companhia.» «Não posso, porque minha mulher já a estas horas está impaciente por me ver entrar.» «Pois bem! Que espere por ti algumas horas.» «Que dizes? E o meu pequerrucho que está agora mesmo com o terceiro dente! Agradeço-te o favor, outra vez será! Até depois!» E eil-o ahi vae a correr pelo *boulevard*... Nós sorrimos com um certo desdem de celibatarios... Espera-o a mulher com o jantar já prompto... O pequenito está na sua primeira dentição! Pobre homem! Mas a pouco e pouco o sorriso nos expira nos labios... porque começamos a entrever n'uma visão meio ideal, uma sala de jantar, clara, elegante, *confortavel*... O fogão a crepitar em honra do dono da casa... começamos a ver a mulher que anda inquieta, ora assomando á janella, ora olhando impaciente para o relogio... a creancinha loira, que balbucia do alto da escada: «Mamã, ahi vem o papá.» E o frio continua, adensa-se o nevoeiro, as carruagens voam no seu rodar interminavel... e nós... estamos sosinhos, absolutamente sós... horrivelmente sós!...

CLAVIÈRES

É certo que algumas vezes...

VEAUCOURTOIS

Principalmente quando neva.

MORTEMER

Pois meus amigos, querem saber o que é para nós este accesso de melancholia?

CLAVIÈRES

É o *spleen!*

VEAUCOURTOIS

É a *grippe!*

MORTEMER

Nada d'isso... É a nostalgia do lar domestico.

CLAVIÈRES

Começas pois a desejar uma familia... uma mulher?...

MORTEMER

Entendamo-nos. Eu não fallei do casamento que é o *vinculo;* disse apenas: o *lar domestico,* fructo precioso d'aquella instituição. Ah! a natureza é próvida e conhece a fundo o nosso lado vulneravel. Não podendo levar-nos pelo sentimento, vem abrir-nos brecha no egoismo...

CLAVIÈRES

Queres dizer que tratemos de nos casar?

MORTEMER

É tarde!...

CLAVIÈRES *(a Mortemer)*

Então o que pretendes que façamos?

MORTEMER

É facil adivinhal-o. O que fazem todos os solteirões; desde o demonio, que tentou a Eva no paraizo e que era o decano dos celibatarios.

CLAVIÈRES

Forragear em paiz alheio?

MORTEMER

Aproveitar para nossa commodidade o lar domestico dos outros.

CLAVIÈRES

Oh! E julgas porventura que podemos achar aqui...

MORTEMER

Com certeza, tu e eu, o nosso abrigo durante o inverno...

CLAVIÈRES

Tambem tu?

MORTEMER

É claro que não vim cá para outro fim!

CLAVIÈRES

Eu sempre disse que o incendio e a subscripção...

MORTEMER

E que tem isso, mendigo por minha conta... o verdadeiro incendiado sou eu!

CLAVIÈRES

Ah! perverso!... agora adivinho porque nos estiveste pedindo informações...

VEAUCOURTOIS

Mas eu queria dizer...

CLAVIÈRES

Vejam como elle vae depressa!...

VEAUCOURTOIS

Mas eu queria ha pouco dizer...

CLAVIÈRES

Sempre a mesma cega-rega!...

MORTEMER

Porque não seria eu agora o que sempre tenho sido?

CLAVIÈRES

Quem sabe? Cada dia que passa traz uma nova ruga, um novo cabello branco.

MORTEMER

Quem é que acredita n'isso... Posso eu porventura envelhecer?

VEAUCOURTOIS

É verdade, quem póde envelhecer?... mas eu dizia ha pouco...

CLAVIÈRES

Os annos porém correm, apesar da nossa lucta com a velhice...

MORTEMER

É um preconceito. É luctar, luctar sem remissão. Ha um duello perpetuo entre mim e a velhice!... Eu bem a ouço exclamar: «Eis-me aqui! Adeus amores, que te encantavam a existencia...» e eu respondo-lhe: «Pois sim, o amor continua a ser o meu nume tutelar, e armado com as suas frechas hei de levar-te de vencida.»

CLAVIÈRES

Está-me dando vontade de fazer outro tanto. Podes-me dizer qual d'estas senhoras...

MORTEMER

Por ora todas estão recenseadas... Depois é que hei de proceder á eleição...

CLAVIÈRES

Mas é empreza difficil de conseguir, que te abram as portas de tantas casas?...

MORTEMER

Hão de abrir-se!

VEAUCOURTOIS

Queria eu dizer...

CLAVIÈRES *(deixando Veaucourtois)*

E com o Chavenay, que te sabe das heroicidades?

MORTEMER

Ha de ser elle o proprio que me ha de convidar...

CLAVIÈRES

Só me falta ver isso!...

MORTEMER

Vaes talvez presenceal-o, porque sinto gente e póde ser que seja Chavenay...

CLAVIÈRES

Acho tudo isto admiravel... vou seguir o teu exemplo.

VEAUCOURTOIS *(desesperado por não ter podido falar)*

Então, com mil diabos, não me deixam falar?

CLAVIÈRES

Desembucha!

VEAUÇOURTOIS

Digo que... já nem eu sei o que ia a dizer.

SCENA XI

OS PRECEDENTES, CLEMENCIA, LUIZA, REBECA, ANTONIA *com diversos objectos de vestuario*, NANCIA, CHAVENAY. DU-BOURG *vestidos de caçadores;* VEAUCOURTOIS *sae durante a scena;* UM CREADO.

CLEMENCIA

Trazemos tudo o que podémos achar! *(a Chavenay)* Olha, querido, o sr. de Mortemer, de cuja visita te fallei ha pouco.

CHAVENAY *(a Mortemer, que o cumprimenta)*

É o sr. Didier de Mortemer, que tenho a honra de cumprimentar? *(Clavières, Du-Bourg, Mortemer, Nancia e as damas junto da mesa, onde se collocam os vestuarios.)*

MORTEMER

Sim, sim!

CHAVENAY

Não tenho a honra de o conhecer pessoalmente, mas tenho ouvido muitas vezes fallar do sr. de Mortemer.

CLAVIÈRES *(áparte)*

Temol-a travada!

MORTEMER

Espero que madame de Chavenay, me permittirá a honra de lhe trazer noticias dos meus protegidos e os testemunhos da sua indelevel gratidão.

CLEMENCIA *(olhando para o marido um pouco enleiada)*

Partimos esta noite para Pariz.

MORTEMER

E eu parto depois de amanhã, minha senhora... e se me auctorisa a dar-lhe parte logo que eu chegar...

CHAVENAY *(a sua mulher, que vae a acceitar)*

Seria uma exigencia demasiada... se me permitte serei eu que terei o gosto de lhe fazer uma visita, sr. de Mortemer.

CLAVIÈRES *(áparte)*

Derrotado!

MORTEMER

Ha apenas uma pequena difficuldade! É que não sei ainda ao certo para onde irei morar... É um inconveniente dos celibatarios errantes como eu.

CLAVIÈRES *(áparte)*

Ah! que grande mentira! Ha dez annos que assistimos juntos na mesma casa!

CHAVENAY *(olhando para Mortemer surprehendido da insistencia d'este.)* Muito bem!

MORTEMER

Parece-me pois, que devo ser eu o primeiro.

CHAVENAY

N'este caso, só tenho a assegurar-lhe que será recebido em minha casa como se recebe um cavalheiro. *(A partir d'este momento, Chavenay segue sempre com a vista a Mortemer.)*

MORTEMER

Mil agradecimentos, sr. de Chavenay. *(Baixo a Clavières.)* Resistiu com alguma tenacidade, mas caiu em meu poder!

ANTONIA *(do F. com o criado, que traz trouxas de roupa)*

Onde quer que lhe mandemos isto?

MORTEMER

A casa do nosso parocho, minha senhora, se não ordena o contrario... Elle fará chegar tudo ao seu destino, juntamente com o producto da subscripção. *(Entrega-lhe o dinheiro.)*.

CLEMENCIA

Entendeste bem, Antonia?

MORTEMER *(cumprimentando para sair)*

Agora, minha senhora...

NANCIA *(detendo-o)*

Peço-lhe o favor de cumprir a sua promessa, indicando-me o domicilio...

MORTEMER

O domicilio?...

NANCIA

Dos seus pobres... dos seus protegidos...

MORTEMER

Ah! Mil perdões! É verdade. *(Áparte.)* Quer por força a morada dos meus pobres. *(Alto.)* É difficil...

é no meio dos campos... uma casinha isolada... Era necessario desenhar um plano... dos campos... das estradas... mas hei de ainda ter o gosto de o ver, porque somos visinhos e então... *(Vae a estender-lhe a mão, Nancia inclina-se cortezmente, mas com frieza, sem lhe apertar a mão e vae para junto de Chavenay, um pouco desconfiado. Mortemer, comsigo mesmo.)* Hein! Estendo-lhe a mão e... *(A Clavières.)* Quem será este bonifrate?

CLAVIÈRES

É Nancia.

MORTEMER

Começa a fazer-me mal aos nervos. *(cortejando Chavenay e Du-Bourg.)* Meus senhores... *(Ás senhoras)* Minhas senhoras...

CHAVENAY *(Áparte a Nancia)*

Sympathisa com este homem?

NANCIA *(Áparte a Chavenay)*

De modo nenhum!

CHAVENAY

Então estamos de accordo.

VEAUCOURTOIS *(correndo)*

Acúdam! acudam!

TODOS

O que foi?

VEAUCOURTOIS *(fóra de si)*

A Troioni está muito mal... comeu sobre posse.

CLAVIÈRES

Está visto!... Começa bem para cantora. *(Mortemer ao F. cumprimenta, sempre seguido com os olhos por Chavenay e Nancia.)*

FIM DO 1.º ACTO

ACTO II

Sala em casa de Chavenay. Portas lateraes á D., E. e nos dois angulos. Ao F. fogão com duas causeuses. Piano á D. com o teclado voltado para o meio da sala, assaz distante da parede para deixar uma passagem. A 1.ª porta á D. é a da casa de jantar. A 2.ª porta é a entrada. A 1.ª porta á E. é a porta d'um aposento, a 2.ª do mesmo lado é a do gabinete de Chavenay. No meio jardineira cercada de cadeiras. Á E. uma mesa pequena com taboleiro de xadrez. Poltronas, sophás, etc., etc. É noite, depois de jantar.

SCENA I

CHAVENAY e DU BOURG

CHAVENAY *(saindo da casa de jantar)*

Podes entrar. Aqui estamos sós. Emquanto as senhoras acompanham minha mulher nos seus aposentos, podemos conversar.

DU-BOURG

Então temos mysterio... Aonde queres tu chegar?

CHAVENAY *(sentado á mesa, defronte de Du-Bourg, que está sentado do outro lado.)* Meu amigo, ha trez annos que és casado. Pensaste alguma vez a sério no casamento?

DU-BOURG

Antes ou depois d'elle?

CHAVENAY

Depois.

DU-BOURG

Acho-me enleiado para responder-te... Eu sei cá...

Supponho que me casei para seguir o exemplo de toda a gente... Casei, é verdade, com uma mulher gentil e com bom dote, porque sempre é mais agradavel... gosto d'ella a mais não poder... e empenho-me em a fazer feliz...

CHAVENAY *(interrompendo-o)*

E dormes socegado?

DU-BOURG

Com o somno d'um Cherubim.

CHAVENAY

Mas tu, Du Bourg, tambem tiveste algumas borrascas na juventude e deves confessar que te casaste para pôr termo aos teus desregramentos.

DU-BOURG

Exactamente como todos os homens.

CHAVENAY

Sim, como todos os homens... mas tua mulher casou-se para dar principio á sua carreira, como todas as mulheres.

DU-BOURG

Apre!

CHAVENAY

É a verdade pura... E julgas tu facil a concordia entre o homem, que repousa sob os myrthos conjugaes, e um coração, que á sombra d'elles principia a pulsar impaciente?

DU-BOURG

Vejo que não estás esta noite demasiado jovial!...

CHAVENAY

É que sinto uns estremecimentos, que me annunciam catastrophe... Preciso do teu auxilio, meu amigo,

para que se não vire em cima de mim o carro conjugal... Entende-se que retribuirei o teu serviço com serviço egual.

DU-BOURG

Mas por que indicios imaginas tua mulher chegada a semelhante situação?

CHAVENAY *(interrompendo-o)*

Meu Deus! por mil symptomas! Em primeiro logar tem caprichos, excentricidades, enxaquecas, mal de nervos, lagrimas sem causa e risos sem motivo... Depois acha prazer em discutir e disputar com o proposito ardente de me obrigar a alguma pequena represalia e declarar depois offendida a sua dignidade. Depois o desejo ardente de me abraçar, exclamando: «Apesar de tudo tenho-te um amor affectuoso...» em tom que litteralmente significa: «Mas tenho necessidade de me convencer a mim proprio d'este amor, para me confirmar n'este sentimento... Depois um pudor meticuloso e affectado!... Depois um desejo de ser mãe levado quasi ao delirio... a monomania da maternidade, depois um olhar avido e invejoso, quando vê passar as amas com as creanças... e esta lastima da exclamação para mim pouco lisongeira: «Eis ali a verdadeira felicidade!...» N'uma palavra, mil coisas que tu has de conhecer tão bem como eu, pois que a ambos nos illumina o mesmo quarto de lua com os seus reflexos amarellados!

DU-BOURG

A mim de certo não! Rebeca!... minha mulher!... Essa lê romances e frequenta as egrejas devotamente...

CHAVENAY

Esquecia-me de dizer-te... Accrescenta á lista mais um symptoma decisivo... Reverdeceu-lhe a devoção

d'um modo que faz tremer... porque me lembram as tentações e os remorsos que pressupõe a piedade exaggerada... Agora, mais desesperado que nenhum outro, o ultimo symptoma, o terrivel, o nefando!...

DU-BOURG

Qual é?

CHAVENAY

É a apparição d'um celibatario n'esta casa!

DU-BOURG

Ah!

CHAVENAY

Ah! meu amigo, o celibatario n'uma familia é como o oidium n'uma vinha!... quando o celibatario apparece!... O celibatario é presente a todos os casamentos... Aposto que assistio ao teu... foi o primeiro que assignou o assento parochial e quem dirigio a tua mulher as primeiras saudações... e com que sorriso!... Nos primeiros mezes da tua felicidade conjugal, o celibatario desappareceu, esperando com paciencia a sua hora!... Uma noite... noite infausta, vêl-o surgir de novo em tua casa... andou a farejar de longe o teu lar, ainda enfeitiçado de amores e de sorrisos... E quando julgou amadurecido o pomo cubiçado... eil-o radiante com seus trajes de cerimonia e a sua gravata branca, com este gesto insolente que está dizendo: «Agora, amigo, chegou a minha vez! Mil graças pela diligencia com que me reservastes um talher á vossa meza.»

DU-BOURG

Não posso dissimular que sinto gelo a derreter-se-me na medula.

CHAVENAY

Emquanto a questão se reduzio ao primo Veaucourtois e ao amigo Clavières... vá... não havia de que

affligir-me... mas apenas vi este devasso... conhecido e julgado... este Mortemer, arrombar-me quasi a porta, disse eu então comigo: vou entrar de sentinella! Ha seis semanas que estamos em Pariz e ando a espiar a chegada da raposa... Demasiado experiente e astucioso, era claro que não viria desmascarar o jogo, que intentára com uma visita precipitada... Foi na segunda feira passada que se apresentou em minha casa... Eu estava impassivel no meu posto... Voltou na quinta feira... E eu de sentinella!... Vem cá esta noite... E eu sempre firme na defesa da minha cidadella...

DU-BOURG

E até agora observaste alguma coisa?

CHAVENAY

Nada... Elle anda á roda das senhoras... como o lobo no redil hesitando na escolha das ovelhas... mas o cerco vae estreitando dia a dia... em volta de Clemencia!... Diverte-a a aprasivel conversação d'aquelle homem agradavel... Emquanto ella o disser, bem vae o negocio... mas quando ella o não disser... então será o perigo mais tremendo... E para que não chegue esse momento, conto com o teu auxilio, meu Du-Bourg.

DU-BOURG

De que modo?

CHAVENAY

Eu tenho cá um plano. Minha mulher anda aborrecida... Elle diverte-a...

DU-BOURG

Vamos!...

CHAVENAY

Minha mulher é curiosa a mais não poder ser...

DU-BOURG

Vamos!...

CHAVENAY

Pois bem... intento leval-a por este seu lado vulneravel, — a extrema curiosidade, e já esta noite...

DU-BOURG

Vem ahi gente!

CHAVENAY

Silencio!

SCENA II

CHAVENAY, DU BOURG, NANCIA e UM CREADO

CREADO *(annunciando)*

O sr. de Nancia.

CHAVENAY

Olá, temos Nancia!

NANCIA *(entrando e apertando-lhe a mão)*

Eu mesmo, meu caro.

CHAVENAY

Que bom vento o trouxe aqui? Sei que não costuma estar em Pariz senão no fim do anno!

NANCIA

D'esta vez antecipei um pouco a minha vinda. Tenho um negocio serio... Tomei uma grave resolução, a que o sr. de Chavenay não póde ser estranho!

CHAVENAY

Eu! *(Du-Bourg vae ao F. da scena folhear os albuns do piano.)*

NANCIA

A seu tempo lhe explicarei isto. Como está a sr.ª de Chavenay?

CHAVENAY

D'aqui a pouco poderá cumprimental-a, assim como á sr.ª Du-Bourg, que nos fez o favor de jantar hoje comnosco... Tambem aqui verá Troenes e sua mulher. Vieram passar comnosco todo este inverno. E estimo tel-os em minha casa para ver se alcanço corrigir aquelle estouvado...

NANCIA *(depois de olhar em volta de si)*

E sua irmã, sr. de Chavenay?

CHAVENAY

Antonia... Anda enthusiasmada com os encantos de Pariz... Assim era d'esperar de quem ha tão pouco tempo escapou á clausura do convento... Esta noite vae ella á opera!

NANCIA

Sem o sr. de Chavenay?

CHAVENAY

A sr.ª de Luz, que assiste em o nosso predio e cuja filha foi condiscipula de Antonia, desejou levar as meninas á opera... Era a primeira vez que Antonia ia ao theatro... não podia negar-lhe este prazer.

NANCIA

Não terei pois a honra de lhe apresentar esta noite os meus respeitos.

CHAVENAY

Terá occasião de vel-a ámanhã, quando vier fallar comigo ácerca d'este grave negocio... que me interessa e que me é facil talvez adivinhar.

NANCIA *(com vivacidade)*

Não adivinha...

CHAVENAY

Permitte-me que falle d'isto na presença de Du-Bourg?

NANCIA

Seguramente. *(Du-Bourg vem para ao pé dos dois.)*

CHAVENAY

Pois então direi que o sr. de Nancia vem a Pariz pedir a mão de uma menina... Hein? É certo?

NANCIA *(enleiado)*

Com effeito... trata-se de...

CHAVENAY

D'uma menina a quem o sr. de Nancia dedica o seu amor... e que talvez lh'o retribua?

NANCIA *(commovido)*

Parece-me que ao menos não lhe sou de todo indifferente. Mas, conhece-a?

CHAVENAY

Um pouco... Parece-me que é minha irmã Antonia.

NANCIA

Adivinhou.

CHAVENAY

Ora vamos, meu rapaz! falle claro... Ha tres mezes que estou á sua espera para lhe dar um *sim* affectuoso!

NANCIA

Agradeço-lhe cordealmente, sr. de Chavenay... mas em verdade, não me dá tempo de dizer-lhe...

CHAVENAY

O que?

NANCIA

Que esta questão não depende apenas da sua amizade e do meu amor...

CHAVENAY

Então que temos?

DU-BOURG

Vejo que devo retirar-me... *(indo a sair.)*

NANCIA *(detendo-o)*

Peço-lhe que fique... A presença de um homem de honra não é demais no momento em que se trata de uma quasi confidencia...

CHAVENAY

Confidencia?... Qual é, meu caro Nancia?

NANCIA

É que o nome que me deu n'este momento, não é infelizmente o meu!

CHAVENAY

Pois não se chama o sr. de Nancia?

NANCIA

É apenas o nome de uma propriedade territorial!

CHAVENAY

E o seu appellido, qual é?

NANCIA

O appellido... Não uso d'elle por um escrupulo que talvez lhe pareça exaggerado... e que todavia se me afigura natural... Parece-me que um homem não póde usar legitimamente senão do appellido de seu pae. Ora minha mãe... minha mãe vivia separada de seu esposo... depois de um erro de que eu sou o lastimoso documento... Ai! minha pobre mãe... expiou tão amargamente aquella culpa que só conservo d'ella a saudosa memoria da sua bondade inimitavel... Apenas soube a verdade, conheci que usava o appellido de um homem que me não era nada... Tinham-lhe roubado a honra... Era uma affronta nova que eu lhe usurpasse o nome de familia... O nome de meu ver-

dadeiro pae... não o sabia... E demais, que direito podia eu ter para usal-o? Resolvi-me a adoptar como appellido o nome de uma das minhas propriedades ruraes... Eis aqui, por que razão me chamo de Nancia para todo o mundo, excepto para o sr. de Chavenay, a quem devo a verdade inteira... para que decida se ella póde ser um obstaculo á minha suspirada felicidade.

CHAVENAY

Já tinha confusas noções ácerca d'esse caso... E via n'isto apenas uma pequena difficuldade, que havemos de vencer sem grande custo. Qualquer que seja o titulo por que este nome lhe pertença, é o nome de um homem honrado... e é ao homem honrado que eu dou a mão de minha irmã... Por conseguinte...

NANCIA

Poderei lisongear-me pois de esperar?

CHAVENAY *(dando-lhe a mão)*

Tudo!

NANCIA *(apertando-lhe a mão com effusão)*

Ah! sr. de Chavenay! é o melhor dos homens!

CHAVENAY

E dos cunhados! Quer que previna, esta noite, minha mulher?

NANCIA

Ainda não... peço-lhe que não diga uma só palavra antes de eu fallar a sua irmã... Era dever meu, sr. de Chavenay, pedir-lhe a mão de sua irmã... mas o coração só ella o póde dar...

CHAVENAY

E quer que o auctorise a fazer a côrte a minha irmã?

NANCIA

Seria mais uma fineza!

CHAVENAY *(a Du-Bourg)*

São adoraveis estes pobres enamorados! Ha tres mezes que elle anda a fazer a corte a Antonia...

NANCIA

Dou-lhe a minha palavra de honra que lhe não disse ainda coisa alguma...

CHAVENAY

Bem sei... Mas apesar de isso, minha irmã comprehendeu-o facilmente... Ora vamos, meu rapaz... Tem licença para fazer a sua conquista. *(A Du-Bourg.)* Eis aqui mais um marido em perspectiva.

NANCIA

Que diz?

CHAVENAY

Não é nada! É uma reflexão entre nós ambos. Ah! Ahi veem as senhoras.

SCENA III

OS MESMOS, CLEMENCIA, LUIZA e REBECA

CLEMENCIA *(entrando pela E, seguida de Rebeca e Luiza)*

Ah! o sr. de Nancia?!

NANCIA

Permitte, minha senhora, que eu lhe aperte as mãos como um verdadeiro camponez? *(Aperta-lhe as duas mãos.)*

CLEMENCIA

Que amavel surpresa! Não o esperavamos tão cedo por cá! *(Nancia vae ao F. para cumprimentar as outras duas senhoras que se sentam ao fogão.)*

CHAVENAY *(só com sua mulher na ante-scena, ao meio)*

Grandes interesses o trazem a Pariz.

CLEMENCIA

Negocios porventura?

CHAVENAY

Do coração... mas é tão discreto...

CLEMENCIA

Aposto que é Antonia... não é verdade?

CHAVENAY

Então já sabe?

CLEMENCIA

Julga-me idiota? *(Vae ao F. da scena.)*

CHAVENAY *(a Du-Bourg, sentado á D. diante do piano*

Reparaste n'esta amostra da sua amabilidade?

NANCIA *(a Rebeca)*

Tem continuado sempre a soffrer?

REBECA

Ainda.

CLEMENCIA *(a Nancia)*

O sr. de Chavenay devia ter-nos ha mais tempo annunciado a sua visita, sr. Nancia...

CHAVENAY *(a Du-Bourg)*

Vê lá, Du-Bourg... d'antes chamava-me *Gastão*... agora sou o sr. de Chavenay.

DU-BOURG

Mas, Rebeca, a mim continua a chamar-me sempre Anatolio.

CHAVENAY

Isso não é prova de grande peso, vamos lá.

SCENA IV

OS PRECEDENTES e TROÉNES

(Troénes entra pela mesma porta por onde entraram as damas)

CHAVENAY

Ora ahi temos o nosso Troénes, que agora mesmo acaba de fumar! *(Nancia e Troénes apertam a mão.)*

TROÉNES

Pois como hade a gente matar o tempo... Falta só prohibir-me esta liberdade.

CHAVENAY *(a Du-Bourg)*

Ainda não poude engolir de todo o ser declarado interdicto judicialmente. *(Vae ter com as senhoras.)*

TROÉNES

Julga talvez que me divirto muito em casa d'elle!

NANCIA

Não faltam n'esta casa pessoas bem amaveis...

TROÉNES

O que?! Pois isto são lá mulheres que possam associar-se ás nossas extravagancias de rapaz...

NANCIA

Longe de mim o pensar sequer em tal...

TROÉNES

Quando me lembro da Florina, da Crevette, da Cocotte... Ai! que mulheres! que demonios de enfeitiçar!

NANCIA *(zombando)*

Acredito piamente...

TROÉNES

Aquillo é que são mulheres.

NANCIA

Pois nem a sr.[a] de Troénes lhe parece merecer uma excepção? Não lhe aprecia as graças e os encantos?

TROÉNES

Sim... não nego que é sympathica...

NANCIA

É formosa...

TROÉNES

Sim... formosa... é sim!

NANCIA

É boa, e docil por condição...

TROÉNES

Será tudo quanto quizer... mas não tem *chic*.

NANCIA *(comsigo mesmo)*

Como Crevette... *(Vae para o grupo onde estão todos ao pé do fogão, emquanto Troénes, que o acompanhava, se vae sentar na meza da D. e se entretem diante do xadrez, voltando as costas a toda a gente.)*

REBECA *(ao fogão, continuando o dialogo)*

Pois não acha bonito este romance?

CHAVENAY

Puh!

DU-BOURG

Que romance?

REBECA

O que me emprestou o sr. de Mortemer.

NANCIA

Já tornou a ver esse cavalheiro?

CHAVENAY *(descendo)*

Algumas vezes... á noite.

NANCIA *(zombando)*

E ainda continua a mendigar?...

CHAVENAY *(em pé por detraz do piano, junto de Du-Bourg, continua a folhear os albuns.)* Os suffragios d'estas senhoras. *(Baixo a Du-Bourg.)* Escuta o que ellas vão dizer.

LUIZA

O meu voto foi o primeiro que elle conquistou. *(Olhando para seu marido que faz castellos com as peças do xadrez, voltando as costas á mulher.)* Não póde haver ninguem com maneiras mais distinctas, mais jovial, mais aprazivel, mais cortez!

CHAVENAY *(a Du-Bourg)*

Este cumprimento é para Troénes.

CLEMENCIA *(sentada á D. da mesa e tomando o seu trabalho)*

Com aquelle homem não é possivel que ninguem esteja um instante aborrecida.

CHAVENAY *(baixo a Du-Bourg)*

Agora esta amabilidade é para mim.

REBECA *(descendo para assentar-se á D. e pegando na lã da sua obra.)* E que fogo que lhe resplandece nos olhos... é a tempestade de uma vida tumultuosa... Não custa a perceber como este homem tem sabido inspirar paixões. *(Senta-se.)*

CHAVENAY *(a Du-Bourg)*

Agora o tiro é contra ti.

NANCIA

E veremos esta noite aqui o sr. de Mortemer?

CLEMENCIA

Creio que sim... Virá com meu primo e com o sr. de Clavières.

CHAVENAY *(olhando para o relogio)*

Nove horas. O inimigo deve estar perto dos postos avançados...

DU-BOURG *(em pé, a meia voz)*

Agora dize-me o que intentas fazer com a curiosidade de tua mulher...

CHAVENAY *(escutando sempre)*

Quando elles chegarem...

DU-BOURG

Ouvel-os?

CHAVENAY

Farejo-os. *(Abre-se a porta.)* Ás nossas baterias, meu camarada!... Temos diante de nós o arraial dos celibatarios...

SCENA VI

OS MESMOS, VEAUCOURTOIS, CLAVIÈRES e UM CREADO

CREADO *(annunciando)*

O sr. de Veaucourtois! O sr. de Clavières!

CHAVENAY *(a Du-Bourg)*

O general vem na retaguarda.

VEAUCOURTOIS *(vestido com grande elegancia)*

Bravo! bravo!... Flores na escada!... no vestibulo! *(Emmudece e fica de bocca aberta sem poder continuar.)*

CLEMENCIA

Meu Deus, que tem? *(Levantam-se todos e cercam Veaucourtois, que se senta.)*

CLAVIÈRES

É apenas uma pequena extincção de voz... algumas vezes... Olé! Veaucourtois!

VEAUCOURTOIS *(com voz fraca)*

Não é nada... é a tosse convulsa... a escada é grande... tenho o costume de subir os degraus a quatro e quatro... e depois o sangue reflue-me ao coração com tal vivacidade...

CHAVENAY

É sempre a mesma saude delicada...

VEAUCOURTOIS

Um temperamento de mulher... A saude perfeita é um privilegio dos moços de carregar...

CHAVENAY

Eil-o já restabelecido. *(Cumprimenta as senhoras.)*

VEAUCOURTOIS *(pegando na mão de Chavenay para a beijar.)* E a saude como vae, minha adoravel prima?

CHAVENAY

Menos mal... e a sua?

VEAUCOURTOIS

Perdão... tomava-o por minha encantadora prima... Onde está ella? *(Vae á procura d'ella.)*

CHAVENAY

Está agora mais myope do que ha um mez.

CLAVIÈRES

Pois se passa todas as noites... Onde vae elle? aonde é que elle vae? *(Sobe e atravessa adiante da mesa.)*

VEAUCOURTOIS *(que tem atravessado toda a ante-scena, chega a Troénes e pega lhe na mão.)* Minha querida prima!... Perdão, que me enganei...

CLAVIÈRES *(approximando-se de Veaucourtois e levando-o ao pé de Clemencia.)* Por aqui.

VEAUCOURTOIS

Muito bem! *(cumprimenta Clèmencia.)*

CLAVIÈRES *(voltando á D. e sentando-se n'uma cadeira ao lado de Rebeca.)* Até que achei onde me possa sentar. Passa sempre bem, minha senhora?

DU-BOURG

Minha mulher borda muito bem.

CLEMENCIA *(a Clavières)*

Não vio esta noite ao sr. de Mortemer?

CLAVIÈRES

Vemo-nos todos os dias, porque moramos juntos... sei com certeza que vem cá hoje.

VEAUCOURTOIS *(inclinado ao lado de Luiza, que está a ver os albuns de photographias.)* Que admiravel semelhança!

LUIZA

Conhece?

VEAUCOURTOIS

É Thereza.

LUIZA *(rindo)*

Não é... veja bem!

VEAUCOURTOIS

Falta-lhe só fallar... É Tom Pouce...

LUIZA *(rindo)*

Não é... É um homem visto de costas.

VEAUCOURTOIS

É de uma semelhança inimitavel.

CHAVENAY *(além da mesa e das senhoras)*

Aquella rapariga do seu idyllio piscatorio?...

VEAUCOURTOIS

A minha Nina? É uma perola... mandei-lhe dar lições de canto... Que voz!... Traz me á lembrança a Farinelli.

CLAVIÈRES *(comsigo mesmo)*.

Oh! que massada! Fujamos quanto antes. *(Levanta-se e vae para a extrema D.)*

VEAUCOURTOIS *(a Clemencia)*

Sabe que fui eu quem descobrio a... a... *(Procurando o nome.)* Fraca memoria tenho para os nomes!

CLEMENCIA

A Farinelli, sim, já sabemos. *(levanta-se e safa-se para a D.)*

VEAUCOURTOIS

A Farinelli, sim... que vendia pelas ruas... vendia... vendia... não acho a palavra... vendia...

CHAVENAY

Phosphoros... *(Sobe ao F. da scena.)*

VEAUCOURTOIS *(o mesmo jogo com Du-Bourg, que está vendo o trabalho de Troénes.)* Phosphoros, é verdade... Foi no anno... de... de... Já digo... Que fraca memoria que eu tenho para as datas!

DU-BOURG

Em 1845... Vamos! *(Safa-se.)*

VEAUCOURTOIS

Em 1845... Era o que eu dizia. *(Chegando-se a Troénes.)* Fiz que a escripturassem na opera onde ella teve... teve... teve...

TROÉNES *(safando-se)*

Uma pateada monumental. Por signal estava eu essa noite no theatro.

VEAUCOURTOIS

Uma pateada... presenceou-a!... Não foi assim. *(Sosinho diante do castello das peças do xadrez, para o qual deita a luneta.)* O que eu queria dizer era...

SCENA VI

OS MESMOS, MORTEMER e UM CREADO

CREADO

O sr. de Mortemer. *(Cada um faz seu differente movimento.)*

CLEMENCIA *(a Mortemer que entra)*

Já não o esperavamos esta noite.

MORTEMER *(com bom humor)*

Pois tinha eu a ventura de ser esperado? *(cumprimentando.)* Minhas senhoras... *(cumprimenta Chavenay)* Meu caro sr. de Chavenay!... Meus senhores! Venho agora da opera.

REBECA

Vem? E a cantora que fazia esta noite a sua estreia?

MORTEMER

Bonita, mas fraca.

VEAUCOURTOIS *(sentado á E., 1.° plano, n'uma cadeira pequena, entre as duas mesas, mas adiante d'ellas.)* Verão o que é a minha cantora, a Nina!

CLEMENCIA *(tornando a sentar-se no seu logar)*

Em que ais ha de novo?

MORTEMER

Estava a ponto de lhe dizer uma phrase amavel, minha senhora... mas contenho-me...

CLEMENCIA

Pois o sr. de Mortemer que traz sempre as algibeiras bem providas... de historietas agradaveis e risonhas...

LUIZA *(sentada no seu logar d'onde não sahiu)*

Não ha hoje um dito chistoso?

REBECA *(do mesmo modo)*

Nem um processo divertido?

NANCIA *(na extrema E.)*

Nem um incendio pavoroso?

MORTEMER *(mordendo os labios e contendo-se)*

Nem mesmo incendio... Estou realmente envergonhado... N'esta penuria de noticias talvez me cumpra só fugir!

CLEMENCIA

Deus nos livre... Queira sentar-se... Condemno-o a ter hoje muita graça...

MORTEMER

Se me ajudar, minha senhora!

CLEMENCIA

Então não sahiu hoje de dia, e não percorreu Pariz, como costuma?

MORTEMER

Perdão! Ás onze fui a casa do prefeito tratar da pequena pretenção da sr.ª Du-Bourg. É aquella maldita arvore que nos Campos Elysios lhe intercepta a vista do *Rond-Point,* um dos logares mais aprasiveis d'aquelle sitio.

REBECA

Já vejo que se não esqueceu!

MORTEMER

Ainda que quizesse, não podia.

REBECA

E o prefeito?

MORTEMER

A questão, disse-lhe eu, não é de que a sr.ª Du-Bourg veja das suas janellas a quem passa, senão que todos os que passam pelo *Rond-Point* possam ver e admirar a sr.ª Du-Bourg... A isto o prefeito respondeu: nada pode haver mais justo!

REBECA

Farão pois que a arvore seja decotada?

MORTEMER

Decotada, podada e derribada, se tanto for preciso!

REBECA

Dou-lhe a beijar a minha mão. *(A Du-Bourg.)* Dás licença?

MORTEMER *(a Du-Bourg)*

É facto consumado!

DU-BOURG

N'esse caso, concedo a auctorisação!

MORTEMER

Concluido o negocio da arvore, á uma hora estava eu em campo á procura d'aquella fazenda para vestidos...

CLEMENCIA *(a Rebeca)*

Aquella fazenda elegantissima... do vestido da sr.ª Villodof, ha poucas noites no theatro italiano! Um verdadeiro vestido das *mil e uma noites!*

REBECA

Então?

CLEMENCIA

Desejava eu saber d'onde viera esta maravilha...

MORTEMER

Já consegui todas as informações.

CLEMENCIA

Já?

MORTEMER

A fazenda é da India!

REBECA

E como chegou a saber isto?

MORTEMER

Ahi é que está o meu segredo!

CLEMENCIA

Mas se para alcançar o estofo fosse necessario ir á India?

MORTEMER

Chego de lá agora! *(Apresenta-lhe uma amostra.)*

CLEMENCIA

Ai! Até alcançou a amostra! E poderei ter o vestido?

MORTEMER

Amanhã, pela manhã!

LUIZA

Isto parece um sonho!

CLEMENCIA *(estendendo a mão para Mortemer)*

Uma historia de encantamentos! O sr. Mortemer é uma fada!

MORTEMER

Está feito o relatorio da primeira parte da campanha... No resto da tarde... trabalhei alguma coisa tambem para mim... Fiz algumas visitas... Não me esquecendo do prospecto das minas de carvão de Saint-Florent para o sr. de Chavenay. *(Dá-lhe o prospecto.)*

CHAVENAY

Mil graças!

MORTEMER

Nem dos bilhetes do concerto para a sr.ª de Troénes. *(Dá os bilhetes a Luiza.)*

LUIZA

Até se lembrou de mim!

MORTEMER

Nem d'este famoso retrato, quasi impossivel de encontrar, do general separatista Beauregard, para a collecção do sr. Du-Bourg.

DU-BOURG *(a quem Mortemer dá o retrato)*

Que amabilidade!

CLEMENCIA

É um verdadeiro sol... despede os seus raios para todos os lados e para todo o mundo!... Ás cinco horas foi para casa, não?

MORTEMER *(tornando a tomar o seu logar)*

Onde me estava esperando uma aventura inaudita e singular!

REBECA

Até que temos uma historia!

MORTEMER

Não disse bem... Não era a mim que me esperava a aventura... porque não foi comigo que o caso suc-

cedeu... Foi com um dos meus amigos!... Eu fui apenas testemunha.

REBECA, LUIZA e CLEMENCIA

A historia! a historia!

MORTEMER

Não vale a pena... não ha aqui meninas...

CLEMENCIA *(inquieta)*

Então porque?

REBECA

Ora vamos!

MORTEMER *(de bom humor)*

Ha um cavalheiro que eu designo pelo nome de C... Casou ha um anno com a senhora... a sr.ª B... mulher gentil, talvez um pouco dada ao galanteio, já viuva. A sr.ª B morreu ha pouco tempo. Entre os seus papeis, descobriu o viuvo uma correspondencia entre a defunta e um amigo meu, a quem chamarei A... O viuvo parte furioso para casa d'este ultimo e propõe-lhe um duello a todo o transe... «Ora esta! replica o meu amigo! São coisas em que é preciso pensar maduramente! Porque havemos nós de andar a acutilar-nos um ao outro?» «Inda m'o pergunta? Porque entre o senhor e minha mulher...» «Nunca!» «Mas confessa que é esta a sua letra?» O meu amigo olhando para as cartas responde affoitamente: «Não ha duvida... mas o senhor nada póde ter com isso!» «Nada tenho com isto?!» redargue chammejando o viuvo desventurado! «Raciocinemos friamente, replica o meu amigo: vejamos as datas: 1859! Ora em 1859 a sr.ª C. não era ainda sua mulher!... estava então casada com o sr. B... Era pois logicamente com o sr. B. que eu poderia ter uma pendencia. Não sei pois com que titulo o senhor vem provocar-me n'uma questão que lhe é estranha!» O sr. C.

desorientado pelo raciocinio do meu amigo, pega nas cartas e começa a coçar a orelha! «É verdade! Não tinha reparado... Todavia...» «O que?...» «Eu sempre tenho a minha parte nos resultados d'este episodio.» «Está enganado! Tudo recahiu sobre o sr. B!» «Tem razão, senhor... a borrasca estalou sobre o meu antecessor! Peço-lhe que perdoe importunal-o.» «Não ha de que... Ó João! acompanha este cavalheiro...» E eis ahi o nosso homem satisfeito e jubiloso por ter acontecido mais cedo o que elle suspeitava ter diversa chronologia!

CHAVENAY

O caso é realmente novo!... Haveria muito que discutir ácerca d'elle!

CLAVIÈRES

A questão é evidente... O homem não podia exigir satisfação!

NANCIA *(jogando o xadrez com Du-Bourg, do outro lado da sala, tranquillamente e sem emphase.)* Son justamente de contraria opinião. No caso d'esse homem entenderia eu que desposando aquella senhora, desposava tambem a honra do seu passado. Eu cá, teria morto o sr. A., lançando esta despeza na conta do meu antecessor.

MORTEMER *(sorrindo e olhando tranquillamente para elle)*
Mas seria preciso que o sr. A. se deixasse matar.

NANCIA *(continuando a jogar)*

Teria dispensado o seu consentimento...

MORTEMER

Se conhecesse bem o homem de quem fallo, acharia que o não ha mais brando, nem mais ameno no trato social, mas tambem não o ha mais perigoso e implacavel para quem o offende!

NANCIA

Não o conheço... nem o que ha pouco d'elle se contou me inspira o desejo de o conhecer... nem consagro estima, devo confessal-o, a quem moteja, embora com engenho, a coisa mais seria e santa d'este mundo... a indignação de um homem, que pede reparação dos aggravos á sua honra!

MORTEMER

Parece-me as suas opiniões demasiado austeras para tão verdes annos. O trato social deixaria de existir no dia em que, em nome da honra, divindade intolerante e sanguinaria, se decretasse a abolição do riso e do gracejo.

NANCIA

Pelo contrario, meu senhor. Os ridiculos palpaveis e nocivos de certos homens, que adorando a ociosidade e não querendo ser, por egoismo, nem maridos nem paes, nem cidadãos, vivem perpetuamente, funestos parasitas, no tronco social... proximos sempre de todas as deleitações, sempre longe de todos os deveres.

MORTEMER *(sorrindo sempre)*

Muito bem!

NANCIA

E são tanto mais perigosos os homens de que eu fallo, quanto são obstinados em repellir a velhice, que os saltea!... que na edade, em que nos devem a nós mancebos o exemplo e a edificação, só nos dão o espectaculo de uma creatura ambigua e hedionda, que tem do mancebo a violencia das paixões e do velho a experiencia só do mal.

MORTEMER *(pallido e contendo-se a muito custo. A Veaucourtois.)* A ti pertence responder.

VEAUCOURTOIS *(acordando sobresaltado)*

O que?... Eu...

MORTEMER

Vamos... responde a esta objuração que o sr. de Nancia acabou de arremessar-te.

VEAUCOURTOIS

Acho-a muito... muito... não me occorre agora o termo.

MORTEMER *(em pé)*

Achei-o eu! É admiravel e de uma verdade incontestavel. Não conheço nada mais insolente... *(Nancia levanta-se com vivacidade. Movimento egual de todos.)* do que estes homens que não querem ser da sua edade... Quando eu fôr velho... hei de annuncial-o todos os dias a grandes brados.

CHAVENAY *(comsigo mesmo)*

Não ha duvida. Este homem é incorrigivel. *(Nancia vem ter com as senhoras. Traz-se chá. Clemencia prepara-se para o fazer.)*

MORTEMER *(só na ante-scena com Clavières e Veaucourtois á D.)* Que faz aqui este rapazelho?

VEAUCOURTOIS

Começa a enfastiar-me.

MORTEMER

Creio bem. Atirou contra vocês com bala ardente.

CLAVIÈRES

Contra nós!

MORTEMER

Mas vocês o apanharão a geito.

VEAUCOURTOIS

Sim, sim... havemos de desforrar-nos!

CHAVENAY *(ao F. E., baixo a Du-Bourg)*
Ao teu posto, Du-Bourg.

DU-BOURG

É a occasião! *(Aproximam-se ambos do gabinete e desapparecem pouco a pouco. Veaucourtois atravessa e olha com altivez para o ar, julgando que está ensaiando a Nina, que está ao pé do fogão com Luiza e Rebeca.)*

CLAVIÈRES *(detendo Mortemer, que vae a sair)*
Ora dize! fizeste já a tua escolha?

MORTEMER

Escolha! para que? São todas!

CLAVIÈRES *(o mesmo jogo)*

Mas é que eu... segui as tuas instrucções, entendes?... Eu já escolhi o meu boleto!... E para não haver duplicação...

MORTEMER

É a casa Du-Bourg, não é verdade? *(Clavières faz signal com os olhos.)*

CLAVIÈRES

Fui hontem ver se a encontrava no *Père Lachaise.*

MORTEMER

O sitio é divertido.

CLAVIÈRES

E fui hoje a Saint-Germain des Près... onde fiz prodigios de andarilho... Estou derreado!

CLEMENCIA *(que preparou a chavena)*
Sr. Clavières...

CLAVIÈRES

Minha sr.ª! *(Pega na chavena e vae sentar-se á E. no logar que deixou Veaucourtois.)* Ai! como é agra-

davel sentar-se a gente commodamente a tomar o seu chá como se fosse um mandarim!

SCENA VII

OS MESMOS, menos CHAVENAY e DU-BOURG

MORTEMER *(só, na ante-scena, á D. olhando para Chavenay, que entra com Du-Bourg no gabinete.)* Os maridos retiram! Mas o homemzinho não desampara o posto! Se eu achasse um meio de afastar estes importunos e de ficar só com as mulheres!... *(Vendo Veaucourtois, que pega furtivamente no chapeu de cima do piano.)* Vaes-te embora?

VEAUCOURTOIS

Chut!... Vou ter com a Nina!

MORTEMER

Aonde?

VEAUCOURTOIS

A casa da Florina... Metti-a na sociedade da Florina para lhe dar desembaraço... Ceiamos hoje lá. Vens comnosco?

MORTEMER

Não. Quem tu devias levar era o Troénes.

VEAUCOURTOIS *(olhando para Troénes, que dorme atraz do piano.)* Quem? Esta preguiça do Brazil?

MORTEMER

Dar-lhe-ha tom ás fibras musculares... O rapaz resente-se de estar encarcerado... e a mulher... a modo que lhe não desagradas?

VEAUCOURTOIS *(encantado e olhando para Luiza, que deita assucar n'uma chavena.)* É que eu ainda agora dei-lhe olhado... Pobre rapariguita!... Cá o meu poder todo está nos olhos... *(abrindo um olho fas-*

cinador.) Ólho para ellas assim!... fascino-as! *(Volta ao pé de Luiza, que tem subido. Clavières tomou o logar d'ella para servir-se de rhum e é a Clavières que Veaucourtois fita com amor.)*

CLAVIÈRES

Olha cá... Prohibo-te que venhas magnetisar-me.

CLEMENCIA

Sr. de Mortemer!

MORTEMER

Minha senhora... *(Sobe para tomar o chá.)*

LUIZA *(a Troénes)*

Senhor meu marido!...

TROÉNES

Hein?

LUIZA

Não quer uma chavena de chá?

TROÉNES *(levantando-se)*

Chá! Isso é bom para indigestões!

VEAUCOURTOIS *(a Troénes, por cima do piano)*

Se queres uma indigestão, posso offerecer-te uma famosa.

TROÉNES

Onde?

VEAUCOURTOIS

N'uma ceia em casa da Florina.

TROÉNES

Dos meus antigos amores? E ella que é doida por estas brincadeiras!

VEAUCOURTOIS

Ha de passar-se bem!

TROÉNES

Estou cahido! Safo-me pela escada particular e já lá vou ter comtigo abaixo.

VEAUCOURTOIS *(cantarolando)*

Voêmos ao prazer.

TROÉNES *(muito contente cantarolando)*

Fujo como uma sombra!... dizendo com os meus botões: tão cedo não me pilham cá! *(Sae pela casa de jantar.)*

MORTEMER *(Sentado á D. tomando o seu chá. A Veaucourtois.)* Então?

VEAUCOURTOIS

Raptei-o... levo-o comigo. *(Desmemoriado e sem saber o que dizia.)* Aonde íamos nós dizendo que eu o havia de levar?

MORTEMER

A casa de Florina.

VEAUCOURTOIS

É verdade, a casa de Florina: É ideal! *(Cantarolando)* Sim, fujo como uma sombra! *(Sae depois de se ter dirigido a Nancia, tomando-o por Troénes.)*

MORTEMER

Temos quatro de menos! *(A Clavières)* E tu não vaes com elles?

CLAVIÈRES *(sentado á E.)*

Obrigado! Estou aqui bem... estou a descançar... Sinto prazer em me esquecer um pouco de Rebeca.

SCENA VIII

OS MESMOS, menos VEAUCOURTOIS e TROÉNES

CLEMENCIA *(procurando o marido)*

Onde é que estão estes senhores?

LUIZA

Provavelmente no gabinete do sr. de Chavenay. *(A porta do gabinete tem ficado entre-aberta.)*

CLEMENCIA *(chamando)*

Sr. de Chavenay?

CHAVENAY *(deitando a cabeça fóra da porta. Está muito espantado e tem uma carta na mão.)* Hein? Chamou?

CLEMENCIA

Meu Deus! Que é o que tem?

CHAVENAY

Nada! um negocio! uma noticia... Deixe-me conversar com Du-Bourg. *(Esconde-se.)*

CLEMENCIA

Um negocio!

DU-BOURG *(apparecendo no logar de Chavenay, tambem todo espantado.)* Pelo amor de Deus, minha senhora! só um momento!

REBECA *(caindo em si, levantando-se e áparte)*

Tambem Anatolio!

CLEMENCIA *(insistindo)*

Desejo saber...

CHAVENAY *(dentro)*

Logo! logo! Fecha a porta, Du-Bourg! *(Fecham a porta á chave.)*

CLEMENCIA *(a Luiza)*

Póde alguem comprehender semelhante coisa? *(Fica ao pé da porta do gabinete com Nancia, que procura tranquillisal-a.)*

REBECA *(agitada, em pé)*

Meu marido!... Aquella physionomia... Sabe tudo!

(A Clavières que toma o seu chá repimpadamente) Levante-se... estou perdida!

CLAVIÈRES *(sobresaltado)*

Hein!? Mas que tenho eu com isso?

REBECA

Meu marido sabe tudo...

CLAVIÈRES

Mas tudo que?...

REBECA

Depressa... Pegue no chapeo e vá-se embora d'esta casa.

CLAVIÈRES

Porque?

REBECA

Silencio! *(Sobe e arranja-se para sair.)*

CLAVIÈRES *(pousando a chavena)*

Com a breca! *(Procura o chapeo.)*

MORTEMER

Vaes-te embora?

CLAVIÈRES *(aborrecido)*

Vou... Manda-me embora não sei porque.

MORTEMER

Nem eu.

CLAVIÈRES *(atravessando)*

Deixar a gente este chá, este conforto...

CLEMENCIA *(a Rebeca, ao F.)*

Já?

REBECA

Sim, queridinha! estou peior da enxaqueca. Diga ao meu marido que não posso esperar por elle e que vou

na carruagem... O sr. Clavières faz favor de me acompanhar até á minha carruagem?

CLEMENCIA

Boa noite!

REBECA

Boa noite! Vamos!

CLAVIÈRES

Prompto! Minhas senhoras!... *(comsigo mesmo, seguindo Rebeca e olhando para o fogão com ar de lastima.)* Estava a gente ali tão bem!... Começo a desconfiar que esta mulher é doida!

SCENA IX

MORTEMER, CLEMENCIA, LUIZA e NANCIA

MORTEMER *(ao F., apoiado ao fogão olhando para Nancia, que folheia a musica)* Seis... Este homemzinho não se irá embora?

CLEMENCIA *(olhando sempre para a porta do gabinete)* Está fechada á chave! O que será isto?

LUIZA

Ora esta! E meu marido não appareceu!

MORTEMER

Foi com Veaucourtois, minha senhora.

LUIZA

Ai! meu Deus! Com que companhia!...

CLEMENCIA

Aonde o levará elle?

MORTEMER

Supponho que foram á opera!

LUIZA *(espantada)*

Aos bastidores!... Não quero, não consinto... Tanto me recommendaram que o não deixasse lá ir!...

NANCIA

Quer que o vá procurar, minha senhora, e que o faça voltar comigo?

LUIZA

Faz-me grande favor.

NANCIA

N'um instante! *(Pegando no chapeo, áparte.)* Vou á opera! Verei lá talvez Antonia! *(Alto.)* Não voltarei sem o trazer.

LUIZA

Muito agradecida. *(Correndo atraz d'elle.)* Vá na carruagem, sr. Nancia!... *(Sáe fallando)* na carruagem!

SCENA X

CLEMENCIA e MORTEMER

MORTEMER *(triumphante)*

Sete! Ora afinal! *(Finge que procura o chapeo para sair. Clemencia escuta á porta do gabinete.)*

CLEMENCIA *(voltando se ao estrondo feito por Mortemer, que arrasta uma cadeira.)* Vae-se embora?

MORTEMER

Se m'o ordena...

CLEMENCIA

D'aqui a pouco. Mas antes de se ir embora, diga adeus ao sr. de Chavenay... não é possivel que elle fique ali encerrado eternamente!

MORTEMER *(docemente e tornando a pôr o chapeo em d'um movel.)* Ficarei aqui para a acompanhar, minha senhora!

CLEMENCIA

O que lhe parece que isto possa ser?

MORTEMER

O que?

CLEMENCIA

Este negocio mysterioso que me occulta o sr. de Chavenay.

MORTEMER

Se não m'o levasse a mal, era eu capaz de lhe dizer, sem errar um ponto, o segredo da sua agitação.

CLEMENCIA

Diga!

MORTEMER *(com doçura)*

É o aborrecimento, minha senhora.

CLEMENCIA *(respondendo sem dar attenção ao que elle diz)*

O aborrecimento? *(Escuta)* Sinto rumor! Mas esta demora não é de certo natural... *(Vivamente, occorrendo-lhe uma idéa.)* E a porta que deita para a escada! De certo não se lembraram de a fechar. Perdão! *(Sae vivamente pela primeira porta á E. B.)*

MORTEMER *(só, muito desconcertado)*

Vamos... precipitei o desenlace. *(Abre-se a porta do F. e vê-se Antonia tirando a pelliça e dando-a a uma creada.)*

ANTONIA *(ao F.)*

Boas noites, minha querida senhora... mil agradecimentos! Boas noites. *(Entrando em grande toilette, brilhante, viva e animada.)* Ai! O sr. de Mortemer!

SCENA XI

MORTEMER e ANTONIA

MORTEMER *(dominando-se)*

Minha querida menina!

ANTONIA

Minha irmã! meu irmão!... não estão aqui! *(A Mor-*

temer, com certa intonação triumphante.) Venho da opera.

MORTEMER *(fitando-a)*

Já sei. Que linda *toilette!*

ANTÓNIA

Acha bonita?... Foi a primeira vez que fui a um espectaculo!

MORTEMER *(fitando-a sempre)*

É admiravel esta creança! *(Pega no chapeo para sair.)*

ANTONIA *(com enthusiasmo)*

Oh! como é linda aquella festa!

MORTEMER

Não é?

ANTONIA

Que sala! Que luzes! Que diamantes! As flores, os lustres, a musica, os ornatos! tudo aquillo a saltar, a dançar, a cantar! Não sabe a gente aonde está! É admiravel!

MORTEMER

Na verdade?

ANTONIA

Causa vertigens... sente-se a gente docemente imbevecida! Principalmente a orchestra! E o canto! o canto! *(Abre o piano e toca as primeiras notas de uma aria do Trovador.)*

MORTEMER *(sorrindo)*

O *Trovador?*

ANTONIA

Tocava-o no piano, quando estava no convento. E como se assemelha ao que eu tocava! Que lindo que isto é! *(Toca em pé.)* Ai! piano, companheiro dos meus primeiros annos! *(Senta-se e toca.)*

MORTEMER *(Vindo collocar-se defronte d'ella, encostado ao piano e extremamente divertido com a animação de Antonia.)* É certo que a musica...

ANTONIA

Meu Deus! Como aquella mulher canta deliciosamente! E elle... o tenor! *(Cantarolando.)*

Madre infelice
Corro a salvarti...

MORTEMER *(fitando-a em quanto ella toca)*

É encantador! Admiravel! Magnifico! *(Põe o chapeo em cima da cadeira.)*

ANTONIA *(continuando a tocar)*

Onde é que se passa aquella historia?

MORTEMER

Na Hespanha, creio eu!

ANTONIA *(interrompendo-se)*

E aquillo aconteceu?

MORTEMER

O *Trovador*... duvido.

ANTONIA

E eu creio que sim... Deve ter por força acontecido! Sei-o com certeza. *(Toca.)*

MORTEMER *(sorrindo)*

Talvez!... Eis aqui o que não se encontra muitas vezes durante a vida!

ANTONIA

O que é?

MORTEMER *(fitando-a avidamente)*

A alegria quasi infantil que n'este momento estou presenciando.

ANTONIA

Pois não sente na opera as mesmas commoções?

MORTEMER

Já não... Ha tanto tempo que estou habituado a ir ali!

ANTONIA

Pois eu não sou assim... Chorei ao ouvir o *Miserere*. Que medo que me fez o Conde de Luna... quando elle canta assim... *(canta imitando a voz e accento d'elle.)*

Ah dell'indegno rendere
Vorrei peggior la sorte!

MORTEMER

Bravo!... Continue!... muito bem!

ANTONIA

Pois sim... ria de mim... Eu bem sei que não tenho voz. A Leonor é que vale a pena ouvil-a... Mas que musica!... Como ella falla ao coração!... Ao coração, sem duvida!... ninguem o pode negar... Faz estremecer. *(Tem calafrios.)* Ai! que musica! *(Toca docemente.)*

MORTEMER *(encostado ao piano, fitando Antonia, com a cabeça entre as mãos, comsigo mesmo, lentamente.)*
Ó mocidade! Ó frescura! Ó primavera! Ó aurora da existencia! E saber eu que será assim tambem o seu primeiro amor! O mesmo fogo... o mesmo enthusiasmo... o mesmo... Esta mulher é adoravel!

ANTONIA *(sentada ao piano, sempre voltada para elle)*
N'este duetto o que diz elle áquella mulher?

MORTEMER

Quem, o Conde?... E a menina entendeu bem?

ANTONIA

Entendi confusamente... Ella clama-lhe: Salvai-o... salvai o preso!

MORTEMER

E prometto amar-vos!

ANTONIA

Como eu havia de mentir de boa vontade n'aquelle caso! para salvar o outro... dir-lhe-hia *(sem convicção.)* Amo-vos... amo-vos... adoro-vos... adoro-vos... mas salvai-o!

MORTEMER

E depois?

ANTONIA *(com ingenuidade)*

Depois... o caso era salval-o... depois! *(Toca o Miserere.)*

MORTEMER *(comsigo mesmo, na ante-scena)*

Comprehenderá ella estas coisas? *(Fitando-a.)* E ha de haver um homem tão feliz que lhe seja dado soletrar o amor n'esta alma virginal! É a neve, a neve das montanhosas solidões ainda nem tocada levemente pela pégada dos profanos! É o ceu sem uma nuvem!...

ANTONIA *(fechando o piano imperiosamente)*

Cala-te, piano! És infame!

MORTEMER *(pegando-lhe nas mãos)*

Dizemos pois...

SCENA XII

OS MESMOS e NANCIA

(Abre-se a porta e apparece Nancia no limiar)

ANTONIA *(com alegria, correndo a elle)*

Sr. de Nancia! Que inesperado encontro!

MORTEMER *(áparte, despeitado)*

Ainda este homem!

NANCIA *(fitando Mortemer)*

Minha menina... Venho da opera, onde esperava ter o gosto de a cumprimentar.

ANTONIA

Eu tambem vim de lá ha pouco tempo... Estavamo-nos entretendo ao piano eu e este senhor!... É uma delicada amabilidade a sua vinda tão cedo para Pariz!

NANCIA *(fitando Mortemer)*

Era aqui necessaria a minha presença... Agora tenho a certeza!

MORTEMER *(áparte)*

Ah! percebo... Estás deveras namorado.

SCÈNA XIII

OS MESMOS, LUIZA e CLEMENCIA

LUIZA *(a Nancia)*

Já voltou? E meu marido?

NANCIA

Não o pude encontrar... Isto mesmo venho dizer-lhe, minha senhora!

LUIZA

Ah! meu Deus!... Aonde o levariam?

CLEMENCIA

E o meu fortificado no gabinete... *(Batendo á porta do gabinete.)* Gastão... olha que é uma hora...

CHAVENAY *(de dentro)*

Já vou, já vou!

NANCIA *(a Mortemer)*

Como vamos sair juntos, pedia-lhe o favor de me dizer onde mora o sr. de Veaucourtois? *(Mortemer inclina-se sem responder.)*

LUIZA

Peço-lhe que nos diga onde elle assiste.

MORTEMER

Minha senhora, havemos de desencantar-lhe seu marido!

ANTONIA *(estendendo a mão a Nancia)*

Então até ámanhã!

NANCIA

Até ámanhã!

MORTEMER

Minhas senhoras! *(Áparte.)* Bem! Achei uma vingança! *(Olha para Antonia)* É linda! *(A Nancia, fazendo cerimonia para elle sair primeiro.)* Faz favor!

NANCIA *(seguindo-o sempre com os olhos)*

Então! Por quem é! *(Fal-o sair adeante.)*

FIM DO 2.º ACTO

ACTO III

Sala muito elegante do aposento de um homem solteiro.— No F. porta de entrada.— Á E., no «pan coupé,» janella. —No 1.º plano, outra entrada que dá para os quartos de Clavières e Veaucourtois.— A' D. 1.º plano, fogão; sophá á E. do fogão. — Fauteuil á D. — No pan-coupé da D. a porta do quarto de Mortemer.— A' E. secretária; sophá fazendo face para o publico.

SCENA I

BAPTISTA, JOÃO e CLAVIÈRES

CLAVIÈRES *(entrando e descendo estropeado, com a cara escondida no cachenez, as mãos nas algibeiras do paletot.)* Oh! que frio! *(Sem ver o creado.)* E ninguem lá em cima para me abrir a porta! Aqui é outra coisa... todas as portas estão abertas! Estes tratantes dos creados!...

BAPTISTA

Senhor?...

CLAVIÈRES

Então estás aqui, em vez de estares em minha casa! Aposto que estavas a dormir?

BAPTISTA *(escovando com frenesi)*

Não, senhor, bem vê que estou a escovar... e de que modo!...

CLAVIÈRES

Em casa do visinho!... Vamos... este fogão... deita lenha no fogão... bem vês que estou a tremer de frio ...

BAPTISTA

Prompto!

CLAVIÈRES *(sentando-se no sophá, ao fogão)*

Mortemer ainda se não levantou?

BAPTISTA *(mettendo uma acha no fogão)*

Creio que não... nem tão pouco o sr. de Veaucourtois, porque ainda lhe não ouvi os passos...

CLAVIÈRES

E que fazes tu aqui ás onze horas da manhã, em vez de ires arranjar-me o quarto?

BAPTISTA

Peço licença para dizer que...

CLAVIÈRES

Vamos, vamos! Basta! *(Emquanto Baptista vae saindo.)* E então não se mette a querer raciocinar?

JOÃO *(em pé, com importancia)*

Causa-me grande pena que as minhas opiniões não concordem com as do sr. de Clavières.

CLAVIÈRES *(voltando-se com a tenaz na mão)*

Hein? D'onde surdiu agora este?

JOÃO *(continuando)*

Tomo a liberdade de dizer, para justificação do meu collega, que Baptista não póde ir arranjar o quarto do senhor...

CLAVIÈRES

Porquê?

JOÃO

Porque está lá em cima alguem a dormir no seu sophá.

CLAVIÈRES *(espevitando o fogo)*

Ah! Troénes, bem sei! E estará ainda a dormir?

JOÃO

É provavel. Estava em tal estado, quando o senhor e o seu amigo de Veaucourtois o trouxeram da ceia...

CLAVIÈRES

O que?

JOÃO

Peço perdão... mas aquelle senhor vinha completamente embriagado... E então eu disse ao creado do sr. de Chavenay, a quem por ordem do senhor fôra prevenir ás duas horas da noite...

CLAVIÈRES

Vamos... o que quer isso dizer?...

JOÃO

Eu notava apenas ao meu collega, que se nós, que somos servos, apparecessemos em tal estado de embriaguez...

CLAVIÈRES

Prohibo-lhe que diga mais uma só palavra, percebe? Não lhe tolero as comparações...

JOÃO

Curvo-me ás suas ordens, meu senhor.

CLAVIÈRES

Ah! *(Tremendo de frio.)*

JOÃO *(saindo e voltando-se no limiar da porta)*

Não se póde negar que se eu apparecesse n'aquelle estado deante do senhor... *(Clavières volta-se para elle.)* Obedeço ás suas ordens, meu senhor. *(Sae)*

CLAVIÈRES *(só)*

Não ser possivel achar um só creado, que metta no fogão tres gravetos com a harmonia que se exige!... E querem que os homens sejam todos iguaes! Ah! tratantes! *(Continua a atiçar o lume.)*

SCENA II

CLAVIÈRES e MORTEMER

MORTEMER *(saindo do quarto)*

João?... Ó João? *(Vendo Clavières)* Olá! Já tu estás levantado!

CLAVIÈRES *(estendendo-lhe a mão)*

Bem vês que sou matinal! Bons dias... Que te parece o frio d'esta manhã?...

MORTEMER

São os primeiros gelos do inverno! Vaes sair?

CLAVIÈRES

Agora venho eu de fóra.

MORTEMER *(pegando nos jornaes e nas cartas de cima da secretária.)* D'onde vens?

CLAVIÈRES

Do Luxembourg.

MORTEMER

Foste ali dar uma volta?

CLAVIÈRES *(soprando o lume)*

Uma volta! Talvez mais de duas! No viveiro das arvores, á roda de Velléda!

MORTEMER *(sentado no fauteuil contra o fogão em face d'elle.)* Que idéa!

CLAVIÈRES

E pela neve! Eu que gosto tanto de estar na cama pela manhã! *(Tirando o cachenez e o paletot.)* E posso dizer que faço a côrte a esta mulher para arranjar um ninho domestico!... não está mau conforto... é uma geleira.

MORTEMER

Então houve encontro?

CLAVIÈRES

Qual encontro, eu nunca me encontrei com ella.

MORTEMER

Não entendo.

CLAVIÈRES

Pois quem imaginas tu que possa aprazar encontros para aquella hora em sitio tão agreste? Ella hontem julgou que o marido principiava a ter suspeitas... mas suspeitas de que? Escreveu-me uma carta... «Meu marido sabe tudo! Estou perdida! Os meus deveres... a minha virtude...» Esta mulher tem o seu fraco... é ter remorsos! mas remorsos de que?

MORTEMER

Mas então para que foste ao Luxembourg?

CLAVIÈRES

Para lhe restituir a sua correspondencia... duas cartas apenas!... estava combinado vir a creada buscal-as, não appareceu ninguem. Provavelmente serenaram-se-lhe os receios, vendo o marido tranquillo e manso como um seraphim! Ora aqui está o que me faz saltar como um possesso!

MORTEMER

O que?

CLAVIÈRES

Esse marido, que dorme como um cordeiro, emquanto eu ando a passeiar no gelo por causa da mulher.

MORTEMER

Mas isso é natural.

CLAVIÈRES

É estupido! Visto isso, o feliz, o predilecto é elle.

E o imbecil a quem se ordenam estas marchas para ser ainda em cima enganado...

MORTEMER

És tu!

CLAVIÈRES *(descendo á ante-scena)*

Sou eu! Sempre eu!

MORTEMER

Queres tu uma coisa? Vamos a casar-nos?

CLAVIÈRES

Diabo! Se não fosse já tão tarde!...

MORTEMER

Achas tarde?

CLAVIÈRES *(suspirando)*

Acho.

MORTEMER *(suspirando)*

Ah! Clavières, tanto peior para nós! porque n'esse caso havemos de morrer ambos, conhecendo o que no mundo mais inebria um homem, a mulher — mas ignorando o que ha de mais suave, mais ameno — a donzella formosa e juvenil.

CLAVIÈRES *(espantado)*

Olé! D'onde te veio agora essa idéa?

MORTEMER

Ah! Clavières! a donzella bonita e nova! Vê tu quantas graças e enlevos affectuosos e pudicos não exprime esta palavra! Que pudor continuado! Que recato provocador! Què receios pueris! A donzella!... É a promessa! a esperança! a flor! o desconhecido! Pagina em branco, onde tu podes escrever toda a tua alma e em que ficará perpetuada a indelevel impressão! Que sonho! Que encantamento! Que ventura poderes soltar o vôo aos desejos timidos e escondidos da

mulher pura e immaculada! N'esse dia não és apenas um homem, um amante... és um creador, um Deus, que inspiras áquelle espirito juvenil o fogo sagrado que lhe dá vida e movimento; que completas pelo amor as graças feminis, ainda um pouco inanimadas, e povoas de ineffaveis commoções aquella alma ainda quasi erma de sentimento.

CLAVIÈRES

Ou eu me engano muito, ou estás apaixonado por uma donzella.

MORTEMER

E porque não?

CLAVIÈRES

Então é casar com ella!

MORTEMER

Estive scismando n'isso toda a noite.

CLAVIÈRES

Misericordia!

MORTEMER *(voltando ao fogão)*

Mas foi inutil o meu scismar... Para que hei de casar-me, se é desnecessario?...

CLAVIÈRES

Então contas triumphar por meios menos licitos?

MORTEMER *(ironico)*

Ahi estás tu feito campeão dos bons costumes.

CLAVIÈRES

Mas a virtude...

MORTEMER *(cantarolando)*

Ora a virtude!...

CLAVIÈRES

Sim, a virtude... *(Atravessa a scena e vae sentar-*

se no braço do fauteuil.) Pois tu não crês, alma damnada, que haja no mundo uma mulher tão virginal, tão pura, tão angelica, que nada possa suspeitar?

MORTEMER *(voltando-se e chegando-se ao pé d'elle)*

Um... um...

CLAVIÈRES

Oh! damnado... Que homem!

MORTEMER

Estás-me lacerando a alma! Vamos nós almoçar? *(Os creados trazem o almoço)*

SCENA III

OS MESMOS e VEAUCOURTOIS

VEAUCOURTOIS *(entrando pela E. em vestuario de manhã, muito elegante, com um pequeno bonet.)* Bom dia, meus amigos, bom dia.

CLAVIÈRES

Como vaes da tosse esta manhã, meu Alcibiades?

VEAUCOURTOIS

Á maravilha. Acabei de fazer o meu tratamento hydrotherapico!... fazendo jorrar a agua sobre o craneo!

CLAVIÈRES

É bom!

VEAUCOURTOIS

Delicioso! Sinto agora os membros com uma agilidade...

CLAVIÈRES

Bem se vê. *(Passa para a E. onde os creados pozeram a mesa do almoço.)*

MORTEMER

Vae-te aquecer, vae. *(O mesmo jogo.)*

VEAUCOURTOIS

Aquecer-me! Sou de madeira tão verde que não me dou bem com o fogo! A abundancia da seiva me faria de certo estalar.

MORTEMER *(sentado á E. da mesa, Clavières defronte.)*

Mas apesar da tua seiva, queres almoçar?

VEAUCOURTOIS

Se quero almoçar! Estou á espera do meu anjo e elle sem apparecer!

MORTEMER *(servindo-se)*

Que anjo? A rapariga que tu achaste no rio?

VEAUCOURTOIS *(indignado)*

Vê como fallas!

CLAVIÈRES

A *diva Nina!*

VEAUCOURTOIS *(enthusiasmado)*

A minha perola! o meu ente ideal! E quer-me com todas as véras do seu coração!

MORTEMER

Excellente!

VEAUCOURTOIS

Que palavras tão doces que ella sabe achar! A noite passada, á ceia, em casa de Florina... Vocês não acreditam.

MORTEMER

A proposito de ceia... não mandamos acordar esse eterno dormente, para que venha almoçar!...

CLAVIÈRES *(a Baptista, que serve á mesa com João)*

João?

BAPTISTA

Continua a dormir.

VEAUCOURTOIS *(buscando o fio do discurso)*

Não acreditam... o que ia eu dizendo?...

CLAVIÈRES

Deixemo-nos d'isso e almocêmos!

VEAUCOURTOIS *(buscando a sua idéa)*

Não acreditam... de certo... nunca...

MORTEMER

Então não achas o termo... hein?

VEAUCOURTOIS *(com um prato na mão)*

Nunca... Declaro que não sei já o que ia a dizer...

CLAVIÈRES *(servindo-se)*

Tambem não se perde nada.

SCENA IV

OS MESMOS, JOÃO e depois NINA

JOÃO

A menina Trouillon deseja fallar ao sr. de Veaucourtois.

VEAUCOURTOIS

Trouillon!... *Troioni!* Dize *Troioni,* bruto!

JOÃO

A menina *Trognoni*... é verdade... Quer que a mande entrar?

VEAUCOURTOIS

Se quero! Entre já a Nina!

MORTEMER

Entre a *diva* para que a possamos admirar.

NINA *(entrando pelo F. Vestido de seda, chapeo elegante, etc.)* Ah! A sua pessoa sempre é muito bem creada! É assim que me foi buscar?

VEAUCOURTOIS

Pelo contrario, meu querido anjo, era eu que a estava esperando!

NINA

E com um tempo semelhante póde alguem andar a pé?

VEAUCOURTOIS

A pé, a minha *diva!*

NINA

Está visto! Pois se não me quer dar carruagem! Mas vamos, vem d'ahi comigo ou não?

VEAUCOURTOIS *(em pé)*

Demoro-me só o tempo necessario para me fazer bonito!

NINA *(zombando)*

Pois esperarei até que se faça bonito!

MORTEMER *(a Clavières)*

É um anjo!

CLAVIÈRES

Uma perola!

VEAUCOURTOIS

Nina... as suas palavras a meu respeito chegam ás vezes até á desenvoltura!

NINA *(remedando-o)*

Até á desenvoltura!

VEAUCOURTOIS

Na verdade... acho as suas palavras!...

NINA *(do mesmo modo, rindo)*

Acha as minhas palavras!... e as suas?... Ora boas noites! não estou para o aturar.

VEAUCOURTOIS *(detendo-a)*

Vae-se embora?

NINA *(fazendo piruetas)*

Já... e a pé!

VEAUCOURTOIS *(enthusiasmado, aos outros)*

Que artista! Que phantasia!

MORTEMER e CLAVIÈRES

Ah!

VEAUCOURTOIS

Mas é preciso não a ouvir fallar!

CLAVIÈRES

Não é lá muito correcta!

MORTEMER

Agora já a ouvimos!

VEAUCOURTOIS

Sim... Agora vão ouvil-a dar o *contra-mi. (A Nina.)* Canta lá um bocadinho, minha bichinha, para nos mostrares os teus progressos!...

NINA

Cantar! Constipei-me por vir a pé!

VEAUCOURTOIS

Dá o *contra-mi*... dá, minha pombinha!

NINA

Se eu der o *contra-mi,* terei um *coupé?*

VEAUCOURTOIS

Sem duvida... aos mezes!

NINA

Quero-o meu!

VEAUCOURTOIS

Tel-o-has!... um *coupé* lindissimo... mas has-de cantar primeiro.

CLAVIÈRES *(a Mortemer)*

E elle acredita que ella canta. *(Nina começa a cantar. Veaucourtois, sentado á E. no sophá está enlevado.)*

NINA *(parando)*

Se eu cantar pilho o *coupé?*

VEAUCOURTOIS

Logo!

NINA

Bem. *(Principia a cantar e faz gorgeios absurdos.)*

VEAUCOURTOIS

Ah! Nina! Sublime creatura! (A Mortemer.) Quem ha de pensar que achei esta joia quasi no lodo!

MORTEMER

Bem se vê!

VEAUCOURTOIS *(a Nina, que dá dentadas n'uma maçã que tomou de cima da meza.)* Oh! desgraçada! não comas isso!

NINA

Porque?

VEAUCOURTOIS

Um acido!... Queres estragar a voz!

NINA *(fugindo para a E.)*

Ora!... Pois ha alguma coisa que possa estragar-me a voz?

CLAVIÈRES *(apanhando uma photographia que Nina deixa cair.)* O que é isto?

NINA

O meu retrato! *(Dá um pulo para a tirar das mãos de Clavières.)*

CLAVIÈRES *(defendendo-se)*

Deixe-m'o ver!

NINA

Quero-o por força... dê-m'o cá! *(Correndo atraz d'elle, á roda da mesa.)* Quero-o já. *(Clavières, rindo, dá o retrato a Mortemer.)*

VEAUCOURTOIS *(julgando que ella falla da maçã)*

Toma lá.

NINA *(furiosa)*

Ah! cobarde! miseravel, tenho-lhe um odio de morte.

VEAUCOURTOIS

Nina! Ó minha *diva!* Ó Ninetta!

MORTEMER *(vendo o retrato com Clavières)*

O que é isto que está escripto no reverso?

NINA *(dando um grito)*

Eu morro! *(Cae sobre o sophá, á E.)*

VEAUCOURTOIS *(perdendo a cabeça)*

A Nina morre!

CLAVIÈRES *(á D. lendo com Mortemer o que está escripto no retrato.)* Oh! com os diabos! que orthographia!... *(Lendo)* Meu cri...

VEAUCOURTOIS *(com cuidado ao pé de Nina)*

Meu *queri*... do! Sou eu!

MORTEMER *(lendo)*

Meu cri... cristino.

VEAUCOURTOIS *(levantando a cabeça)*

Meu Christino?!

CLAVIÈRES *(a Veaucourtois)*

Mas tu chamas-te André!

VEAUCOURTOIS

André é o meu nome!

CLAVIÈRES *(lendo e pronunciando como está escripto)* *Mandotomeu*... é tudo pegado... são cachos de syllabas!...

MORTEMER

Isso é nome grego.

CLAVIÈRES

Mandutomeu... *retrato*... Eu *tescreverei*... *coando*... com ó!... A rapariga se vae por este andar, chega a vereador de alguma camara municipal.

MORTEMER *(continuando a leitura)*

Tu *hades viri*... Tem habilitações para deputado!...

CLAVIÈRES *(continuando)*

Çem... com c cedilhado... *cem estari cá*... Isto agora é sanscrito... *umeu*...

MORTEMER *(continuando)*

O meu urso desdentado!...

CLAVIÈRES *(olhando para Veaucourtois, que veio buscar um frasco de vinagre a cima da mesa, e que mette a cabeça entre os dois para tambem ler.)* O meu urso desdentado.

VEAUCOURTOIS

O que entende ella pelo seu urso desdentado? *(Voltando a cabeça)* Nina?

NINA *(saltando no sophá, fazendo cair a Veaucourtois em cima d'elle.)* Cale-se! Não quero vêl-o mais! É preciso ser um desalmado para me deixar assim roubar por estes homens. *(Arranca o retrato a Mortemer e torna a subir.)*

MORTEMER *(acompanhando-a á porta)*

Nina, minha filha! estragaste o negocio! Isto vae mal!

NINA *(atirando-lhe com os pedaços do retrato)*

Cobardes! Dois contra uma mulher! Tratantes! Bem se vê com que mulheres estão costumados a viver! *(Sae pelo F. magestosamente.)*

CLAVIÈRES *(á D. rindo ás gargalhadas)*

Isto é sublime!

MORTEMER *(indo a Clavières)*

Ahi tens! ahi tens!

CLAVIÈRES

E apontas-me este exemplo!...

SCENA V

CLAVIÈRES e VEAUCOURTOIS

CLAVIÈRES *(voltando-se, a Mortemer que sae)*

Serás para sempre um condemnado!... Veaucourtois?... ó Veaucourtois?

VEAUCOURTOIS

Urso desdentado!... *(No sophá á E., onde ficou abatido com o nariz no frasco do vinagre, não se lembrando do que se passou.)* Urso desdentado!... *(Desce á antescena, buscando lembrar-se, e olhando em volta de si.)*

CLAVIÈRES

Então como vae isso?

VEAUCOURTOIS *(machinalmente)*

Assim, assim!... Urso desdentado!...

CLAVIÈRES

Vae-te vestir!

VEAUCOURTOIS *(sempre absorto)*

Sim, vou me vestir. *(Olhando á roda de si sempre muito preoccupado.)* Quem é que fallou ahi em urso... e desdentado de mais a mais? *(Sae pelo F.)*

SCENA VI

CLAVIÈRES e depois BAPTISTA

CLAVIÈRES

Este Veaucourtois se lhe pozessem uma cabeça de pau, ficava um homem perfeito.

BAPTISTA

Meu senhor?

CLAVIÈRES

Oh! Estás ahi?

BAPTISTA

Está ali um cavalheiro com duas senhoras!

CLAVIÈRES

Procuram por mim?

BAPTISTA

Procuram por aquelle senhor que está a dormir lá em cima!

CLAVIÈRES *(vivamente)*

Ah! É a sr.ª de Troénes e a sr.ª de Chavenay! Tira isto depressa! *(Corre ao F. emquanto os creados levantam a mesa.)*

SCENA VII

CLAVIÈRES, LUIZA, CLEMENCIA e NANCIA

CLAVIÈRES

Oh! minhas senhoras, peço-lhes mil perdões!

CLEMENCIA

Somos nós que os devemos pedir. Mas vi Luiza de tal sorte inquieta depois do aviso que o sr. de Clavières fez o favor de nos mandar, que estando meu marido ausente me aproveitei do offerecimento do sr. de Nancia, para nos acompanhar até aqui...

CLAVIÈRES

Este cavalheiro é sempre bem vindo a esta casa, assim como as senhoras que tenho agora a honra de receber... Hão de perdoar... isto é uma casa de homens solteiros... Querem sentar-se, minhas senhoras?

CLEMENCIA

Não nos podemos demorar... Vimos apenas saber noticias... Não soube mais nada, se não o que nos dizia o seu bilhete, sr. de Clavières?

CLAVIÈRES

Mais nada... Uma ceia que acabou tarde... O sr. de Troénes já não está habituado a estas noitadas... de maneira que para não o levarmos a casa n'um estado... assim, um pouco...

CLEMENCIA

E este homem é casado ha apenas tres mezes! Que maridos!

NANCIA

Felizmente não são todos assim.

CLEMENCIA *(interrompendo)*

Ah! Meu Deus! Quando não é isto... são outras

coisas... Veja o sr. de Chavenay com os seus mysterios!

LUIZA *(a Clavières)*

Emfim... como elle dorme... tudo vae bem!

CLAVIÈRES

Dorme o somno da innocencia!

CLEMENCIA *(a Nancia)*

Hypocritas até dormindo!

LUIZA

Faz-me o favor de ter cuidado n'elle?

CLAVIÈRES

Póde ficar descançada, minha senhora... Será bom que lhe mande algum fato... por que a sobrecasaca ficou assim um pouco... amarrotada.

LUIZA

Não gostava de que um creado...

NANCIA

Mas vou eu tratar d'isso... se m'o permitte!

LUIZA

Agradeço e acceito a sua extrema bondade.

CLAVIÈRES

E este senhor volta aqui?

NANCIA

Em menos de meia hora!

CLAVIÈRES

Então por esta escada... é uma entrada secreta... talvez não queira ser visto quando trouxer o enxoval.

CLEMENCIA

Desgraçado homem!

CLAVIÈRES

Eu lhe vou ensinar o caminho!

NANCIA

Não é preciso... eu darei com elle... Não querem sair tambem, minhas senhoras...

CLEMENCIA *(a Clavières)*

Adeus, sr. de Clavières!

CLAVIÈRES

Minhas senhoras!...

LUIZA

Receba os meus agradecimentos mais sinceros!

CLAVIÈRES

Oh! minhas senhoras! *(Segue-as com a vista em quanto ellas saem.)*

SCENA VIII

JOÃO, depois REBECA e depois CLAVIERÈS

(João é o primeiro que apparece no F., seguindo com os olhos as pessoas que saem; depois faz signal a Rebeca, que entra vestida de preto e com o véo cahido.)

CLAVIÈRES *(fechando a porta da E., sem ver Rebeca ao F., que faz signal ao creado para que se vá embora e fecha a porta.)* Até que emfim posso fumar tranquillamente *(assentando-se no sophá com satisfação)* e esquecer um pouco... *(Rebeca avançando tragicamente; chega em frente d'elle e levanta o véo de um modo dramatico.)* Rebeca!

REBECA *(tragicamente)*

Rebeca, sim! Rebeca que está perdida!

CLAVIÈRES

Perdida!

REBECA

Venho saber se está disposto a morrer comigo!

CLAVIÈRES *(dando um pulo)*

Hein?... O que?... O que ha?

REBECA *(depois de se ter atirado para cima do fauteuil da D. soltando uma gargalhada ironica.)* O que ha? É que eu perdi um fatal bilhete.

CLAVIÈRES

Um bilhete!?

REBECA

Sim, um bilhete em que eu lhe dizia, sr. de Clavières, que não tendo podido ir a minha creada ao Luxembourg...

CLAVIÈRES *(tendo calafrios, com a lembrança)*

Ah! ah!

REBECA

Ás seis da manhã, havia de ir ás tres horas da tarde.

CLAVIÈRES

E depois?

REBECA

Depois... perdi-o.

CLAVIÈRES

Mas talvez se encontre.

REBECA

Morramos juntos... Eis aqui o veneno.

CLAVIÈRES *(lançando o frasco no fogão)*

Deitemos isto fora!

REBECA

Então não quer morrer? Cobarde!

CLAVIÈRES

Pois eu porventura fiz-lhe alguma vez esquecer os seus deveres?

REBECA *(com dignidade)*

Graças a Deus, não chegou a tanto... Oh! meu Deus, permitti que...

CLAVIÈRES *(dando-lhe o regalo)*

Deus ha de ouvil-a. Vamos! *(Sobe.)*

REBECA *(vivamente)*

Não vá por ahi!

CLAVIÈRES *(parando sobresaltado)*

Que mais temos de novo?

REBECA

É que está ahi Antonia á minha espera... O que havemos nós de lhe dizer?

CLAVIÈRES *(ensinando-lhe a porta á E.)*

Então é por aqui...

REBECA

E ella?

CLAVIÈRES

Diz-se-lhe que o medico demora na consulta a sua companheira e n'este caso é melhor a menina de Chavenay voltar sósinha para casa.

REBECA *(no limiar)*

Se acho esta carta, faço o juramento de o odiar! *(Sae.)*

CLAVIÈRES

Deus a ouça! *(Pegando no chapeo.)* É doida não ha que ver. E estava eu julgando que ia tranquillamente repousar, fumando o meu charuto. João? *(Toca a campainha.)*

SCENA IX

CLAVIERÈS e MORTEMER

MORTEMER *(saindo do seu quarto com o chapeo na cabeça.)* Tambem vaes sair?

CLAVIÈRES *(atabalhoado, pegando no paletot e no cachenez)* Que remedio?... Esta Rebeca!...

MORTEMER

Ainda?

CLAVIÈRES *(vestindo á pressa o paletot)*

Está doida!... Depressa, um trem! *(Não acertando com as mangas.)* Então isto não tem mangas?

MORTEMER *(ajudando-o)*

Dize lá!...

CLAVIÈRES *(vivamente)*

Mademoiselle de Chavenay está lá em baixo!

MORTEMER *(impressionado)*

Antonia! Como assim?

CLAVIÈRES

Está dentro da carruagem. Vae tu dizer-lhe que a sr.ª Du-Bourg, demorada pelo medico, lhe pede que não a espere e que vá sosinha para casa.

MORTEMER

É possivel!

CLAVIÈRES

Agora, um trem! Oxalá que eu ache essa carta e que Rebeca me odeie para toda a vida! *(Sae pelo F.)*

SCENA X

MORTEMER e depois JOÃO

MORTEMER

Ella! aqui! *(Tira o chapeo com força e põe-no em

cima de um movel.) Aqui! É a minha estrella que a veio guiando a minha casa! Aqui!... em minha propria casa. Vamos! Não ha duvida... Estava escripto! *(A João que entra.)* João, vae lá abaixo .. e dize a uma senhora que está dentro de uma carruagem, que tenha a bondade de subir, porque assim o deseja a sr.ª Du-Bourg.

JOÃO

Sim, meu senhor.

MORTEMER

Depois podes-te ir embora.

JOÃO

Obedeço.

MORTEMER

Vae depressa. *(João sae. Só, ancioso, correndo ao espelho.)* Se eu podesse duvidar de que o meu coração fosse ainda jovenil, provar m'o-hia com evidencia esta pequena pulsação! Sinto passos na escada... esta voz... é ella!... Eil-a emfim! *(Recua para o F. de modo que Antonia o não veja ao principio.)*

SCENA XI

MORTEMER, ANTONIA e JOÃO

JOÃO *(abrindo a porta do F.)*

Queira ter a bondade de entrar...

ANTONIA *(entrando tranquillamente)*

Para que?

JOÃO

Sim, minha senhora! *(Mortemer faz signal a João para que se retire.)*

ANTONIA *(atravessando para ir ao fogão)*

Mas onde estará ella? Não está aqui?

MORTEMER *(apparecendo)*

Se quer esperal-a um instante na minha companhia...

ANTONIA

Ora esta!... O sr. de Mortemer! Pensava que Rebeca estava em casa do seu medico... Então o medico é o sr. de Mortemer?

MORTEMER

Não sou eu... Um amigo meu mora com elle na mesma casa. A consulta ia-se demorando e não quizemos que mademoiselle de Chavenay continuasse a tremer de frio dentro d'aquella desconfortavel carruagem.

ANTONIA

E faz frio deveras!... Estou gelada!

MORTEMER

Mas talvez chegando-se para o fogão... e correndo-se os reposteiros...

ANTONIA *(ao fogão)*

Assim, assim! Feche bem... Ha correntes de ar aqui...

MORTEMER *(correndo o reposteiro do seu quarto)*

Principalmente d'este lado.

ANTONIA *(sentada no sophá, ao pé do fogão)*

Então a consulta durará ainda muito?

MORTEMER

Segundo parece... Não sou eu que tenho razões para o lastimar.

ANTONIA

Nem eu tambem!

MORTEMER

Acha que não se enfastiará muito de conversar comigo?

ANTONIA

Pelo contrario, gosto muito... muito da sua conversação animada e graciosa!

MORTEMER

É uma grande honra para mim!

ANTONIA *(muito alegre)*

Creio bem... Deve saber que não é facil o agradar-me! *(Pega n'um objecto de cima do fogão.)* O que é isto?

MORTEMER

Um objecto da India.

ANTONIA

É lindo!

MORTEMER

E sabe porventura o perigo que ha em o confessar?

ANTONIA

Em dizer que isto é bonito?

MORTEMER

Não... em declarar que não lhe sou desagradavel.

ANTONIA

Porque?

MORTEMER

Porque me arriscaria a tomar o seu dito por verdadeiro.

ANTONIA

Mas é verdade pura! Nunca digo se não o que penso!

MORTEMER

E se eu pela minha parte lhe disser que a acho adoravel?

ANTONIA

Julgal-o-hei apenas um pouco exaggerado. *(Olhando*

para o F. e vendo uma grande jarra em cima d'uma consola.) Ah! aquillo tambem é da India?

MORTEMER

Tambem... E não me quereria mal ouvindo da minha bocca esse elogio?

ANTONIA

De certo que não... Se eu gosto de que me tenham por amavel e m'o digam sinceramente...

MORTEMER *(vivamente)*

E tem razão... O que a torna ainda, se é possivel, mais amavel é esta franqueza... esta alegria infantil... esta...

ANTONIA *(olhando para um quadro á E.)*

O que representa aquelle quadro?

MORTEMER

Agrada-lhe?

ANTONIA

Não... É muito escuro!

MORTEMER

É algum tanto velho!

ANTONIA

Velho... negro... sinistro!... Meu Deus! *(Descendo.)* Peço-lhe perdão! Acha-me talvez um pouco indiscreta...

MORTEMER

E julga-o um defeito?

ANTONIA

E depois sou de uma impaciencia... não posso estar quieta por muito tempo. Ha pouco, quando estava na carruagem, dizia comigo mesma: «O que estará Rebeca

fazendo lá em cima?» E sentia um desejo invencivel de subir.

MORTEMER

E porque não subiu?

ANTONIA

Se adivinhasse que o encontrava aqui... subia no mesmo instante.

MORTEMER

Sim?

ANTONIA

Apesar de que o sr. de Mortemer não é casado... e de não ser permittido ás damas, segundo ouço dizer, visitar homens solteiros... Isto ainda hoje o aprendi eu á minha custa. Ao passar pela hospedaria onde está o sr. de Nancia, lembrei a minha irmã que entrassemos ali a convidal-o para jantar em nossa casa, e vi que, sem o pensar, acabava de proferir uma heresia abominavel!

MORTEMER

N'uma hospedaria, sem duvida! mas n'uma casa honesta é outro caso. *(Indicando-lhe o sophá á E.)* Não quer sentar-se?

ANTONIA

Parece-me razoavel. *(Sentando-se.)* E alem d'isso o sr. de Nancia é um rapaz muito novo... mas o sr. de Mortemer...

MORTEMER

Porque motivo faz essa distincção?

ANTONIA

Não sei bem porque... Parece-me... Tem razão... Confesso que disse uma coisa que offende o senso commum...

MORTEMER

Talvez um homem na flôr da juventude lhe inspire mais receio do que eu?

ANTONIA

Receio! De que?

MORTEMER

Quem sabe?... Quem é que não receia alguma coisa...E uma menina que sahiu ha pouco d'um convento...

ANTONIA

Ensinaram-me ali a não ter medo. Não tenho medo de coisa nenhuma!

MORTEMER

É possivel!

ANTONIA

Se tenho medo é talvez na rua. Atordoa-me o incessante rodar das carruagens... Fico sem saber de mim... Mas aqui, n'uma sala... de que hei de arrecear-me? Onde está o perigo? Declaro que o não entendo, sr. de Mortemer.

MORTEMER

Não entende? *(Áparte.)* Avante!

ANTONIA

Não entendo, e peço-lhe que me explique os receios de que falla!

MORTEMER

Não ha duvida... Tem razão! Nada pode receiar, comigo principalmente!

ANTONIA

Perdão... Parece pelo contrario que é a respeito do sr. de Mortemer, que se fazem n'este caso as mais positivas excepções.

MORTEMER

Sim?

ANTONIA

E já que viemos a este ponto, aproveito a occasião para lhe pedir explicações sobre este assumpto. *(Faz-lhe logar no sophá, junto de si.)*

MORTEMER *(sentando-se)*

Vejamos.

ANTONIA

Ouvi o outro dia, meu irmão dizer a Du-Bourg que o sr. de Mortemer era um homem muito perigoso!...

MORTEMER

Sim?

ANTONIA

Espere. Achei este conceito injusto em demasia... porque segundo creio, sómente são para temer os criminosos... e o sr. de Mortemer não é seguramente um criminoso!

MORTEMER

É claro que o não sou.

ANTONIA

Mas, segundo elles dizem, parece que o sr. de Mortemer é um *roué*.

MORTEMER

Um *roué!*

ANTONIA

Exactamente... mas diga-me, o que quer dizer esta palavra um *roué?*

MORTEMER

Foi seu irmão que me deu este nome?

ANTONIA

Exactamente... Ora como eu sympathiso extrema-

mente com o sr. de Mortemer e não quero nutrir a menor suspeita ácerca das pessoas a quem estimo...

MORTEMER

Quer então saber...

ANTONIA

Justamente.

MORTEMER

Pois bem. Um *roué*, é um homem amavel!

ANTONIA

E o sr. de Mortemer é tambem amavel.

MORTEMER

Que se faz querer... das damas principalmente...

ANTONIA

Não ha duvida!

MORTEMER

E que sabe tirar proveito dos sentimentos que lhes inspira!

ANTONIA

Tirar proveito... Agora é que eu não entendo inteiramente!

MORTEMER

Sim... sim... *(Áparte.)* Ella não entende! É possivel? Estará zombando de mim?

ANTONIA

Que tire proveito... nada ha mais justo... logo se o reprehendem, será porque esse proveito não é licito nem honesto?...

MORTEMER

Talvez o não seja... aos olhos dos estranhos...

ANTONIA

É justamente o que éu não quero acreditar do sr. de Mortemer.

MORTEMER

Mas se ha o que quer que seja de verdade no conceito que fazem de mim!...

ANTONIA

É possivel! Em que?

MORTEMER

É que eu tenho sido feliz nas minhas affeições...

ANTONIA

Alguma coisa ouvi já dizer a esse respeito...

MORTEMER

Ah! Ouviu?

ANTONIA

Sim... creio que lhe tem sorrido sempre a felicidade...

MORTEMER

A felicidade... sim... a que nos vem do coração das mulheres...

ANTONIA *(com vivacidade, interrompendo-o)*

Entendo...

MORTEMER *(com vivacidade)*

Entende?

ANTONIA

Mas como pode isto ser, se o sr. de Mortemer não é casado? Já vejo que não é como eu julgava.

MORTEMER

O que julgava então da minha felicidade?

ANTONIA

Pensei que era a ventura de viver com a pessoa de quem se gosta... como meu irmão com minha cunhada! Não é por acaso a mais invejavel fortuna d'este

mundo a de encontrar um coração, que seja para nós a fonte purissima de toda a nossa felicidade n'esta vida?

MORTEMER

Não é esse exactamente o caso de que se trata.

ANTONIA

Então qual é?

MORTEMER

A fortuna de que eu fallo... tem um nome... é... *(interrompe-se.)*

ANTONIA *(olhando para elle com franqueza)*

É... então?

MORTEMER *(áparte)*

Esta creança olhando para mim com os seus olhos expressivos e innocentes, faz-me tremer pela primeira vez. *(Alto)* Escute. Hontem á noite achei eu a menina cheia de vida, brilhante de sentimentos, ardente de enthusiasmo!... Não é verdade?

ANTONIA

Pode ser... Estava um pouco fóra de mim... A musica talvez...

MORTEMER

Pois ha n'este mundo harmonias ainda mais suaves... ha alegrias e commoções ainda mais inebriantes... e que já talvez tenha sonhado nos primeiros alvores da mocidade!

ANTONIA

Nunca me fallaram de tal...

MORTEMER

Talvez... mas tem-n'as de certo adivinhado!

ANTONIA *(olhando para elle)*

O que?

MORTEMER

Pois é possivel, anjo querido, que o seu coração nunca pulsasse á lembrança de que um homem como eu podesse esperar... podesse...

ANTONIA

Esperar o que?... Hesita em o dizer? Parece que não era bom isso que esperava...

MORTEMER

Não era bom!... Era antes a suprema felicidade... *(Áparte.)* Não entende nada! *(Alto.)* Era antes o paraiso d'esta vida... Quer uma prova?... Veja como treme a minha mão... e como junto da menina...

ANTONIA *(fitando-o)*

Junto de mim!... E que tem isso?

MORTEMER *(balbuciando, intimidado pelo olhar de Antonia, e não sabendo o que diz.)* Nada... eu... mas este olhar infantil que me segue impaciente... Quizera dizer-lhe... mas não acho palavras... O que é que me encanta, que me attrahe, que me seduz? *(Antonia olha fixamente para elle)* o que de tal modo me perturba e desconcerta... que desejo fallar... mas não posso... como vê! *(Apaixonadamente.)* E com tudo eu sinto a paixão a inspirar-me as mais ardentes expressões... não sei como isto é! *(Com doçura.)* Mas o seu olhar immobilisa-me nos labios a palavra... É ridiculo... e estupido certamente... mas não posso... não me atrevo... enlouqueço... não sei dizer o que me inflamma o coração...

ANTONIA *(em pé, inquieta)*

Meu Deus! O que tem? O que sente?

MORTEMER *(livrando-se dos olhos d'ella, com violencia e sem se levantar.)* O que tenho? Não sabe que ao

seu lado ha agora um homem, para quem, toda a vida, os caprichos e as paixões foram leis imperiosas e irresistiveis... e que... tal é a violencia do seu amor, se quisesse, estaria sómente na mão d'elle...

ANTONIA

O que? Diga... Confesso que principio a ter receios...

MORTEMER *(triumphante)*

Ah! Tem medo!

ANTONIA

Receio por sua causa... vejo-o tão commovido... que temo não lhe succeda mal com esta desusada excitação.

MORTEMER *(largando-lhe a mão, comsigo mesmo)*

Receia somente por minha causa! Não entendeu uma palavra do que eu disse... uma só... nada, absolutamente nada!

ANTONIA *(afastando-se um pouco d'elle)*

Quer que chame alguem? O que sente? Porque olha para mim d'essa maneira?

MORTEMER *(sempre meio sentado, com doçura, commovido, terno, com adoração, fitando Antonia; depois d'uma pequena pausa.)* É que eu sinto um prazer infinito em a contemplar .. Deixe-me vel-a com a vista dos olhos e com o affecto do coração. Oh! meu Deus... será possivel?... Haverá pois n'este mundo innocencia, virtude, candura, como as que estou admirando? Como é bello... como consola a alma vêr e ouvir o quanto ha de mais nobre e ideal na condição da humanidade! Como é doce cahir aos pés de uma apparição quasi divina, *(caindo de joelhos)* e dizer-lhe, arrependido: Ah! não sou eu tão m

como parecia, porque ainda posso comprehendel a e adoral-a!

ANTONIA

Caem-lhe as lagrimas! Porque chora?

MORTEMER *(em pé, com decisão)*

São lagrimas do demonio... Ai, meu anjo, eu lhe juro, que hão de ser estas lagrimas a minha salvação!

ANTONIA

Mas de que?

MORTEMER

Eu lh'o direi talvez um dia... Agora, porém, peço-lhe que saia... Deixe esta casa... vá-se embora depressa!... *(Abre de par em par a porta da E.)*

ANTONIA

E Rebeca?

MORTEMER

Partiu ha muito tempo!

ANTONIA

E não esperou por mim!

MORTEMER

Hei de tambem explicar-lhe tudo isto quando fôr occasião. Mas volte depressa para casa de seu irmão... tenha principalmente cuidado em que não a vejam sair d'aqui!

ANTONIA *(surprehendida)*

Pois é preciso occultar?...

MORTEMER

Sinto alguem na escada... Depressa, por ali. *(Abre a porta do F.)*

ANTONIA *(perturbada)*

Mas o que é isto?... Não sei onde estou.

MORTEMER

E eu? Este dia ha de lembrar-me em quanto viver...

ANTONIA

Então, adeus.

MORTEMER

Adeus! não, não... *(Detendo-a)* Até depois, até sempre, minha querida filha!

ANTONIA *(commovido e indo a sair)*

Disse essas palavras, como meu pae as proferia...

MORTEMER

Sim? Pois bem. É tudo quanto eu desejo! *(Antonia sae pelo F., Mortemer fica só.)* Oh! meu Deus! Ha realmente mulheres como esta?... E é agora tão tarde que eu o sei! *(Senta-se. Ruido de vozes á E. Ouve-se Clavières, que procura demorar Nancia.)* Quem será?

SCENA XII

MORTEMER, NANCIA e CLAVIÈRES

CLAVIÈRES

Sr. de Nancia!... Sr. de Nancia!

NANCIA *(entrando pela E. com violencia, seguido por Clavières, que procura contel-o, e soltando-se do braço d'este.)* Está só!... Ella foi-se embora!

MORTEMER *(Ao F.)*

E assim se entra em minha casa!

NANCIA *(pallido e tremulo)*

Senhor! Achei á sua porta a carruagem da sr.ª de Chavenay; e n'ella, disse-me o sr. Clavières, estava ha uma hora uma senhora que não preciso de nomear e que estava aqui n'este momento? Tenho toda a certeza... porque saiu quando eu cheguei.

MORTEMER

Para lhe responder seria necessario conceder-lhe primeiro o direito de me interrogar!

NANCIA

Os meus direitos eu lh'os provarei n'outro logar! Atreva-se a affirmar-me sob sua palavra que mademoiselle de Chavenay não saiu d'aqui ha alguns instantes...

MORTEMER

Em attenção ao estado em que o vejo, limito-me a declarar-lhe que ninguem estava comigo n'esta sala! *(Nancia olha para elle sem saber o que acredite. João apparece no limiar.)*

JOÃO *(vindo ao sophá)*

Foi aquella menina que deixou aqui...

NANCIA *(vendo no sophá o véo de Antonia e dando um passo para o apanhar.)* Ah!... *(Mortemer previne-o e entrega friamente o véo a João, sem deixar de olhar para Nancia. O creado sae. Nancia, pallido de colera e com uma voz cava.)* Mentiu... Vou desenganar-me... *(Quer arrojar-se para sahir.)*

MORTEMER *(deante da porta sem o deixar passar)*

Não ha de ver coisa nenhuma!

NANCIA *(contido por Clavières)*

Miseravel! Hei de matal-o!

MORTEMER

Veremos. A mulher que estava aqui, juro-lhe que não ha-de vel-a.

NANCIA

E eu juro-lhe que a hei de ver. *(Sae.)*

CLAVIÈRES *(só com Mortemer)*

Era ella?

MORTEMER *(á janella)*

Escuta! É a carruagem que parte. *(Ouve-se o rodar do trem.)* Graças a Deus! Ah! Clavières! Clavières! É a primeira vez na minha vida que me portei honradamente e fui bem mal recompensado!

FIM DO 3.º ACTO

ACTO IV

A mesma decoração.—Pouca luz.—Um candieiro acceso sobre a secretaria.—Diante do fogão uma mesa cheia de papeis e uma vella accesa.—A secretaria está aberta e todas as gavetas estão em desordem.—Cartas, maços de papeis, etc., etc.

SCENA I

MORTEMER *(só)*

(Sentado no sophá, deante da mesa e acabando de sellar uma carta.)

São cinco horas!... Já!... Esta lenha parece que não arde. Estou gelado! Ah! *(Pegando n'outra carta.)* Esta guardo-a para Troénes, que está ainda a dormir lá em cima! Já que o tomei a meu cuidado, é mister não o esquecer!... Será a primeira vez que presto os meus bons serviços a um marido!... Por mais que um homem se tenha batido... não é nunca socegada a noite que antecede a um duello! *(Lança papeis no fogo.)* Mais avisados andavam os nossos avoengos que para se desaffrontarem, tiravam logo das espadas. *(Com amargura.)* Desgraçada questão foi esta, que me leva novamente aos habitos da minha vida passada!... na propria occasião em que essa adoravel creança m'os fazia esquecer com tamanho enlevo e alegria! *(Olhando para o logar onde Antonia esteve sentada.)* Foi ali que ella esteve... sorrindo sem receio e sem malicia... encantadora fada, com a sua varinha de oiro, com que ha apenas alguns instantes acordava no meu coração envelhecido todos os sentimentos bons e ge-

nerosos de outras eras!... E hei de eu matar um pobre rapaz, que tanto lhe quer... ou deixar que elle me mate... *(Suspirando.)* Ai! meu Deus! Sempre a vida é coisa bem estupida e semsabor!... Vejamos, continuemos a nossa empresa! *(Procurando os maços de papeis.)* O que são estes papeis?... Ah! são negocios, escripturas, arrendamentos!... Fechemos estes documentos... mas para quem? Para os meus herdeiros? Não os tenho... nem irmão, nem irmã, nem filho! *(Procurando em volta de si.)* Ha por ventura alguem no mundo a quem eu ame, de quem eu seja verdadeiramente amado?... *(Com amargura.)* Ninguem!... Vivo sósinho no mundo, *(olhando em torno de si)* como sósinho estou agora n'este quarto. Sou eu a companhia de mim proprio! E se eu voltar logo atravessado por uma estocada, quem ha de velar á cabeceira do meu leito?. . Quem, se eu morro, me ha de prantear?... *(Torna a olhar em roda do quarto e acaba o seu pensamento por um gesto.)* Ora dize, Mortemer, não é este um invejavel termo ao teu viver? Não é bem encaminhada uma vida que tem por unica perspectiva este morrer? *(Com tristesa.)* Só!... De todos estes corações feminis, que faziam o encanto da tua existencia... nem um para te adoçar as derradeiras agonias! *(Olhando para uma gaveta meio aberta e cheia de cartas.)* Cartas amarellecidas e amarrotadas... eis ahi o que resta. *(Pega n'um punhado de cartas.)* A terra não lhes chega. Protestam adorar-me n'este mundo e no outro! *(Abre uma carta isolada.)* A primeira... ao acaso... Se eu tinha a certeza! *(Lendo.)* «O amor que te dedico, nunca o saberás...» *(Interrompendo se.)* Que dizia eu? *(Lendo.)* «Um dia talvez... quando tudo se acabar...» *(Interrompendo-se.)* Extraordinario! Esta admittia que o nosso amor tivesse fim!... De quem é esta letra?... *(Lendo.)* «Quando tudo se acabar,

quando procurares na ultima pagina o nome d'aquella que te escreveu, sem já te lembrar quem ella foi!... *(Interrompe-se.)* Mal esperava!... *(Lendo.)* «Porque sei desde já que tu me has de esquecer.» *(Commovido.)* Pobre mulher! Como eras sincera e verdadeira... A verdade respira nas tuas expressões... *(Olhando para a carta.)* Ali estava talvez a felicidade... mas eu só o prazer buscava então!... De quem é esta carta?... Nem tem nome, nem data! Mas este sinete... Não ha duvida... Esta noite é para mim por todos os motivos cheia de gelos e desenganos!

SCENA II

MORTEMER e TROÉNES

TROÉNES *(entrando pela E. com um ar aborrido, olhando em roda de si para saber onde está; com o paletot no braço.)* Onde diacho estou eu?

MORTEMER *(que está arranjando o fogo, voltando-se)* Até que appareceu aqui!

TROÉNES

Pelo que vejo estou em sua casa?

MORTEMER

Creio que sim.

TROÉNES

Então muito bons dias, como vae isso?

MORTEMER

Antes assim que peior. Dormiu bem?

TROÉNES

Um somno pequeno mas socegado. *(Olhando com espanto em volta de si, e estonteado.)* Eu aqui n'esta casa! *(Entendendo.)* Agora entendo!... Fiquei alegre de mais n'aquella ceia. E depois trouxeram-me...

MORTEMER

Exactamente.

TROÉNES *(vivamente)*

Mas com os diabos!... Vou já para casa antes de amanhecer... não quero que digam que durmo fóra de casa.

MORTEMER

Antes de amanhecer, hein?

TROÉNES

Quantas são?

MORTEMER

Seis horas apenas.

TROÉNES

Direi a minha mulher que o meu cocheiro se enganou no caminho e que andámos toda a noite sem poder acertar com a minha casa.

MORTEMER

Precisará dizer que foi desde antes de hontem.

TROÉNES *(espantado)*

Como antes de hontem... se hontem é que foi a ceia?

MORTEMER

Antes de hontem, digo-lh'o eu.

TROÉNES

Foi hontem! E se não vejamos, seu embusteiro. Eram onze horas quando eu sahi de casa.

MORTEMER

Onze horas de terça feira quinze de novembro!

TROÉNES

E então?

MORTEMER

Ora estamos a dezesete do mez...

TROÉNES

Em quinta feira... Então a quarta feira passou em claro?

MORTEMER

Passou-se para os que dormiram todo o dia!

TROÉNES

Agora é que eu entendo!.. Deixaram-me dormir um dia inteiro a somno solto... Com a breca! Duas noites fóra de casa! O que hei de eu dizer a Luiza?

MORTEMER

Que por signal veiu procural-o em quanto você estava a dormir!

TROÉNES *(aterrado)*

Sério?... Estou perdido!... Já não posso escapar a que ella me julgue um debochado...

MORTEMER *(sentando se á E. no sophá)*

Provavelmente assim o ha de avaliar.

TROÉNES

Mas não sabe que foi o seu amigo Veaucourtois o culpado de tudo isto? Vem ter comigo e diz-me: «Vamos ceiar a casa da Florina...» Vou decerto passar uma noite deliciosa, digo eu comigo mesmo! Aquella Florina é tão endiabrada! Corro a casa d'ella... Abraça-me loucamente, exclamando: Ora vamos, meu queridinho!... Has de confessar que a tua Florina se tem portado como uma rapariga generosa... Estava na sua mão o mandar as tuas cartas ao papá da tua noiva e desmanchar-te assim o casamento. Ah! querida Florina, hei de sér-te por isso eternamente grato! Sim? acode a pequena. Pois bem, meu amor perfeito, has

de pagar-me já os dois primeiros quarteis que me deves da pensão! Pensão! repliquei eu admirado! E ella sem mais *tir-te nem guar-te,* puxa de um escripto em que me obrigo a pagar-lhe uma pensão de quatro mil francos, quando haja de casar-me.

MORTEMER

Isso agora é mais serio!

TROÉNES

Declaro que tal obrigação me não lembrava! Tinha-a escripto como a gente escreve muitas coisas, com a firme intenção de não cumprir o promettido.

MORTEMER

Entendo!

TROÉNES

Pois eu não estou resolvido a pagar, digo-lhe eu já meio aborrecido... Has de pagar com lingua de palmo! responde-me ella fóra de si... Zanguei-me... enfureci-me... Palavra puxa palavra... Altercámos rijamente... Excito me... Principia-me a cabeça á andar á roda... Entende? E desde esse momento... não sei mais o que se passou. *(Sentando-se ao pé de Mortemer.)* Eis ahi a historia fiel d'aquella noite!

MORTEMER

Mas confesse que não fez bem negando a obrigação.

TROÉNES

Eu pagar? Ora essa!

MORTEMER

A Florina irá demandal-o em juizo, haverá escandalo e afinal que remedio terá senão pagar?

TROÉNES *(convencido)*

Mas que diabo de idéa foi esta de ir ceiar com a

Florina?!... Ainda se eu me tivesse divertido... Mas digo-lhe que nem sequer me distraí!

MORTEMER

Florina vale bem a pensão! A rapariga é tão estroina!

TROÉNES

Qual!... Nem sombras d'isso é já!... Nem parece a mesma Florina das ceias e estroinices de outras eras.

MORTEMER

Comprehendo que lhe pareça agora outra mulher.

TROÉNES

E depois que convivas tão semsabores!

MORTEMER

Nem havia mulheres bonitas?

TROÉNES

Umas quarentonas coloridas a vermelhão com seus toques de pó de arroz!

MORTEMER

A sr.ª de Troénes é muito mais bella, certamente.

TROÉNES

A sr.ª de Troénes é mil vezes mais bella do que todas aquellas creaturas!

MORTEMER *(levantando ao ar o papel)*

Obrigo-me a pagar uma pensão annual de quatro mil francos a Adelaide Brolingot, por alcunha Florina, por quem tenho a affeição mais viva!

TROÉNES

É o meu escripto de obrigação...

MORTEMER

Agora é meu... Comprei-o hontem com o meu dinheiro á Florina...

TROÉNES

É um bello rasgo de generosidade! Obrigado, meu amigo.

MORTEMER *(continuando)*

Havemos de rasgar um dia este papel...

TROÉNES

Já vamos a isso!

MORTEMER

Ainda não. *(Mostrando-lhe o sobrescripto.)* Leia o sobrescripto. «Para ser entregue ao sr. Troénes...»

TROÉNES *(lendo)*

«No dia do baptisado do seu primeiro filho.»

MORTEMER

Agrada-lhe o contracto?

TROÉNES

Estou quasi a dizer que sim.

MORTEMER

É negocio concluido?

TROÉNES

Por signal ha de ser um rapaz...

MORTEMER

É prometter muito!

TROÉNES

Agora o chapeu e por aqui me sirvo

SCENA III

OS MESMOS e VEAUCOURTOIS

VEAUCOURTOIS *(entrando pelo F. Vestuario de soirée, um pouco amarrotado; restos d'uma noite passada em orgia. Treme de frio; vem arrasado de ter perdido*

a noite; cantarolando e tossindo.) Tu... tu... tu... Ah! Já vocês estão em pé?! Bravo... tu, tu, tu. *(Tossindo.)*

MORTEMER

D'onde diabo vens tu... de collete branco, a estas horas?

VEAUCOURTOIS

Acabo de passar uma noite deliciosa, encantadora! *(Cantarolando.)* Tu... tu... *(Tosse.)*

TROÉNES

Conhece-se pelos effeitos.

VEAUCOURTOIS

Isto não é nada... subi os degraus a quatro e quatro, com a ligeireza de um funambulo...

TROÉNES

Mas a verdade é que você está todo n'um tremor!...

VEAUCOURTOIS

É este meu temperamento excitavel, que me faz refluir o sangue ao coração!

MORTEMER

É a seiva da mocidade!

VEAUCOURTOIS

Venha um copinho de madeira *(Troénes vae buscar-lhe um copo de madeira.)* Esta vivacidade irresistivel do meu sangue! *(Approxima-se, cambaleando, de Mortemer que o ampara.)*

MORTEMER *(a Troénes, fazendo-lhe signal para que o ampare.)* Tome sentido. *(A Veaucourtois.)* Onde diabo passaste a noite, meu velho folião? *(Dá-lhe o biscoito e o copo trazido por Troénes.)*

VEAUCOURTOIS

Foi uma noite babylonica...

MORTEMER

Com a tua *prima-donna* improvisada!... Rompeste afinal com ella?

VEAUCOURTOIS

Qual rompi!... Agora é que principia o idyllio do nosso amor... Puz-lhe casa... coitadinha!

MORTEMER

E como te explicou ella aquellas phrases escriptas na photographia?

VEAUCOURTOIS *(rindo)*

É um conto divertido... Disse-me quem era o urso desdentado... E eu que o conheço! Tambem lá estava em casa d'ella!

MORTEMER

Então quem é?

VEAUCOURTOIS

É o mestre que a ensina a cantar e lhe anda a arrastar a aza! *(Rindo.)* Ora o gebo!

MORTEMER

E quem era aquelle Christino?

VEAUCOURTOIS

Não era Christino... é Christina... uma loirinha menos má...

MORTEMER

Mas no retrato tinha ella escripto Christino!

VEAUCOURTOIS

E tu com essa teima! Pois se foi a propria loirinha que tudo me explicou!... *(Tosse.)* Hoje sinto-me cheio de vida e mocidade! *(Cae abatido no fauteuil.)*

TROÉNES *(a Mortemer, depois de contemplarem ambos, em silencio, a Veaucourtois.)* Isto não é um homem, são umas ruinas!

MORTEMER

Pois é este mesmo o seu futuro se continua...

TROÉNES *(aterrado)*

Basta... Vou já direitinho ver minha mulher!

MORTEMER

Pois sim.

TROÉNES *(gritando a Veaucourtois, que dorme)*

Do alto d'este chinó sessenta annos de dissipação nos contemplam.

VEAUCOURTOIS *(mal disperto)*

Que queres, Nina! Nininha! *(Levantando-se esbaforido.)* O que é que eu estava a dizer?

MORTEMER *(encolhendo os hombros)*

Nada!

SCENA IV

MORTEMER, VEAUCOURTOIS e CLAVIÈRES

CLAVIÈRES *(entrando pela E., a Mortemer)*

Olé! Já levantado!... *(A Veaucourtois.)* E tu egualmente! *(Mortemer dirige-se ao F.)*

VEAUCOURTOIS

Tambem eu! *(Cantarolando e tossindo.)* Tu... tu...

CLAVIÈRES *(a Veaucourtois)*

Olha que nos vamos bater d'aqui a pouco!

VEAUCOURTOIS

Bem sei! Foi para isso que eu hoje tão cedo fugi aos encantos da Nina! *(Cantando.)*

CLAVIÈRES

E julgas que estás vestido como convem para assistir a um duello?

VEAUCOURTOIS *(declamando)*

Vou já d'aqui vestir as armas da peleja.

CLAVIÈRES

Pois bem, vae depressa...

VEAUCOURTOIS

Como um gamo! *(Cantarolando, sae, fazendo «fioriture» extravagantes.)*

SCENA V

MORTEMER e CLAVIÈRES

MORTEMER

Então que temos?

CLAVIÈRES

Um duello de morte... Vim hontem a casa para te dar conta do que se resolveu na conferencia, e não te achando...

MORTEMER

A essa hora estava eu no Club.

CLAVIÈRES

Assim me disseram!

MORTEMER

Então batemo-nos esta manhã?

CLAVIÈRES

Em Saint-Germain.

MORTEMER

Já o esperava. Aquelle rapaz gosta de mademoiselle

de Chavenay... encontra-a em minha casa... arrebata-se... Não ha nada mais natural.

CLAVIÈRES

E o rapaz está inexoravel... Não houve meio de chegar á conciliação! Nós não queriamos recuar... Os padrinhos d'elle insistiam na desaffronta...

MORTEMER *(interrompendo-o)*

Ah! A proposito, quem são os padrinhos?

CLAVIÈRES

Du-Bourg e Chavenay.

MORTEMER

O irmão?

CLAVIÈRES

O irmão!... Não te parece isto mais singular do que a mim proprio!... Ora lê esta carta de Nancia... Tomei a responsabilidade de abril-a, attenta a urgencia.

MORTEMER *(pegando na carta)*

Fizeste bem. *(Lê.)* «Senhor. Julgo do meu dever dar-lhe conta de quem sejam as minhas testemunhas, cuja escolha talvez lhe pareça estranha. Alem de que não creio inconveniente que o sr. de Chavenay seja segundo n'uma questão que versa sobre a honra do seu nome, accresce a circumstancia de ser o unico amigo, que tenho hoje em Pariz, e de poder qualquer outra eleição despertar suspeitas! Parece-me inutil declarar-lhe que o sr. de Chavenay ignora completamente o motivo da nossa pendencia. Dei-lhe como pretexto uma questão que tivemos a proposito de uma corrida de cavallos. Espero que o sr. de Mortemer avaliará as razões que dirigiram o meu procedimento e que não deixará de guardar sobre a verdadeira causa do nosso duello a discrição de que foi o primeiro a dar-me

exemplo. Sou, etc...» E a verdade é que Nancia tem razão! É um rapaz honrado! *(Mette a carta no sobrescripto e passa á E. para a guardar na secretaria.)*

CLAVIÈRES

Já vês que só fallei a Chavenay n'um desmentido a respeito de uns cavallos inglezes, que tu gabavas muito.

MORTEMER *(fechando o sobrescripto da carta)*

Eu que os detesto cordealmente! *(Vae para guardar a carta n'uma gaveta e interrompe-se olhando para ella. Pausa.)* Olá!

CLAVIÈRES

O que é?

MORTEMER *(examinando mais attentamente)*

É singular!

CLAVIÈRES

O que, o sobrescripto?

MORTEMER *(espantado, examinando com maior attenção)*

Não! O sinete!

CLAVIÈRES

O sinete?!

MORTEMER *(examinando sempre)*

Dá-me de acolá aquella carta... de cima da meza. *(Indica-lhe a carta que esteve lendo, quando estava só.)*

CLAVIÈRES *(indo á meza da D. buscar a carta)*

Esta?

MORTEMER

Sim! *(Clavières traz a carta. Mortemer desce, approxima os dois sinetes e mostra-lh'os.)*

CLAVIÈRES *(surpreso)*

Exactamente eguaes!

MORTEMER

Então não são a mesma coisa, ou estarei eu enganado?

CLAVIÈRES

Não ha duvida!

MORTEMER

N'este caso... não comprehendo... Entendes tu melhor do que eu?

CLAVIÈRES

Eu... nada... Mas antes de tudo, de quem é esta carta?

MORTEMER

De uma mulher! De qual? Já não o sei dizer!

CLAVIÈRES

Então é de certo carta muito antiga!

MORTEMER

Sem questão.

CLAVIÈRES *(muito socegado)*

É uma coincidencia singular! Mas para que estamos nós 'a quebrar a cabeça com este enigma que não vale a pena decifrar?

MORTEMER

É o mesmo brazão de armas!

CLAVIÈRES

Exactamente... É singular!

MORTEMER

Dize antes inaudito, incomprehensivel! *(Olhando para os sinetes.)* Os mesmos sinetes! Perfeitamente eguaes! Estes acasos são impossiveis... E depois a coincidencia de eu lêr as duas cartas no mesmo dia, uma escripta ha tantos annos, a outra agora!...

CLAVIÈRES

O que suspeitas tu ácerca d'isto!

MORTEMER *(muito agitado)*

Nada... Por mais esforços que faça, não me posso recordar!... Mas esta carta... uma mulher!...

CLAVIÈRES

O que?

MORTEMER

Uma mulher a quem fiz seguramente muito mal... Agora este rapaz a provocar-me... Ainda mais!... Não te lembras de que logo á primeira vez que nos encontrámos, se recusou a apertar a minha mão?... E antes de hontem aquella ironica declaração que me era visivelmente dirigida!... Andará em tudo isto a vingança de uma mulher?

CLAVIÈRES *(abanando a cabeça)*

Pois se elle gosta muito de mademoiselle de Chavenay...

MORTEMER

É certo... mas além d'esse ha ainda infallivelmente outro motivo... Qual seja... não sei!... mas preciso averigual-o e hei de descobril-o finalmente.

CLAVIÈRES

E tens razão!

MORTEMER

A que horas havemos de estar no campo?

CLAVIÈRES

Já não é cedo para marchar!

MORTEMER *(subindo para entrar no quarto, e contemplando sempre a carta que tem na mão.)* É inaudito! Não me pode lembrar de quem é esta lettra que es-

tou vendo! *(Procurando recordar-se.)* Nancia!... Nancia!... Nada... jámais conheci mulher d'este appellido! *(Entra no quarto sem fechar a porta.)*

CLAVIÈRES

Depressa... não fiques ahi a demorar-te... E onde está o Veaucourtois?

SCENA VI

OS MESMOS e VEAUCOURTOIS

VEAUCOURTOIS *(armado em guerra, com as armas, cantarolando com bravura.)* Eis as armas, voemos ao combate!

CLAVIÈRES

Creio que não sabes que os padrinhos tambem se batem?

VEAUCOURTOIS *(dando um pulo)*

Hein?

CLAVIÈRES

Socega, não tenhas medo... Foi gracejo o que eu te disse.

VEAUCOURTOIS *(heroico)*

O medo nunca enfraqueceu um instante os brios guerreiros d'este coração... Voemos ao combate!

MORTEMER *(tornando a apparecer, com o chapeu na cabeça e o paletot no braço.)* A caminho! *(Abre-se a porta, apparece Chavenay no F., Du-Bourg e João, no momento em que Mortemer fecha a secretaria. Movimento de surpresa. Voltando-se.)* Que succedeu?

SCENA VII

OS MESMOS, CHAVENAY e DU-BOURG

CHAVENAY *(entrando)*

Coisa de nenhuma gravidade. Quando iamos a par-

tir, soubemos que ha hoje caçada na floresta de Saint-Germain, e julgamos prudente propor-lhe, meus senhores, um outro campo de combate...

CLAVIÈRES

O que lhes parecer melhor.

MORTEMER

A acção é tudo, o theatro é indifferente!

CHAVENAY

Ville d'Avray será bom sitio?

CLAVIÈRES

Pois seja... Juntar-nos-hemos na ponte de Sévres.

CHAVENAY

Podemos retirar-nos... Meus senhores... *(Saudando-os.)*

MORTEMER *(detendo-os)*

Perdão... antes de sahirem, poderão dizer-me duas palavras como necessaria informação?

CHAVENAY *(surprehendido)*

Com todo o gosto... Devo porém dizer que o sr. de Nancia está lá em baixo na carruagem á nossa espera...

MORTEMER

A demora é apenas de um minuto. *(Chavenay volta do F. da scena com Du-Bourg. Veaucourtois põe as armas em cima do sophá, á D. Clavières atravessa no F. e passa á D.)* O nome que n'este momento pronunciou está bem certo que seja o do seu amigo? Chama-se elle deveras o sr. de Nancia?

CHAVENAY

Certamente é este o seu nome...

MORTEMER

É porque este nome que é inteiramente novo para mim, é tambem desconhecido a muita gente... Ainda hontem á noite, no club, não pude achar uma só pessoa que soubesse dar-me noticia de tal nome...

CHAVENAY

Não é para estranhar. Prova unicamente que o sr. de Nancia não pertence á sociedade habitual das pessoas com quem convive o sr. de Mortemer!

MORTEMER

Mas sendo assim, em que sociedade é conhecido o sr. de Nancia?... Se eu não posso descobrir qual seja a sua familia, nem uma unica pessoa do seu conhecimento!

CHAVENAY

Perdão!... Basta saber que sou eu um dos seus padrinhos... Creio ser attestado sufficiente de que o sr. de Nancia é um cavalheiro!

MORTEMER

De accordo... Mas como é que esse cavalheiro usa d'um sinete que não é seu? *(Mostra-lhe a carta.)*

CHAVENAY

Pelo amor de Deus... Queira perdoar-me se me causam estranheza os seus escrupulos exactamente na hora do combate.

MORTEMER *(interrompendo-o)*

Sr. de Chavenay, tenho-me batido seis vezes... Eis o meu passado... Tenho direito de saber com quem me bato a setima vez... Eis ahi quanto ao presente.

CHAVENAY

Mas o senhor...

MORTEMER *(interrompendo-o e mostrando-lhe a carta de Nancia)* Por Deus! Queira vêr! É este o sinete de que usa habitualmente o seu amigo? Sim ou não?

CHAVENAY

É este!

MORTEMER

É o da familia Nancia?

CHAVENAY

Perdão... Nancia não é appellido de familia... É o nome de um solar que pertence ao meu amigo!

MORTEMER *(com vivacidade)*

Logo não é o nome d'elle... ou pelo menos ha de ter outro...

CHAVENAY

Não usa d'esse por motivos particulares...

MORTEMER

Quaes?

CHAVENAY

Isso é questão em que não temos direito de entremetter-nos...

MORTEMER *(cada vez mais nervoso)*

Mas ao cabo de tudo isto, com quem é que vou bater-me?

CHAVENAY

Com o sr. de Nancia.

MORTEMER

Que se não chama de Nancia, ou que tem alem d'este um appellido que elle occulta... Queira dizer-me qual é... o verdadeiro, o verdadeiro?

CHAVENAY

Digo-lhe, senhor, que não tenho faculdade para revelar os segredos do meu amigo...

MORTEMER

E eu não tenho o costume de me bater com homens cujo nome não conheço... Tenha a bondade de participar isto ao seu amigo. Aqui espero a resposta.

CHAVENAY

Previno-o de que postas n'estas condições, a questão principia a ser comigo...

MORTEMER

Com o sr. de Chavenay estou prompto... porque sei com quem me bato...

CLAVIÈRES *(intervindo)*

Meus senhores, vejamos se é possivel accommodar esta differença. *(Chavenay e Du-Bourg consultam á parte.)*

VEAUCOURTOIS

Pois que diabo! Esse mancebo ha de por força saber como se chama.

CLAVIÈRES *(com impeto a Mortemer)*

Então queres por força...

MORTEMER *(áparte, olhando para Chavenay e Du-Bourg)*

Cala-te ahi. Elles fallam por força e saberei o que pretendo.

CHAVENAY *(collocando-se no meio)*

Pois que tanto insiste, sr. de Mortemer, visto que o meu amigo se não oppõe, vou dizer-lhe quanto sei a respeito do sr. de Nancia. Este nome é o de uma propriedade territorial, aonde a mãe d'aquelle cavalheiro viveu por longo tempo, separada de seu marido. Por um escrupulo piedoso, o sr. de Nancia não quiz adoptar outro appellido senão o que ella usou desde então até á sua morte.

MORTEMER *(vivamente)*

De maneira que este sinete é tambem...

CHAVENAY *(examinando-o)*

Aquelle de que usava a mãe do meu amigo.

MORTEMER *(a Clavières, vivamente a meia voz, muito nervoso)* Vês? Não é o que eu dizia? Uma vingança de mulher... É um filho que vinga sua mãe, que eu conheci de certo... já me não lembra aonde e em que tempo...

CLAVIÈRES

Por Deus, socega!

MORTEMER *(febricitante)*

Estou tranquillo, bem vês! *(a Chavenay)* E essa mulher, sr. de Chavenay, chamava-se...

CHAVENAY

Ora, senhor... não sei que interesse possa ter n'estas minuciosas inquerições...

MORTEMER *(com energia)*

Diga, diga... saibamos tudo... É preciso que tudo se esclareça. *(baixando a voz)* Essa dama chamava-se...

CHAVENAY *(a Mortemer em voz baixa)*

A sr.ª de Rilly.

MORTEMER

De Rilly!... Ella!... É possivel!... Conheci na verdade a sr.ª de Rilly... E conheci-a exactamente na occasião em que se separou de seu marido... Mas a sr.ª de Rilly não tinha filhos...

CHAVENAY

De seu marido, certamente não...

MORTEMER *(vivamente e em voz alta)*

Nem de outro homem tão pouco! Sei perfeitamente

como tudo se passou... O marido veio a descobrir as relações de sua mulher... O amante, cujo nome nunca poude conhecer-se... sahira de Paris na vespera, levando comsigo outra mulher!

CHAVENAY

Com effeito!

MORTEMER *(com força)*

E digo-o attestando quanto haja de sagrado... a sr.ª de Rilly não tinha filho algum d'aquelle homem.

CHAVENAY

Perdão... não é exacto... teve um que nasceu seis mezes depois do successo a que se refere o sr. de Mortemer.

MORTEMER *(com vivacidade)*

E era filho de... de...

CHAVENAY

Do homem que havia seis mezes a deixara para tornar infeliz outra mulher!

MORTEMER

E esse filho, é...

CHAVENAY

O amigo de quem sou hoje testemunha no duello...

MORTEMER *(comsigo mesmo, recuando á E.)*

Elle!... Elle!...

SCENA VIII

OS MESMOS e NANCIA

(Nancia apparece no limiar do F. Movimento de Mortemer que se contem e o contempla, buscando sopear a commoção)

MORTEMER *(comsigo mesmo)*

Eil-o ahi!... Eil-o ahi!...

NANCIA *(do F.)*

Peço-lhes perdão, meus senhores... Se os perturbo é para lhes lembrar que já passou a hora. *(Sem olhar para Mortemer e dirigindo-se aos padrinhos.)* Occorreu acaso alguma novidade?

CHAVENAY

Nada... Ha um quarto de hora que este cavalheiro discute comnosco uma questão um tanto singular...

NANCIA *(descendo e olhando com attenção para Mortemer)* Questões n'este momento!

MORTEMER *(áparte, comsigo mesmo)*

Como elle é bello, nobre, generoso!...

CLAVIÈRES *(descendo á sua E.)*

O que tens tu?

MORTEMER *(afastando-o, sem deixar de olhar para Nancia)* Nada!... nada!... *(comsigo mesmo)* Ha coisas que se não podem exprimir! *(Batendo no peito)* Sentem-se! *(Comsigo)* É meu filho!

NANCIA *(depois de fallar baixo com Chavenay)*

Agora que estes cavalheiros lhe teem dado todas as explicações que lhes pediu, parece-me chegado o momento de partir...

MORTEMER *(não sabendo já onde está)*

Partir! Para onde e para que?

CLAVIÈRES *(estupefacto)*

Para te bateres!

MORTEMER

Bater-me... Eu! Com elle!

CHAVENAY *(estupefacto)*

Pois recusa?

MORTEMER

Recuso... sem duvida.. recuso formalmente!

NANCIA

É possivel!

CLAVIÈRES *(a Mortemer)*

Enlouqueceste?

MORTEMER *(a Clavières)*

Pois queres que me bata com... com... *(affectuoso)* Com esta creança!

NANCIA

Esta creança depressa lhe vai mostrar...

CHAVENAY *(interrompendo-o)*

Perdão... Isto agora é comnosco! Queira dizer-nos *(a Mortemer depois de fazer passar Nancia á sua E.)* o motivo d'esta sua singular resolução á ultima hora...

MORTEMER

O motivo!

NANCIA

Sim, senhor...

MORTEMER

De accordo... é necessario que o explique?... *(Com explosão)* Pois bem! Não quero, não posso bater-me, porque...

NANCIA *(entre os seus dois padrinhos e acabando a phrase)*

Porque tem medo!

MORTEMER *(quasi a abrir os braços para Nancia)*

Medo!... Sim, tenho medo!... *(com explosão)* Porque sou...

NANCIA *(o mesmo jogo)*

Porque é um covarde com as mulheres, e ainda mais covarde com os homens!...

MORTEMER *(espantado)*

Oh! meu Deus!... Não me dará elle tempo para que lhe diga!...

NANCIA *(com uma colera crescente)*

Ah! Para o determinar a bater-se, será necessario que eu lhe diga tudo o que penso a seu respeito!... lançar-lhe ás faces o meu despreso e o meu odio?

MORTEMER *(a Clavières desesperado)*

Dize-lhe que se cale... que se cale... por piedade!...

NANCIA *(apesar dos esforços de Chavenay para se calar)*

Um homem immoral, com animo de attrair uma mulher a sua casa para a seduzir!...

MORTEMER

Pela minha honra affirmo que não é verdade!

NANCIA *(dando uma gargalhada e soltando-se dos padrinhos)* Pela sua honra! A honra d'este homem, cujo prazer tem sido toda a vida zombar da honra alheia! A honra de um Mortemer!

MORTEMER *(profundamente ferido)*

Basta!... Basta!... Juro-lhe que basta!

NANCIA

Então agora bate-se?

MORTEMER *(fóra de si)*

Se não fôra... Oh! meu Deus! Não sei o que diga! Já quasi a revelar tudo... *(olhando para elle com horror)* É isto o que elle pensa de mim! É atroz!... É horroroso!

CHAVENAY

Peço-lhe que responda... Persiste em recusar a satisfação?

MORTEMER *(extenuado)*

Recuso!

CLAVIÈRES

O que dizes?!

MORTEMER

Deixa-me!... oh! deixa-me pelo amor de Deus!

CLAVIÈRES

Mas explica-te primeiro!...

MORTEMER *(cahindo desesperado no sophá da E.)*

É uma creança... Não ouvi nada do que elle disse... levem-n'o... levem-n'o d'aqui! *(Silencio. Musica. Os padrinhos olham attonitos uns para os outros, depois Chavenay vira-se para Nancia.)*

CHAVENAY

Depois d'isto, não ha nada que fazer.... saiamos pois! *(Chavenay e Du-Bourg sobem lentamente, levando Nancia.)*

NANCIA *(depois d'alguns passos, voltando-se, tremendo de colera reprimida, para Mortemer que está sentado escondendo o rosto)* É decisão irrevogavel? Recusa?

MORTEMER *(aniquilado)*

Bem vê que não quero responder... Pelo amor de Deus, deixem-me sosinho!

NANCIA *(fazendo explosão)*

Pois bem! Juro lhe que o hei de obrigar a bater-se commigo! *(Levanta a mão para lhe dar uma bofetada.)*

MORTEMER *(em pé, sustendo-o com a mão e com o gesto)*

Oh! desgraçado! *(Com dôr)* Poupa-me esta affronta... *(Nancia olha para elle como fulminado e deixa-se levar por Chavenay e Du-Bourg.)*

CLAVIÈRES *(á Mortemer)*

E soffres tambem isto, Mortemer?

MORTEMER *(cambaleando e balbuciando)*

Pelo amor de Deus, faze que elle se vá embora. *(Cae no sophá.)*

CLAVIÈRES *(mostrando-lhe Nancia no limiar da porta)*

Mas tu não viste aquelle gesto... que te deshonrou?

MORTEMER *(a meia voz)*

Desgraçado! Que querias que eu fizesse? É meu filho!

CLAVIÈRES *(com transporte)*

Teu filho! *(Faz signal aos padrinhos para que levem Nancia.)*

FIM DO 4.º ACTO

ACTO V

Em casa de Chavenay.—A mesma decoração do 2.° acto.

SCENA I

REBECA, CLEMENCIA e DU-BOURG

(Clemencia á E. junto de uma mesa de costura. Rebeca á D. ao lado d'ella. Du-Bourg no F. n'uma «causesse» diante do fogão, lendo um jornal.)

REBECA *(a Clemencia)*.

Então afinal esse estouvado resolveu-se a vir para casa?

CLEMENCIA

Voltou esta manhã ás sete horas. Como é de suppor estavam ainda todos recolhidos. Troénes, transido e a tremer de frio, vae ao quarto de sua mulher. Finge-se ella adormecida, e eis ahi o nosso homem todo enleiado e indeciso, sem saber se a deve ou não acordar. A figura em que elle vinha não era das mais decorosas para uma imprevista apresentação.

REBECA

E depois?

CLEMENCIA

Depois começa a andar de um lado para o outro... a nossa Luizinha a olhar para elle ás furtadellas. Passados alguns instantes o pobre rapaz resolve-se a sentar-se n'um tamborete aos pés do leito e resigna se a esperar que ella desperte... E tudo isto com uns ares aos mesmo tempo tão comicos e sentimentaes, que Luiza

não pode conter-se e solta uma estridente gargalhada! Depois d'este desenlace, bem vê que não podia já mostrar-se resentida.

REBECA

Acho este desfecho natural e vantajoso para Luiza. E se ella souber aproveitar-se...

CLEMENCIA

D'isso estou eu segura... Luiza tem muito juizo... e espero que saberá guiar o marido ao bom caminho.

REBECA *(olhando obliquamente para Du-Bourg)*

Agora me lembra... a proposito de maridos; minha querida... *(a meia voz)* não acha o que quer que seja de singular no sr. Du-Bourg, desde ha dois dias para cá?

CLEMENCIA

Não... Parece-me sempre o mesmo! Porque? Houve alguma questão entre os dois esposos?

REBECA

Nada, absolutamente nada! *(Comsigo mesmo, emquanto Clemencia escolhe as lãs)* Este silencio mais lugubre do que nunca! E aquella carta! E não saber eu onde foi parar! *(Du-Bourg assoa-se, Rebeca estremece.)*

CLEMENCIA

Maridos! O que direi eu então do meu! Isso é que foi mudança radical! *(Suspirando.)*

REBECA

O sr. de Chavenay!

CLEMENCIA

Ah! minha boa amiga! *(Com lagrimas)* Sou bem desgraçada! bem digna de dó!

REBECA *(vivamente)*

Desgraçada! Porque? *(Clemencia levanta os olhos ao*

ceo, e aperta a mão de Rebeca, sem responder) Então o que temos, minha joia? O que foi?

CLEMENCIA

Ai! O sr. de Chavenay já não gosta de mim!

REBECA

É possivel!

CLEMENCIA

O seu amor acabou! E eu era tão feliz! Era de prever que a minha felicidade não podia durar muito!

REBECA

O que diz, meu anjo! Pois é verdade? Descobriu porventura alguma coisa?

CLEMENCIA

Nada... nem um só facto depõe contra o sr. de Chavenay. E é isto exactamente o que torna mais pungente a minha desillusão.

REBECA

O' minha filha, confesso-lhe que não entendo o que me diz.

CLEMENCIA

Pois bem. Ha dois dias que o sr. de Chavenay tem um segredo que busca recatar á minha curiosidade... Ora, n'outro tempo, meu marido não tinha segredos para mim. Ai! querida, creia que padeço cruelmente!

REBECA

Pobre anjinho!... E não tem suspeita alguma?

CLEMENCIA

Nenhuma! Eu assim não posso viver! Este infortunio mata-me! *(Levantando-se)* Ai! minha querida amiga, o sr. Du-Bourg conhece este segredo que me torna desgraçada... Peço-lhe que busque indagal-o de seu

marido... e que m'o conte depois... A minha gratidão será eterna... porque deverei á minha amiga o ter-me salvado a vida!

REBECA

De boa vontade... Mas é que n'este momento não sei como hei de haver-me n'este caso... *(A porta da entrada abre-se.)*

CLEMENCIA

Espero que ha de achar o meio conveniente. Agora silencio, é meu marido que chega!

SCENA II

OS PRECEDENTES e CHAVENAY

CHAVENAY *(entrando com viveza. Vendo Du-Bourg)*

Olé! Estás aqui... *(cumprimenta Rebeca)* Minha querida senhora!... Jantam hoje comnosco? Digam que sim!

DU-BOURG *(em pé)*

Não podemos!

CHAVENAY

Podem sim! Não admitto recusas! Has de jantar cá. *(A Rebeca)* Faz-nos a honra da sua companhia? Seu marido é-me hoje indispensavel. Nancia tambem janta hoje comnosco!

CLEMENCIA *(em voz baixa e com vivacidade a Rebeca)*

Diga que sim!

REBECA

Jantarei. *(levanta-se e vae tirar o chale e o chapeu á D.)*

CHAVENAY

Muito bem! *(chegando-se a Clemencia)* E tu, minha joia, como te sentes esta tarde?

CLEMENCIA

Pois na verdade interessa-lhe o saber da minha saude, Gastão?

CHAVENAY

Ora essa! Que significa essa pergunta?

CLEMENCIA

Tem verdadeiro interesse por mim?

CHAVENAY

Palavra de honra!

CLEMENCIA *(puxando-o para si e dizendo-lhe em voz baixa, com meiguice)* Então has de dizer-me...

CHAVENAY

O que?

CLEMENCIA *(do mesmo modo, segurando-o)*

O segredo que tu me occultas ha dois dias!

CHAVENAY

Pois bem... Já que tamanho interesse mostras em sabel-o... e visto que já não ha perigo em o revelar... eis aqui o assombroso mysterio que te traz preoccupada.

CLEMENCIA

Vou saber tudo afinal!

CHAVENAY

Julguei haver perdido aquella carteira de Moscovia que tu me tinhas dado!... E não era verdade... Fui desencantal-a ind'agora n'uma gaveta...

CLEMENCIA *(desconcertada)*

E isso pode-me importar, a perda carteira?

CHAVENAY

Se pode importar!... Havia dentro d'ella uns vinte mil francos!

CLEMENCIA *(offendida)*

Pois era uma semelhante bagatella!

CHAVENAY

Que eu destinava para te comprar este presente. *(Dando-lhe uma caixa com joias.)*

CLEMENCIA *(vendo)*

É lindo! *(dando um beijo no marido)* Mil agradecimentos! Rebeca, veja como é bonito!

CHAVENAY *(comsigo mesmo)*

Consegui pregar-lhe a peça!

CLEMENCIA *(a Chavenay)*

Agora permitta-me que lhe diga... O sr. de Chavenay é um mentiroso incorrigivel! Ha por força um segredo mais importante que me querem occultar!

CHAVENAY

Dou-lhe a minha palavra... Pergunte a Du-Bourg.

CLEMENCIA

Pois atreve-se a dizer que foi por causa da carteira que sahiu muito cedo esta manhã, com signaes de manifesta preoccupação?

CHAVENAY

Ah! Isso era outro negocio!

CLEMENCIA *(vivamente)*

Então havia um negocio grave? Qual era, diga!

CHAVENAY

Agora posso dizel-o, porque passou a occasião. Tratava-se apenas de um duello. *(Movimento de Rebeca, que olha para o marido.)*

CLEMENCIA *(abraçando o pescoço de Chavenay)*

E tu ias bater-te?

CHAVENAY *(beijando-a)*

Não era eu... Eram os srs. de Mortemer e de Nancia... Eu e Du-Bourg eramos os padrinhos.

REBECA *(surprehendida)*

Du-Bourg!

CLEMENCIA

Veja, minha amiga! E dizem os homens que nós é que somos dissimuladas!... E qual era o motivo d'esse duello?

CHAVENAY

O verdadeiro motivo, esse ainda não está bem esclarecido! Mas visto que a pendencia não proseguiu...

CLEMENCIA *(com seducção)*

Tudo isto dizes tu para nos esconder a causa verdadeira!

CHAVENAY *(rindo)*

Então queres que esteja aqui assoalhando os segredos alheios?

CLEMENCIA

Não! Isso não! Não exijo tanto! Sinto-me agora feliz! Mas tu, para que foste mau? Para que me quizeste amargurar?

SCENA III

OS PRECEDENTES e CLAVIÈRES

CLAVIÈRES *(chegando esbaforido)*

Peço mil perdões por haver entrado sem me fazer annunciar!... Não viram por acaso a Veaucourtois?

TODOS

Não.

CLAVIÈRES

Má noticia!

CHAVENAY

Que foi?

CLAVIÈRES

Que foi? *(Com ar tragico)* A Nina deu ás de Villa-Diogo!

CHAVENAY

Ui!

REBECA

A *diva?*

CLAVIÈRES

A *diva* em pessoa! Vendeu toda a mobilia com que lhe tinhamos posto a casa! Vendeu tudo... Até nem lhe esqueceram os ferros de engommar! Que furia! E depois fez a sua retirada em boa ordem para o alto de Batignolles com o seu Christino... Que vivacidade! Que seiva juvenil!

CHAVENAY

É um feito verdadeiramente romano!

CLAVIÈRES

É romano!... só com a pequena differença de que nos deixou n'um estado...

CLEMENCIA

O que não dirá agora o meu pobre primo... E onde está elle?

CLAVIÈRES

Aonde? Essa é a questão! Cuidei que estaria aqui! O homem está como doido... E isto comprehende-se facilmente. Nina! A mobilia! O Christino! A fuga para Batignolles... tudo isto a dançar n'um miollo que não é lá dos mais solidos... imaginem o que não será!

CLEMENCIA

Mas depressa... veja se o encontra!

CLAVIÈRES

Ando n'essa diligencia!

CREADO *(annunciando)*

O sr. de Veaucourtois.

SCENA IV

OS MESMOS e VEAUCOURTOIS

(Veaucourtois entra derrotado, com um ramalhete murcho na mão, com ar estupefacto, como quem não sabe onde está. Olha para todos em silencio. Clavières e Chavenay apertam-lhe a mão com sentimento.)

CLAVIÈRES

Ora pois, amigo! Coitado! Descança um pouco! *(Fazendo-o sentar. Veaucourtois, suffocado, levanta os braços ao ceu e invoca-o por testemunha do que lhe succedeu.)*

CHAVENAY

O que se lhe ha de fazer? De que servem lastimas, agora! É preciso ser superior á adversidade!

CLEMENCIA

Jante hoje comnosco e verá como se distrae dos seus pezares.

CHAVENAY

É necessaria a distracção!

VEAUCOURTOIS

Tudo perdido! Tudo roubado!... A Nina tinha desapparecido! Não havia em casa outra coisa senão este ramalhete em cima do fogão. A Nina tinha feito d'elle uma vassoura! Ah! rapariga dos meus peccados!... Ah!... Não me occorre agora o termo.

CLAVIÈRES

Sei eu qual é...

VEAUCOURTOIS

Foi viver para Batignolles... para um sexto andar!... em casa de um tal Christino! *(Arremessando-se com furor)* Hei de matal-o!

CLAVIÈRES *(que o tem contido com Chavenay, pelo meio do corpo, tornando a sental-o)* Isso é negocio concluido! Havemos de matal-o!

VEAUCOURTOIS

Continuando a historia... Fui a casa d'ella... Achei-a á mesa... e que meza!... Não havia toalha... A illuminação era uma vella de cebo!... E ella!... Estavam a comer queijo parmesão!... com... *(Levantando-se furioso)* Ah! Christino, não escaparás de eu te matar!

CHAVENAY

Sem duvida... já o podemos dar por morto!

CLAVIÈRES *(reprimindo-o)*

Olha que já disseste isso duas vezes.

VEAUCOURTOIS *(não sabendo o que disse, com arrogancia)* Já disse e repeti? O que foi então que eu disse já?

CLAVIÈRES

Já não sabe a quantas anda... É verdade que a pancada foi demasiado forte para um tão desconjunctado machinismo!

VEAUCOURTOIS *(repetindo machinalmente)*

Para um tão desconjunctado machinismo!

CHAVENAY *(a Clavières)*

E depois uma cantora que tanto promettia!...

CLAVIÈRES

Que perda para a arte!

CHAVENAY

Que achado para a industria! *(Levam Veaucourtois e saem com elle pela D. Clemencia segue-os até á porta, depois sobe ao F. da scena.)*

DU-BOURG *(detendo Clavières que vae a sair)*

Perdão, sr. Clavières!

REBECA *(áparte)*

Meu Deus! Estou perdida!

DU-BOURG *(procurando na carteira)*

Chegou a occasião de lhe entregar uma coisa que eu achei antes de hontem, e que os episodios d'estes dias me tem impedido de lhe dar. *(Baixando a voz e tirando a carta de Rebeca.)* É uma carta...

REBECA *(áparte)*

Estou perdida.

DU-BOURG

Que eu achei em cima da secretaria de minha mulher... com o sobrescripto para o sr. Clavières!

CLAVIÈRES

Então vejo que sabe o que ella contem...

DU-BOURG *(apalpando a carta)*

Ora! Percebe-se logo pelo tacto... São bilhetes de este concerto de caridade... com que minha mulher tem bombardeado todas as pessoas da sua amizade.

CLAVIÈRES *(estupefacto.)*

Ah!

DU-BOURG *(em voz baixa e passando-lhe a carta)*

Esconda isto já! Diga depois quê não a recebeu... são cincoenta francos que lhe poupei! Esconda, esconda!... Olhe que ella está a espiar-nos. *(Sobe.)*

CLAVIÈRES *(estupefacto, seguindo a Du-Bourg com os olhos.)* De boa escapei eu!

SCENA V

OS MESMOS, NANCIA, CREADO, depois ANTONIA

CREADO *(annunciando)*

O sr. de Nancia.

CHAVENAY *(que acaba de entrar)*

Até que chegou, meu amigo... Estava já com mil cuidados...

NANCIA

Peço-lhe perdão .. Tive alguns negocios que ultimar antes de vir dizer-lhe adeus. *(Movimento de surpreza.)*

CHAVENAY *(estupefacto)*

Dizer-me adeus!

NANCIA

Vou deixar Paris, d'aqui a uma hora.

CHAVENAY *(trazendo-o á bocca da scena emquanto os outros se afastam para o F., mui surprehendidos.)* Não o entendo, meu amigo... Depois do que ainda não ha muito n'esta mesma casa conversámos... e justamente, quando eu estava para participar a minha irmã...

NANCIA

Perdoe... Se me dá licença, eu proprio lhe direi algumas palavras aqui mesmo...

CHAVENAY

Não me opponho... São talvez arrufos de namorado. *(Apparece Antonia, entrando pela E. B.)* Ella ahi vem... Vou deixal-o em liberdade...

NANCIA

Pelo contrario... peço-lhe que fique... Quero apenas fallar-lhe por um instante em particular...

CHAVENAY *(a Antonia, que desce)*

Anda cá, minha irmã... Vem ouvir o que deseja dizer-te o sr. de Nancia... Autorisei-o a ter comtigo este dialogo.

ANTONIA

Comigo?

CHAVENAY

Pois então! *(Caminha para o F. da scena e vae ter com Du-Bourg e com as duas senhoras que estão sentadas ao fogão.)*

ANTONIA *(a Nancia, com o qual fica só na ante-scena á E.)* Ouçamos o que tem que me dizer.

NANCIA

Poucas palavras, minha senhora. *(Depois de se ter assegurado de que póde fallar em segredo.)* É sómente que hontem, quando eu entrava em casa do sr. de Mortemer, sahia d'ali mademoiselle de Chavenay!

ANTONIA *(com ingenuidade)*

É só isso? Então que tem?

NANCIA *(surprehendido da innocencia de Antonia)*

Que tem?

ANTONIA

Aposto que não é esta a questão de que se trata, e que o sr. de Nancia deseja fallar-me de outra coisa mais importante?

NANCIA

Perdão, minha senhora. É exactamente sobre este ponto que tenho que fallar!

ANTONIA

Unicamente?

NANCIA *(admirado da accentuação com que ella faz a pergunta.)* E acha que é pouco por ventura? Acha indifferente ir sosinha a casa d'aquelle homem?

ANTONIA

Ah! já sei! Quer dizer que não é conforme ás conveniencias... Já sabia... É verdade que a culpa não foi minha... Imagine que me mandam dizer por um creado que Rebeca me estava esperando lá em cima... Subi. Encontro na sua sala o sr. de Mortemer... E emquanto estava á espera de Rebeca, que tinha provavelmente sahido por outra porta... *(Interrompendo-se)* Porque está olhando para mim d'essa maneira?

NANCIA

Ah! sim... Talvez com amargura... porque não sei na verdade...

ANTONIA

Não sabe o que?

NANCIA

Nada... Continue... Emquanto esperava... ia dizendo...

ANTONIA

Ah! sim... Emquanto eu estava á espera de Rebeca, estive a conversar com o sr. de Mortemer, talvez um quarto de hora... meia hora... que sei eu?

NANCIA

E a conversação era interessante?

ANTONIA

Era tão original... como elle... Confesso que não o entendi... porque, digo-lhe aqui muito em segredo, o sr. de Mortemer parece-me ter alguns quilates de loucura... mas apezar d'isso tem graça como poucos!...

NANCIA

Oh! Certamente, muita graça. E depois?

ANTONIA

Ora, depois? depois mais nada! Despedi-me d'elle e fui-me embora... ou antes foi elle que me convidou a sahir... dizendo-me que não devia esperar mais tempo...

NANCIA

Foi elle proprio quem lhe pediu que se fosse embora?

ANTONIA

Foi elle!

NANCIA

Como assim?... Sem mais...

ANTONIA

O que?

NANCIA *(olhando para ella, e não sabendo o que ha de pensar)* Não é nada.

ANTONIA

Só me pareceu que o sr. de Mortemer estava profundamente commovido... e lembro-me com certeza de que lhe divisei algumas lagrimas. Disse-me adeus, chamando-me sua filha...

NANCIA

Ah!

ANTONIA

Como se sentisse um grande pezar de não ter a quem désse este nome affectuoso...

NANCIA

E foi esta a memoria que lhe ficou de toda aquella conversação?

ANTONIA

Affirmo que lhe contei a verdade pura...

NANCIA *(commovido e pegando-lhe nas mãos)*

Oh! sim... tudo quanto acaba de dizer é verdade, angelico, innocente como a alma e os labios de quem o proferiu!

CHAVENAY *(no F. da scena, em pé)*

Bem, bem! Parece que afinal começamos a entender-nos!...

NANCIA *(radioso)*

Principio a ser feliz.

ANTONIA

Deixe-os zombar de nós... e diga-me o que tinha julgado a meu respeito...

NANCIA

Pois sim... mas ha de ser mais tarde...

ANTONIA

Quando?

NANCIA

Quando... lhe podér chamar minha mulhér...

ANTONIA

Pois eu heide ser sua mulher?

NANCIA *(affectuosamente)*

Depende apenas do seu consentimento!...

ANTONIA

E se eu dissesse que não?

NANCIA

Dar-me-hia a pena mais cruel da minha vida!

ANTONIA

Então... não hei de dizer... fique seguro...

NANCIA

Diz pois que sim?

ANTONIA

Nunca fui tão feliz como em pronunciar esta palavra!

NANCIA

Que affectuoso amor eu lhe consagro! E como eu ardia ha tanto tempo no desejo de lhe fazer esta sincera declaração!

ANTONIA

E eu?...

CHAVENAY *(intervindo)*

Bem, bem! Agora é tempo de se separarem.

CREADO

Está ali um cavalheiro que deseja fallar ao sr. de Chavenay!

CHAVENAY

Agora que vamos para a meza!

CREADO

É a segunda vez que hoje procura pelo sr. de Chavenay... É o sr. de Mortemer!

CHAVENAY

O sr. de Mortemer!

CREADO

Diz que foi a casa do sr. de Nancia, e insiste por

tal maneira em lhe fallar, assim como ao sr. de Chavenay, que...

CHAVENAY

E não podia dizer-lhe que eu não estava em casa?

NANCIA

Perdão, meu amigo... mas eu desejo fallar-lhe... tenho que lhe dizer...

CHAVENAY *(surprehendido)*

O que?

NANCIA

Tenho escrupulos de ter sido injusto para com este homem... Vou fallar-lhe... mas sem testemunhas, se dá licença... *(Retiram-se todos durante o resto da scena. A Antonia)* Talvez me seja necessaria a sua presença. Faz-me o favor de se retirar para o seu quarto?

ANTONIA

Da melhor vontade. *(Entra nos seus aposentos á E.)*

CHAVENAY *(prestes a entrar no seu gabinete, passando por detraz de Clemencia e Rebeca)* Mas quaes são as suas intenções?

NANCIA

Peço-lhe que me deixe só com Mortemer, e que se retire por algum tempo.

CHAVENAY

Está escripto que não se janta hoje n'esta casa!

NANCIA *(ao creado)*

Mande entrar.

SCENA VI

NANCIA e MORTEMER

MORTEMER *(detendo-se admirado de ver Nancia só, e fazendo um movimento para se retirar.)* Perdão, senhor... Não esperava encontral-o só!

NANCIA

E eu sentia o maior desejo de me achar a sós com o sr. de Mortemer.

MORTEMER *(o mesmo jogo)*

O que tenho que lhe dizer, demanda a presença do sr. de Chavenay! Receio que o sr. de Nancia recuse escutar-me n'este momento... e então...

NANCIA *(com doçura)*

Não creia que me domina agora a mesma irritação de esta manhã... sentimento que principío a lastimar... Queira explicar-se... faça favor... *(Puxa-lhe uma cadeira, e pega-lhe no chapeu, collocando-o depois em cima da meza e sentando-se logo ao pé de Mortemer.)*

MORTEMER

Peço-lhe que chame aqui a menina de Chavenay e todos os seus. Quero, perante todos, fazer publicamente a minha propria accusação, para que a perfeita innocencia d'aquella creança seja para todos e até mesmo para o sr. de Nancia uma verdade incontestavel.

NANCIA

É inutil. Os seus desejos estão cumpridos... A menina de Chavenay acaba de justificar plenamente o sr. de Mortemer.

MORTEMER

Disse-lhe então...

NANCIA

Tudo quanto sabia... O resto adivinhei-o facilmente.

MORTEMER

Mil graças, sr. de Nancia... Acaba de tirar-me da consciencia um peso intoleravel... E agora ainda ousaria duvidar?... de certo não?

NANCIA

Da virtude de Antonia?... Duvido tanto que vae ser minha mulher!

MORTEMER

Vae casar? É certo? Então já ella lhe dedicava o seu amor?

NANCIA *(sorrindo)*

Tenho rasões para assim o crêr!

MORTEMER *(com calor e effusão)*

Tanto melhor! Tanto melhor!

NANCIA *(admirado)*

Agradeço-lhe, senhor, o jubilo que lhe causa a minha suspirada felicidade!

MORTEMER *(comprimindo a sua commoção)*

E digo-lhe que a sua felicidade repercute affectuosàmente no meu coração... Peço-lhe que me perdoe se manifesto com demasiada effusão o que sinto n'este instante!... Mas vejo que sou de mais n'este logar... e que devo retirar-me.

NANCIA

Perdão... Creio que ainda lhe esqueceu dizer alguma coisa.

MORTEMER

O que é?

NANCIA

É que reconhecendo eu a innocencia da menina de Chavenay, confesso tacitamente quanto fui injusto para com o sr. de Mortemer.

MORTEMER

Para commigo... Ponhamos de parte a minha pessoa.

NANCIA *(levantando-se)*

Pelo contrario... Do sr. de Mortemer quero e devo

fallar n'este momento, porque tenho de lhe pedir perdão!

MORTEMER *(em pé e pegando-lhe nas mãos)*

Oh! senhor!...

NANCIA

E se quer que repita estas palavras na presença dos nossos padrinhos...

MORTEMER *(apertando-lhe as mãos)*

Não, não! pelo amor de Deus! Bastam-nos estas explicações intimas.

NANCIA

Que tem?

MORTEMER

O que tenho? *(Contemplando Nancia)* Ai! Se eu lhe dissesse que no meio do meu extremo desconforto, tenho junto de mim, ao alcance da minha mão, a felicidade e a alegria da minha velhice. E se eu lhe dissesse que todas estas esperanças... e todos estes jubilos m'os podéra realisar um filho que tenho!

NANCIA *(com vivacidade)*

Um filho seu?

MORTEMER

Meu... sim... é verdade.

NANCIA

E então quem póde impedir a sua felicidade?

MORTEMER

Quem? Elle proprio... meu filho... a quem não posso dizer: teu pae, sou eu!

NANCIA

Mas porque? Quem obsta a esta expansão consoladora?

MORTEMER

Quem! O sr. de Nancia.

NANCIA

Eu?!

MORTEMER

Exactamente. Quando me lembro de abrir os meus braços para n'elles estreitar meu filho affectuosamente, quer saber que imagem se levanta inexoravel diante de mim? É justamente porque não é o caso com o sr. de Nancia, que lhe é facil a generosidade... Mas se se tratasse de uma pessoa que lhe estivesse presa por affecto ou ligação... supponhamos que era... *(Resolutamente)* que era... que era a sua noiva!

NANCIA

Antonia!

MORTEMER

Antonia, sim; supponhamos que era Antonia!

NANCIA *(estupefacto)*

É ella!

MORTEMER *(ancioso)*

É apenas uma supposição!

NANCIA

Agora trago á lembrança o que ella me dizia, agora me recordo d'estas lagrimas que vertia o sr. de Mortemer, quando ao despedir-se d'ella lhe chamava sua filha. *(Em voz baixa a Mortemer)* É ella! É sua filha!

MORTEMER *(ancioso)*

E o sr. de Nancia seria por consequencia quasi... meu filho! *(Áparte, jubiloso)* Afinal chamei-lhe filho! *(Alto)* Pois bem!... Ainda lhe inspiro a mesma sympathia?

NANCIA

Meu Deus! peço perdão... porém...

MORTEMER *(atemorisado e desanimando)*

Ah! Bem vê que me vae desamparando...

NANCIA

Affirmo-lhe que não... Mas perturbou-me a inesperada revelação... E Antonia sabe tudo?

MORTEMER

Nada.

NANCIA

Nem o sr. de Mortemer descobriria tal segredo a esta creança pura e innocente...

MORTEMER

E que havia eu de revelar-lhe a ella? Não é d'elle que está pendente o meu destino... sómente do sr. de Nancia... a quem ella hade attender pelo extremoso amor que lhe dedica; do sr. de Nancia, que poderia fazer triumphar a minha causa, se quizesse ser o meu generoso advogado! Pois ha de ter alma para negar-me o filho que lhe peço, o filho estremecido que suspiro por abraçar! Não tem, decerto, não?

NANCIA

Não sou eu quem lhe póde, *(apertando-lhe a mão)* quem ha de responder!

MORTEMER

Quem será então?

NANCIA *(indo abrir a porta do quarto de Antonia)*

Ella! Só ella!

SCENA VII

OS MESMOS e ANTONIA

NANCIA *(indo buscar Antonia)*

Venha cá, Antonia! É o momento de fazer uma boa acção.

MORTEMER *(inquieto)*

Que intenta fazer?

NANCIA

Vou ser o seu advogado; Antonia é o juiz que sentenceia.

MORTEMER

Muito bem!

NANCIA

Diga-nos, Antonia, acha que póde haver n'este mundo acção mais imperdoavel que a d'um pae que abandona seu proprio filho?

ANTONIA

É impossivel haver paes que façam tal.

MORTEMER *(dolorosamente)*

Oh! se ha!

NANCIA

E se a menina fosse filha de um homem que houvesse commettido este attentado... se desde a sua infancia se houvesse visto d'elle desamparada...

ANTONIA *(com affecto)*

Havia de buscal-o... havia de achal-o onde estivesse... e havia de obrigal-o a consagrar-me o seu carinho paternal.

MORTEMER

Oh! Coração affectuoso de mulher!

NANCIA *(em voz baixa a Mortemer, apertando-lhe a mão com alegria, por traz de Antonia.)* Animo! *(Em voz alta)* E a menina estenderia os seus braços a este pae, se elle voltasse contricto a expiar affectuosamente o seu longo esquecimento?

ANTONIA

Oh! meu Deus! E pode fazer-se tal pergunta?

NANCIA *(o mesmo jogo de scena a Mortemer, em voz alta)* Vae tudo perfeitamente!

MORTEMER *(collocando-se no meio)*

Attenção... Ainda não está completa a minha confissão e penitencia... É preciso que diga todos os peccados, para que de todos alcance remissão.

NANCIA *(inquieto)*

Pois que mais?...

MORTEMER

Devo declarar que esse homem não foi só desnaturado para com o filho... foi tambem culpado para com a mãe!

NANCIA

Oh! meu Deus!

MORTEMER

Saiba-se que esse homem desappareceu no proprio dia em que a sua presença era mais do que nunca necessaria para defender o filho e a mãe!

ANTONIA

Fez muito mal!

NANCIA

E são verdadeiros estes factos?

MORTEMER

Exactissimos! *(A Antonia)* Perdoava ha pouco em

nome do filho! Diga-me se perdoa tambem agora em nome da mãe?

ANTONIA

A mãe já morreu? *(Mortemer, que não póde fallar, faz signal affirmativo.)*

NANCIA *(comsigo mesmo)*

Foi o que succedeu a minha pobre mãe!

ANTONIA

E nunca mais a tornou a ver?

MORTEMER

Nunca!

ANTONIA

Fez muito mal!

MORTEMER

Está pronunciada a minha sentença. *(Vae a sair).*

NANCIA *(convulsivamente, detendo-o)*

Ainda não! *(A Antonia)* E se estivesse bem certa, como eu, da revolução que se operou no coração d'esse homem, Antonia havia de estreital-o affectuosamente nos seus braços, como eu a apertaria nos meus, impeccavel e virginal!

MORTEMER *(extasiado e comsigo mesmo)*

Graças! Graças, meu Deus!

NANCIA

Se Antonia tivesse ouvido como eu, as derradeiras palavras de minha mãe agonisante: «Perdôa tudo! lembra-te apenas de uma coisa... de que esse homem é...

MORTEMER *(abrindo-lhe os braços)*

Teu pae!

NANCIA *(voltando-se, contemplando Mortemer e comprehendendo tudo)* Ah! *(Lançando-se-lhe nos braços)* Meu pae! Meu pae!

SCENA VIII

OS MESMOS, CHAVENAY, DU-BOURG, TROÉNES, CLEMENCIA, REBECA, LUIZA, depois VEAUCOURTOIS e CLAVIÈRES

CHAVENAY

Então que foi? Que succedeu?

MORTEMER *(com alegria)*

Que foi?... Achei meu filho!

TODOS

Seu filho!

MORTEMER

Sim, meu filho! Meu filho! Eil-o! Restituiram-m'o! Conquistei-o eu! O meu querido filho!

CHAVENAY

Será possivel, meu Deus! Comprehendo agora tudo. *(Aperta-lhe a mão)* Diga-nos então...

MORTEMER *(sempre abraçado a Nancia)*

Oh! por piedade, não m'o levem ainda! Deixem-m'os ambos commigo! *(Puxa Antonia para ao pé de si, affaga-a contra o peito e abraça-os a ambos)* Deixem-me os meus dois filhos!

ANTONIA

Era de si então que fallava ha pouco o sr. de Mortemer?

MORTEMER

Sim, meu anjo, era de mim!

ANTONIA

E porque não disse logo? Eu teria aconselhado a Nancia que o recebesse affectuoso nos seus braços!

VEAUCOURTOIS *(entrando com Clavières)*

Ora esta! Não se sae agora com um filho!

MORTEMER

Um filho, sim! Repara bem! Aposto que o não achas um moço gentil e estimavel!

CLAVIÈRES

Isto assim não é mau! Ficar a gente logo pae de um rapaz já creado e casadoiro. Quero tambem um filho assim! *(A Veaucourtois)* E tu?

VEAUCOURTOIS

Ainda é tempo!

CHAVENAY

O caso pedia na verdade dilatados commentarios! Mas tudo o que podia dizer-se não vale o que cada um pensa em silencio! A conclusão é pois que devemos ir jantar!

CLEMENCIA

Annuncio-te que á meza destinei os logares para os maridos ao lado das suas mulheres, para que lhes possam fazer a côrte!

TROÉNES

Acho que foi uma feliz lembrança... N'esse caso principio dando o braço a minha mulher! *(Vae buscar Luiza.)*

CLEMENCIA

Vejam! Como elle perdeu afinal a timidez!

LUIZA *(baixando os olhos)*

Completamente!

REBECA *(a Du-Bourg, olhando para Clavières com desdem)* E eu, meu querido, apresso-me a dar-te o braço!

MORTEMER *(dando o braço a Nancia e Antonia)*

Eu cá dou o braço a estes dois!

CLAVIÈRES

E nós, meu caro Veaucourtois, damos cada um o braço ao outro, e acertamos o passo como dois heroes da velha guarda.

VEAUCOURTOIS

Como dois veteranos do amor!

MORTEMER

Ora, meus senhores, até que finalmente consegui jantar em familia!

FIM

A OPPOSIÇÃO SYSTEMATICA

PROVERBIO EM 1 ACTO, ORIGINAL

PESSOAS

AUGUSTO DE MELLO.... 33 annos, deputado.

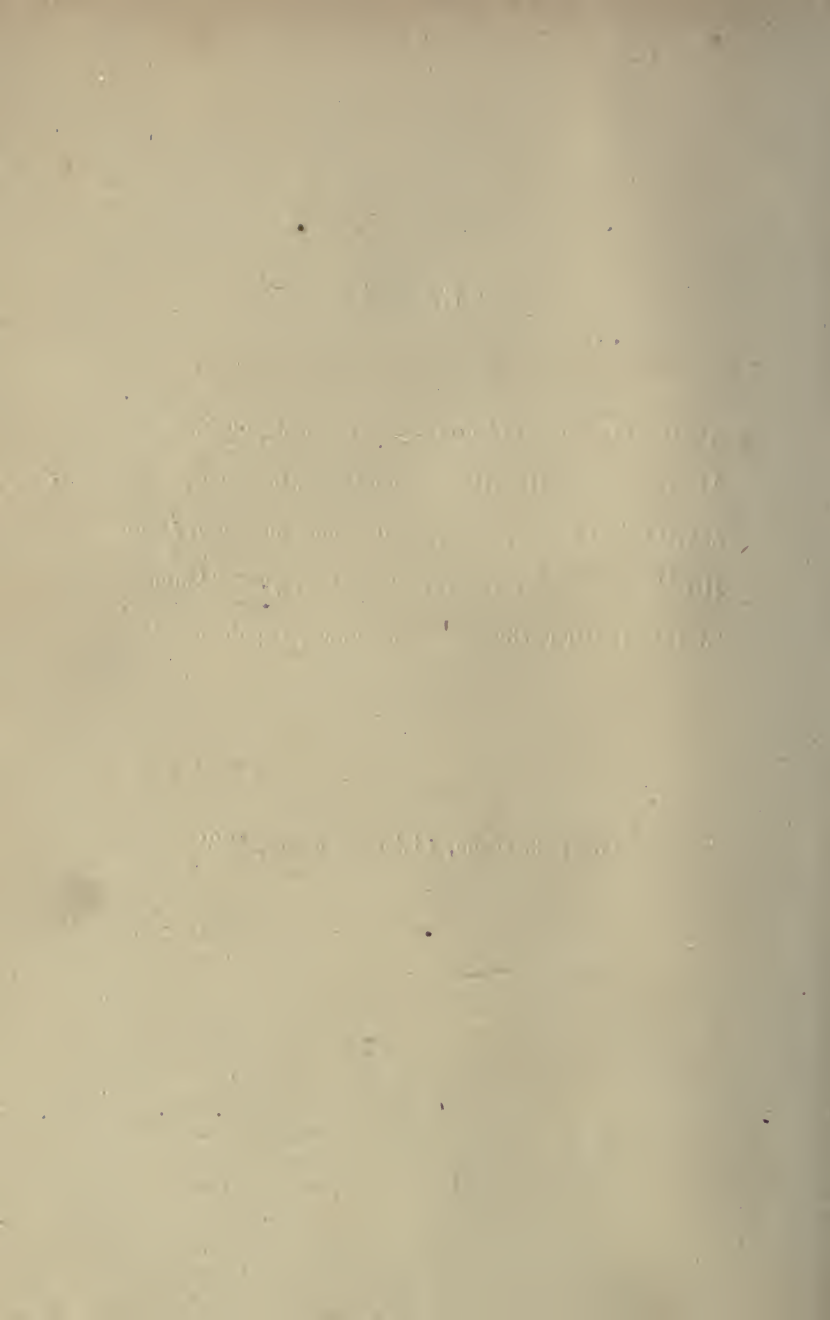
AFFONSO DOMINGUES... 60 annos, negociante.

MARIANNA............... 40 annos, mulher d'Affonso.

JULIA..................... 18 annos, filha d'Affonso.

SIMÃO RODRIGUES...... 35 annos, deputado.

UM CRIADO.

Logar da scena, Lisboa. — Epoca, 1849.

A OPPOSIÇÃO SYSTEMATICA

PROVERBIO EM UM ACTO

Sala elegante — porta ao fundo — uma a cada lado — sophás fauteuils — um piano

SCENA I

AFFONSO *em chambre — grandes oculos — recostado n'um fauteuil, lendo periodicos* — MARIANNA *abanando-se*

AFFONSO — Então que horas são, Marianna?

MARIANNA — *(chegando ao relogio, enfadada)* Ha tres horas que aqui estás como um pachá, e ainda agora te lembras do tempo — faltam dez minutos para o meio-dia.

AFFONSO — Safa! E que tal está a leitura! Malditos periodicos... Estes politicos moem-nos por todos os lados. Ora vê lá tu, Marianna. Antes da côrte ir para o Brazil a gente não sabia d'estas cousas. A côrte era feita para reinar; a gente cá se ía atamançando com o seu negocio. Pagava-se a decima, quando se não era compadre do super-intendente, e lia-se, quando muito, a falla do throno de Inglaterra, ou o nome do

ultimo sultãosinho recem-nascido, debaixo da epigraphe — *Constantinopla* — na Gazeta de Lisboa.

MARIANNA — E agora?

AFFONSO — Ora essa! Agora?... Ora anda cá, Marianna. Imagina tu que a cabeça começou de andar á roda a estes homens de Portugal, a andar, a andar, como um moinho... tu tens visto um moinho?

MARIANNA — Pelo que tu me estás moendo, basta vêr-te.

AFFONSO — Bem. Veiu a de vinte. Abaixo com tudo. Pediram por emprestimo uns trastinhos velhos á França, outros á Inglaterra, e fizeram um tal mixtiforio, que nem o demo é capaz de se entender com tal meada... Liberdade, soberania do povo, egualdade, equilibrio de poderes, responsabilidade de ministros... oh! meu Deus, que barafunda!

MARIANNA — Mas a que proposito vem isso?

AFFONSO — Essa é boa! Tu tens menos annos. Não conheceste o bom tempo. Pois no tempo do grande Pombal fallava-se lá em liberdade, e não se fez o Terreiro do Paço, o Collegio dos Nobres?... Pois a senhora D. Maria I soffreria lá que se fallasse, em sua presença, em equilibrio de poderes?... Pois no tempo da inquisição lia-se lá Rousseau, nem essa canalha...

MARIANNA — Mas não sei o que possa ter com a senhora D. Maria I, nem com o sr. Rousseau, que eu não tenho o gosto de conhecer?...

AFFONSO — Olha, és uma parvasinha. Tenho-te amor. Mas não posso perdoar-te, que nunca pensasses dois minutos sobre a legitimidade...

MARIANNA — Do matrimonio, da fé conjugal, segundo a egreja...

AFFONSO — Qual fé, nem matrimonio. A legitimidade do poder; mas escuta.

MARIANNA — Ora acaba...

AFFONSO — Veiu a de vinte, a Carta, e outra, e ou-

tra... E que nos veiu d'aqui? — Ficar eu elegivel para deputado.

MARIANNA — E então?... é uma qualificação honrosa... aristocratica...

AFFONSO — Com duzentos mil réis de decima e impostos annexos... cra muito obrigado.

MARIANNA — Mas é o dever do bom cidadão. E depois a consideração de homem honesto, influente, de *respeitabilidade*... Ah! diz o publico: — Affonso Domingues é um caracter respeitavel... paga duzentos mil réis de decima....

AFFONSO — E tu honras-te com isso?

MARIANNA — Podéra! Fico sendo a esposa d'um homem honesto...

AFFONSO — Perante a lei do orçamento e o sr. recebedor...

MARIANNA — Mas attende ao negocio de tua filha...

AFFONSO — Escuta, mulher. Deixa uma vez, ao menos, o *pot-au-feu*, como diz na sua estouvada algaravia esse desenvolto Augusto, e desce ás cousas sérias.

MARIANNA — E' exactamente onde eu quero chegar.

AFFONSO — Aonde?

MARGARIDA — Ao negocio de nossa filha...

AFFONSO — Primeiro estou eu. Vieram — que digo eu? choveram as constituições... e nós é que ficámos a pedir chuva. Não só veiu a decima, mas foi-se a Junta do Commercio. Ah! minha Junta! Eu, Affonso Domingues, deputado da Real Junta do Commercio, Agricultura, Fábricas e Navegação!... Era melhor do que ser par... d'estes que andam em seges d'aluguel...

MARIANNA — Affonso, tu impacientas-me; acaba. *(Affonso toca a campainha.)*

SCENA II

OS MESMOS *e* UM CRIADO

AFFONSO *(despindo o chambre e concertando a gravata)* João, traze-me o sobretudo... A Junta do Commercio... a Intendencia da Policia... Olha, o chapéu de castor... Extinguiram as commendas, e bens da corôa... A bengala... D'antes arrematavam-se os dizimos... Olha, João, traze antes o pára-chuva... Hoje o que ha de fazer um negociante honrado?... Olha, João, leva as cartas ao correio... Pagar os taes duzentos mil réis de decimas para ser honesto... Olha não te esqueças de renovar a assignatura da *União*... e comprar acções das Obras Públicas para ser caurinado... Então, ficas ahi... O diabo leve as mexedellas politicas.

(O criado sae.)

SCENA III

AFFONSO *e* MARIANNA

MARIANNA — Hi, Jesus! é meio-dia... e o negocio sem resolver-se... então, Affonso?

AFFONSO — E para cumulo de infelicidade ser obrigado a ler esta papelada... *(revolve os jornaes).*

SCENA IV

OS MESMOS *e* O CRIADO, *trazendo tudo, que entrega a Affonso, e depois sae.*

MARIANNA — E' preciso tomar um expediente...

AFFONSO — Lá me ía esquecendo... ser homem de bem por duzentos mil réis, e ter precisão de saber se os russos passaram já o Wolga... Ah! *(Voltando*

os jornaes) Cá está. (*Lê*) Escrevem de Cronstadt ao *Lloyd Austriaco*, o seguinte: «O primeiro corpo do exercito russo ás ordens do general...»

SCENA V

OS MESMOS *e* AUGUSTO

AUGUSTO — *(Entrando arrebatadamente e estirando-se n'uma poltrona)* Não prosiga... ah! ah! ah! *(rindo)* E' uma mentira formal... os hungaros acabam de derrotar os austriacos em Windi... gis... gis... diabo. Para estes nomes tudescos não tenho lingua.

AFFONSO — (*vestindo a sobrecasaca*) Então como é, como é?...

AUGUSTO — Acabo de almoçar com o ministro da Russia, que me mostrou despachos officiaes... A Santa Alliança vê se atrapalhada... Aquelles hungaros são a fortuna... só bôccas de fogo aprisionadas — seiscentas!...

AFFONSO — Hi!...

MARIANNA — Fia-te em periodicos... Quem frequenta os altos salões... quem vive com a diplomacia, zombetêa e ri d'esta gente ignorante, que engole as pilulas do *Pandora*... Se tu fôsses a casa do ministro da Russia... se andasses nos circulos aristocraticos...

AFFONSO — *(pyxando pela casaca)* Malditos pannos!... o que eu queria era a Junta do Commercio.

AUGUSTO — *(rindo)* Ah! ah! ah! A Junta do Commercio!... E o Tribunal da Inconfidencia... Queres ser almotacé do teu bairro... ah! ah! ah!

MARIANNA — Meu marido embirrou em agarrar pela cauda o *ancien régime,* que foge. E' forte mania... querer á força ser burguez... Era bem feito que o fôsse...

AUGUSTO — Hei de convertê-lo. E' preciso fazer

como eu: ler a *Democracia Pacifica*, o *Povo Soberano*, votar pela eleição directa, e jantar com a embaixada ingleza.

Affonso — *(apressado)* Hi, Jesus! que horas que são!... E o meu negocio... *(vae a sair)*.

Augusto — Ha de ser progressista, mas progressista de salão...

Affonso — Ah! quem me déra a minha Junta do Commercio *(vae-se)*.

SCENA VI

AUGUSTO *e* MARIANNA

Augusto — Então, minha senhora, seu marido fez-se sebastianista da Junta do Commercio, e dos inaufe-riveis... ora o que são os genios...

Marianna — Pobre homem... tem lá aquellas scis-mas... Ora o que se lhe havia de metter nos cas-cos!...

Augusto — Que pena! Tão bom homem... e mes-mo de muitas idéas...

Marianna — Quaes idéas... não tem nem sonhos d'ellas. Agora que a gente vae no progresso... que todos querem ser eleitores pela sua provincia... de-putados... amigos do ministro inglez... e assignan-tes do *Times*... elle... sabe, sr. Augusto, ainda não poude, nem quiz, ser membro da commissão adminis-trativa da Santa Casa, e ainda assigna para o *Pobres do Porto*. O *Pobres do Porto!* Por isso minha filha ha de sair sem illustração...

Augusto — Visto isso é um milagre d'ella, o ser tão espirituosa e instruida.

Marianna — Se não fôra eu... Outro dia quiz a pequena ler as obras de *Luiz Blanc*... e sabe o que lhe elle trouxe, o maniaco do pae... que nem pae

d'ella merecia ser... trouxe-lhe o *Regimento dos Almotacés*, e a *Perfeita Camponeza*.

AUGUSTO — Oh! sacrilegio!... oh! profanação! oh! barbaridade!

MARIANNA — Nem a *Semaine* compra... dá-lhe o *Estandarte* para lhe ler á noite o *preço dos cereaes* e o *movimento da barra*, porque os artigos de polémica, esses lê elle com avidez... em sendo cousa que cheire aos bons costumes.

AUGUSTO — A' Junta do Commercio, ás commendas extinctas...

MARIANNA — O seu idolo é a burguezia. E' classe que detesto. Ver aquelle trajar, querendo similhar a elegancia... as maneiras grutescas...

AUGUSTO — *De la gaucherie*...

MARIANNA — Ver aquelle afêrro ao balcão... E' gente, que se houvesse segundo diluvio morriam agarrados ao covado e ao mostrador! Apre!

AUGUSTO — Classe ambigua e damnosa ás verdadeiras liberdades. E' a propriedade nova, logo illegitima.

MARIANNA — Se eu tivesse nascido d'ella, não sei se poderia supportar a vida. Dou graças a Deos por me haver dado á luz na casa paterna de um honrado alferes de milicias.

AUGUSTO — Eu tambem não lhe sou lá mui affeiçoado. Malditos, empataram-me sempre as vasas em todos os collegios eleitoraes.

MARIANNA — Não admitto senão duas classes.

AUGUSTO — Sim. Aristocracia e plebe: é como eu...

MARIANNA — A alta nobreza e a democracia...

AUGUSTO — As tradições e a realidade...

MARIANNA — A historia e o futuro...

AUGUSTO — E' verdade.

MARIANNA — Não sei se é por eu ser filha de um escrivão de almoxarife real e official de patente; Deos me perdôe... isto vem do sangue...

Augusto — Os nomes historicos não se apagam facilmente...

Marianna — Os nossos votos são mui razoaveis. Progresso e democracia em tudo. Nós só queremos os nossos brazões e a alta sociedade...

Augusto — E' só para dar o *tom*, para regular o *fashionable*.

Marianna — Justo.

Augusto — Sem isso a democracia sería uma matta brava... credo!...

Marianna — Fraternidade sincera, salvos os direitos das familias historicas...

Augusto — E' quasi o meu systema... Ha um pequeno additamento...

Marianna — Acceito-o já...

Augusto — Os costumes da gente bem nascida trazem necessidades, que o peão não conhece...

Marianna — Exacto. E' a unica excepção admissivel á lei da communidade.

Augusto — No mais sou Proudhon puro *(sacudindo cuidadosamente os folhos de uma elegante camisa)*.

SCENA VII

OS MESMOS *e um* CRIADO

Criado — Está lá em baixo um homem, que não sei...

Augusto — Pois v. ex.ª consente que este insolente annuncie algum cavalheiro d'este modo...

Marianna — E' um criado novo. *(Ao criado)* Ha de ser o sr. Simão Rodrigues. Leva-o á sala de baixo, e dize-lhe que já lá vou.

(O criado retira-se).

SCENA VIII

AUGUSTO *e* MARIANNA

AUGUSTO — Estamos d'accôrdo. E' preciso por uma vez chamar a plebe á dignidade e á vida de homens livres...

MARIANNA — Ahi está o que o sr. Affonso Domingues nega a pés juntos...

AUGUSTO — Deixa-lo. Será feito embaixador extraordinario a mr. Guizot.

MARIANNA — Deixa-lo! Isso era bom se as suas antipathias politicas não viessem transtornar os arranjos domesticos...

AUGUSTO — *(rindo)* O quê... aposto que não quer gaz em casa... por ser cousa cá do seculo?

MARIANNA — Gaz... o que elle não quer é fazer a Julia um casamento de distincção, uma união *comme il faut,* um consorcio de linhagem.

AUGUSTO — *(pensativo)* Então será votado no minotauro burguez... querem que vá servir de costureira ao *bon homme Jacques,* como dizem os francezes. Ora esta!...

MARIANNA — Tenho-lhe representado que o noivo é...

AUGUSTO — Algum lapuz, que nunca na sua vida se sentou em cadeira de palhinha, senão na *Liga Promotora?*

MARIANNA — Um homem do mundo...

AUGUSTO — Quer dizer, talvez um *homme de rien.*

MARIANNA — Um elegante... um *gentil-homem,* que almoça com o ministro da Russia...

AUGUSTO — Isso é algum commendador miguelista...

MARIANNA — Que é o deputado progressista mais *fashionable...* uma especie de Fitz-James...

AUGUSTO — Isso é impossivel *(com convicção).*

MARIANNA — Que se corresponde com lord Palmerston e com mr. Hume...

AUGUSTO — E' o correspondente do *Times?*

MARIANNA — Que janta com o embaixador inglez...

AUGUSTO — E' tal qual...

MARIANNA — Que toma café com... com o embaixador da Turquia... ou da Baviera... Ai! onde é que v. s.ª toma café?

AUGUSTO — Visto isso o tal... sou eu! *(com admiração).*

MARIANNA — Exactamente *(vae-se).*

SCENA IX

AUGUSTO *só*

Excellente! acho-me despachado noivo da sr.ª D. Julia, por bem curiosos plenipotenciarios. Sou noivo em nome do *bœuf gras* do embaixador da Russia. Noivo por graça do *corn-beef* de s. s.ª o plenipotenciario britannico. Noivo a favor do Moka do residente da Turquia, ou da Baviera... isso lá... como quizerem... as duas potencias que lá se avenham, sem complicar comtudo a politica continental. E' a arte da cosinha das potencias do norte, que faz um congresso para me casar... E' divertido. Sería bom accrescentar, que os charutos de s. ex.ª o embaixador da Hespanha, assignam tambem o protocolo por deferencia ás altas partes contractantes. E' um casamento real... Compulsem os tratados de Utrecht e de París, não venha eu a accumular duas corôas. Ora eu, que não conheço o ministro da Russia... que tenho visto apenas nos bailes o ministro inglez, e que só conheço a Turquia pelo *Almanak de Gotha.* Esta familia é meio aparvalhada. Emfim vão casar-me. E' pena que estes senhores se deem ao incommodo de me casarem com a sr.ª D. Julia, filha

da filha do alferes de milicias, e do antigo deputado da Junta do Commercio. Lá vae o brasão ser augmentado com dois covados em aspa. Se meu avô resuscitasse... Como hei de, porém, sair d'isto?... Vou desenganar Julia... a mãe... prégar a republica social ao velho — e estou salvo.

SCENA X

JULIA E AUGUSTO

AUGUSTO — Sr.ª D. Julia... *(fazendo uma profunda cortezia)*.

JULIA — *(admirada)* Sr.ª D. Julia!... Que etiqueta! que frieza!...

AUGUSTO — Minha senhora, prezo-me de ser gentilhomem, e de tratar as damas como é devido.

JULIA — Quizera-o menos cortez, e mais sincero.

AUGUSTO — V. ex.ª bem sabe o meu officio. E' doença de deputado...

JULIA — Isso é uma refinada hypocrisia, e um insulto disfarçado sob as côres da amabilidade...

AUGUSTO — Isto, minha senhora... chamam-se as conveniencias parlamentares.

JULIA — Nunca o vi tão frivolo... tão urbano... mas, ao mesmo tempo, tão semsabor.

AUGUSTO — Agradeço o juizo que v. exc.ª tem a bondade de fazer de mim.

JULIA — Augusto, meu Augusto... bem sabes que a etiqueta fez-se para o salão... quando o amor reina, e reina só... para que é este apparato frio e monotono... este cerimonial, que gela o sentimento. Tu bem sabes... os momentos são curtos, em que podemos estar a sós. Para que os esperdiçamos em cumprimentos vãos? Queres que nos pareçâmos com estes viscondes de sessenta annos, e estas baronezas de cin-

coenta, que passam o tempo a trocar excellencias, pitadas e finezas rançosas, para no fim concluirem, que o amor foge d'èlles? Nós ainda temos o frescor da juventude... entreguemo-nos ás emoções suaves... ás expansões do sentimento...

AUGUSTO — E' tarde, minha senhora...

JULIA — Tarde! Meu Deus... que mysterio...

AUGUSTO — E' a cousa mais simples do mundo.

JULIA — Como?

AUGUSTO — V. exc.ª lembra-se que nos vimos o anno passado no baile da Peninsula... Que dia! que formoso dia! Nunca o hei de esquecer...

JULIA — Nem eu! Ainda leio todos os dias aquellas linhas de enthusiasmo e de paixão, que tu traçaste no meu *souvenir*... oh! não hei de esquecêl-o, não...

AUGUSTO — Nem eu, minha senhora. Foi exactamente n'esse dia, que tomei assento na camara electiva, na qualidade de deputado pela provincia de Cabo Verde...

JULIA — Perfido!

AUGUSTO — Queira v. ex.ª ouvir. Que dia! Fui á camara. Sentei-me, como jurára, na opposição. Eu tinha sede de votar, de legislar, de contribuir para a ventura do meu paiz...

JULIA — Que frieza!..

AUGUSTO — Ardor, se v. exc.ª m'o permitte. Não só queria servir o meu paiz, mas a minha colonia favorita, os meus constituintes da Ilha Brava... que me pediram que advogasse o café... a urzella... e não sei que mais...

JULIA — Que enfado!

AUGUSTO — Ora peço-lhe que escute. Serei redundante, prolixo. E' o meu vicio... São habitos de legislador. Sentei-me... regeitei, pedi a palavra, interrompi, e á saída senti-me outro homem: ser legisla-

dor... participar da soberania... Que nobre orgulho!..!

JULIA — Acabe, senhor.

AUGUSTO — Se v. ex.ª tivesse escripto dez annos na imprensa periodica; se tivesse derramado em torrentes a palavra regeneradora... e que visse o seu paiz... estacionario, humilhado, escravo... e que, no fim de tanto tempo de adversidade, podesse entrar no parlamento... ter a humanidade por thema... o mundo por auditorio... o que faria?

JULIA — Pedia o exilio para os homens ingratos...

AUGUSTO — Eu pedi a demissão para os ministros. Que honra! ser o apostolo zeloso das multidões... quando as multidões pagam aos apostolos!...

JULIA — Que frágua!...

AUGUSTO — A' noite fui ao baile. Eu estava inebriado. Parecia-me vêr em cada vulto um dos meus pretinhos da Ilha Brava, que me cobria de applausos... e me recommendava a legislação do café...

JULIA — E depois?

AUGUSTO — E depois... Ia a atravessar uma sala. Um amigo chamou-me... mostrou-me uma mulher... um anjo... tudo o que ha de mais encantador... de mais ideal...

JULIA — E depois?

AUGUSTO — Achei-me, sem o saber, ao pé d'essa visão... julguei-me no paraiso... e...

JULIA — E que fez?

AUGUSTO — Tremi... e calei-me.

JULIA — E que mais?

AUGUSTO — Poupe-me o resto... poupe-m'o... Sei que no dia seguinte já não era só deputado por Cabo-Verde... Era um homem que tinha, pela primeira vez, sentido uma paixão, como a não pintam romances... como ninguem sentiu!...

JULIA — Agora o estou eu experimentando...

AUGUSTO — Eu via quasi a patria a pedir-me contas d'esta partilha, que eu, sem a consultar, fizera do meu coração...

JULIA — E os negrinhos de Cabo Verde a amaldiçoarem-n'o, não é assim?

AUGUSTO — Já me não lembravam... e até nas proprias costas do projecto do café, escrevi a norma da primeira carta. Perdôe v. ex.ª estas particularidades, que destruirão, sem duvida, a belleza ideal do amor... mas é a pura verdade... e um deputado faz tudo pela lei e pela verdade...

JULIA — Supponha que está contando esta aventura a um colono da Ilha Brava. *(A'parte)* E não poder eu detestal-o! Oh! desventuradas mulheres!

AUGUSTO — No dia seguinte devia eu fallar sobre a *cultura* da urzella ..

JULIA — E depois?.

AUGUSTO — Era tal a turbação do animo, e o desequilibrio das minhas idéas, que, inspirado pela paixão que me consumia, fiz uma elegia pomposa a proposito, ou antes, a desproposito da urzella: trouxe pora a discussão a Venus de Gnido... Heloisa... as meditações de Lamartine... e a Haidée de Byron. O presidente, com ar prosaico e pouco delicado, teve o arrojo de chamar-me á ordem. Perdi a cabeça.. saí impetuosamente, deixando os tachygraphos espantados, o discurso em meio...

JULIA — *(contrafazendo-se)* Que pena!

AUGUSTO — Era v. exc.ª que me fazia *manquer* a minha gloria parlamentar...

JULIA — Não sabia que incorrera n'esse peccado de nova especie...

AUGUSTO — D'então para cá a minha vida tem sido balouçada pelas tempestades, da tribuna para v. ex.ª, e de v. ex.ª para a tribuna...

JULIA — Mas agora abjura os seus erros... e faz-se

Graccho puro. Nos grandes homens o amor é um desvio... uma imperfeição...

Augusto — Quanto eu a amava sabe-o v. ex.ª.

Julia — Se fôra uma verdade!

Augusto — E ainda o duvida? Que sacrificios não fiz eu! Não procurei a amisade de seu pae, o meu antagonista politico, o defensor da legitimidade? Não estive a ponto de deshonrar o meu mandato, bandeando-me para o poder, para agradar ao sr. Affonso? Não cheguei a romper com a opposição, porque a vi uma vez em Cintra dar o seu *album* a certo deputado, o mais imbecil dos poetas conhecidos? Diga-o, recorde-se.

Julia — Desgraçadas mulheres! Que até lhes deitam á conta a volubilidade politica dos homens!

Augusto — A' taça estava cheia... trasbordava... Mais um desengano... mais um martyrio... e adeos amor para sempre...

Julia — Se elle nunca nasceu...

Augusto — Nunca... prouvera a Deus que tal fôra... não me veria n'um extremo desesperado. V. ex.ª, despresando todas as provas que eu déra da minha inabalavel fidelidade, sorriu ao desengraçado cortejo de Simão, d'esse deputado que a provincia vomitou a esta terra, para que viesse beber, pela primeira vez, agua por copos de vidro, e vestir paletot de inverno...

Julia — E' uma calumnia que lhe não perdôo.

Augusto — E esses sorrisos... essas finezas!...

Julia — Havia de reprehendel-o?...

Augusto — E a carta que elle trazia ha seis mezes no bolso para lhe entregar?...

Julia — Não sou culpada de que elle faça declarações d'amor á algibeira da sobrecasaca... Talvez seja uso em Traz os-Montes.

Augusto — E aquella walsa insolentemente dansada... com toda a convicção d'uma conquista?

JULIA — Bem sabe que o pobre homem se estendeu no meio do salão, e que eu fui a primeira a rir, em quanto meu pae pedia vinagre aromatico para ensopar-lhe as fontes...

AUGUSTO — E aquelle passeio a Cintra, em quanto eu fui ao Porto?

JULIA — Pois não soube a resposta que eu dei a uma estupida quadra, allusiva a mim, que elle escreveu na parede do Victor?... Pois foi curiosa!

AUGUSTO — Minha senhora, quando um homem, um deputado, se decidiu na camara a fazer opposição, e opposição ferrenha, julga que se bandeará em amor com estes contos, e desculpas inverosimeis...

JULIA — Augusto, meu Augusto, perdôo-te a tua leviandade... eu amo-te... não quero, nem sei disfarçal-o. Não queiras rasgar-me o coração com estas invectivas ferinas... amemo-nos como d'antes... perdôo-te.

AUGUSTO — Perdoar-me! a mim? Um fidalgo não se despreza impunemente. A mim, a quem se prefere o infimo dos lapuzes de S. Bento. A mim, que sei como se ata o laço a uma gravata, preferirem-me o almocreve de Traz-os-Montes, que nunca passou de gibão e polainas! Sr.ª D. Julia... é impossivel...

JULIA — *(com ternura)* Queres que lhe faça uma desfeita? dize...

AUGUSTO — Já não ha reparação. A opposição inteira se envergonharia de me contar no seu gremio. Eu, o rival desprezado d'um deputado ministerial...

JULIA — *(anciosa)* Farei o que quizeres... pede... manda... em nome do nosso amor... de...

AUGUSTO — Anteponho o meu orgulho de deputado ás instancias da amante; serei como Bruto... quero que o dever subjugue a natureza...

JULIA — *(com deliberação)* Tambem saberei ser mulher... Nem mais um rogo...

AUGUSTO — Era inutil. Perdi as illusões. Amava ha muito tempo. Era preciso chegar ao fim. Caso-me.

JULIA — Casa-se .. podia tel-o dito logo...

AUGUSTO — Sr.ª D. Julia, o amor é um vicio, um habito damnoso. E' a quadra do vigor da edade, que se rouba á seriedade dos negocios. Aos 30 annos deve ter-se juizo. O amor é mui lindo nos livros... agradavel nos salões... incómmodo e feio na alma. Os romances aborrecem-me; os bailes, detesto-os... e a alma, essa não quero eu negra como um tição. Caso-me.

JULIA — Infeliz esposa!

AUGUSTO — E' um contracto. Passar a vida n'um idyllio, em quanto a patria geme... não... isso não faço eu. E depois, hoje para casar não é o amor que se procura. O amor faz-se á vontade. Outro tanto não succede á casa, aos bens, á commodidade... porque no fim de tudo v. ex.ª ha de saber, que o amor sem inscripções de cinco por cento, sem predios urbanos, e sem acções do Banco... será o amor dos pastores de Virgilio... mas o de um homem bem-nascido... não. E' um negocio de conveniencia. Caso-me.

JULIA — *(chorando)* Se eu fosse assim egoista... prosaica...

AUGUSTO — Prosaico! Bem prosaico! Eu tambem fui poeta... tambem julguei que os amantes viviam de lagrimas e de alcorce... que voavam nos ares... e um dia achei-a a v. ex.ª voando, não nos ares, mas nos penhascos de Cintra com o deputado provinciano. E demais... preciso casar bem... porque não consta que Paulo e Virginia nos viessem soccorrer a nós... que casamos... e que temos muito amor em casa... e nem real na algibeira.

JULIA — Cruel!

AUGUSTO — Já que assim são as mulheres, é preiso talhar o negocio á cautella. E' necessario que

haja boa caução para as infidelidades... e segurança prévia em caso de divorcio. Caso-me.

JULIA — Não posso... não posso mais *(cae no fauteuil)*.

AUGUSTO — *(fazendo uma profunda cortezia)* Espero as ordens de v. ex.ª

(Julia levanta-se, sae por uma porta, e Augusto pela outra).

SCENA XI

MARIANNA E SIMÃO RODRIGUES

MARIANNA — Meu marido não sabe o que faz... Não respeita as conveniencias sociaes... parece que não vive com certa ordem de gente...

SIMÃO — Eu não tenho a honra de saber com quem elle vive... sei unicamente que, percebendo a inclinação que tenho por sua linda filha... me honra e felicita, tomando-me por genro...

MARIANNA — Sr. Simão, isto não é negocio de votação. O sr. quer propôr a lei, e que nós votemos em massa, como nas côrtes. Bem vê que entre gente de certa jerarchia... e depois, as conveniencias sociaes...

SIMÃO — Não sei quaes sejam n'este caso...

MARIANNA — Não admira, veiu de Vinhaes... ou de Trancoso... d'onde veiu o sr. Simão?

SIMÃO — Eu, minha senhora, vim de Traz-os-montes, como procurador do povo...

MARIANNA — Pois então saiba — se o ignora — que minha filha... falla-se... já se tem espalhado a meia voz... é um caso de honra...

SIMÃO — Espalhado a meia-voz... caso de honra? Se v. ex.ª me explica... *(afflicto)*.

MARIANNA — Falla-se, posto que não officialmente,

que vae casar com Augusto de Mello, filho de Diogo de Mello, que foi senhor da casa de....

SIMÃO — Que ouço!...

MARIANNA — *(continuando)* Alcaide-mór de Tondella, desembargador da Casa da Supplicação...

SIMÃO — E' sempre o meu implacavel adversario...

MARIANNA — *(continuando)* Commendador de tres commendas na ordem de Christo, e Santiago...

SIMÃO — E o maldito é tudo isto... e eu...

MARIANNA — *(continuando)* Que foi casado com D. Beatriz de Atouguia, filha de João...

SIMÃO — Por quem é, minha senhora; basta de ascendencias. Creio que sua filha não casa com uma arvore genealogica...

MARIANNA — Minha filha casa com egual. Na minha linhagem foi este sempre o uso. Nunca pude admittir casamentos desiguaes... são a ruina do matrimonio e o deslustre das familias. Estes senhores burguezes que nos levam tudo, deixem-nos isto ao menos.

SIMÃO — Nada mais razoavel. Mas attenda v. ex.ª, que a minha posição...

MARIANNA — Ora, deputado!... isso é elle tambem!

SIMÃO — *(impaciente)* E cavalleiro da ordem da Conceição...

MARIANNA — *(com desdem)* Por um decreto, e elle nasceu commendador.

SIMÃO — E' sobrinho de um secretario geral, que tem senhoria de juro?

MARIANNA — Senhoria? isso dá-se agora aos regedores...

SIMÃO — Sinto immenso desagradar a v. ex.ª; tenho, porém, a convicção de não ser indifferente á sr.ª D. Julia, e de ter por amigo honrado e caprichoso o sr. Affonso Domingues. V. ex.ª interessa-se por Augusto?

Marianna — Sou sempre advogada do merito... Sei que o querem deprimir... mas elle vencerá.

Simão — Sempre appello para o poder moderador, que ha de revogar a sentença.

SCENA XII

OS DITOS, E AFFONSO, *(entrando á pressa)*

Affonso — Alviçaras, alviçaras, meu pae da patria! *(com jubilo)*.

Simão — Então sempre lhe pagaram as letras? Já era tempo...

Affonso—Quaes letras... O Jellachich acaba de dar uma sóva n'aquella manada de hungaros!

Simão — Viva a ordem! *(abraçando-o)*.

Affonso — Os russos... *(cançado)* os russos... ai que bisarma!... são 300:000 homens!

Simão — Adeus xifarotes da democracia... adeus *fraternidade*...

Affonso — E é só o primeiro corpo. Confirma-se a noticia — entraram na Transylvania! Parabens, parabens.

Simão — Os bons principios triumpham sempre... As hydras vão levando cresta...

Affonso — Se o Luiz Philippe torna acima, e o russo mette pé cá na Allemanha, então, creio-o firmemente, ainda havemos de ter Junta do Commercio...

Simão — E companhia do Grão-Pará... porque então volta o Brazil para nós...

Marianna — Não cantem victoria antes de tempo.

Affonso — Tens-te feito uma digna proselyta dos *sans-culottes*, rép'ublicos, ou vermelhos, como por ahi dizem...

Marianna — Qual é a mulher d'espirito que não

ama o progresso e não odeia a burguezia. Por ella tem vindo todo o mal ao mundo...

SIMÃO — E', minha senhora, o grande elemento constitucional, o penhor seguro da ordem...

MARIANNA — Se tal é, agradeço-lhe a ordem... ordem com vivas, e com ursos e lapuzes que não sabem entrar n'um salão, e dão *vossemecê* a torto e a direito...

AFFONSO — Eis o fructo das prégações do sr. Augusto. Desejaria que entendesses bem, que não quero que a minha casa seja o primeiro phalansterio de Portugal...

MARIANNA — Augusto, sempre Augusto... E' um cavalheiro nobilissimo e desinteressado, que se fez democrata a bem da humanidade...

AFFONSO — Agradeço-lhe, pela parte que me toca... mas detesto-o. V. s.ª sabe lá, sr. Simão... não levou o arrojo a dizer-me que isto de realeza era um contracto!

SIMÃO — Oh! sacrilegio constitucional! Atacar a inviobilidade do throno!

AFFONSO — E que o rei era o povo...

SIMÃO — Hi! Jesus!...

AFFONSO — E até me disse, que a minha herdade do Alemtejo era da humanidade... Da humanidade! Que tenho eu com a humanidade! A herdade que me custou vinte contos... e que só em amanhos anda por um conto e seiscentos..

SIMÃO — Socialismo! socialismo! Querem que nós, os proprietarios de 1:000 geiras, façamos ainda em cima um requerimento humilde, pedindo meia geira para semear um faval...

MARIANNA — Adão não fez testamento...

SIMÃO — Mas fêl-o meu pae, no tempo em que se deitavam girandolas quando o rei saía...

AFFONSO — Havia de ser galante, que o sr. Augus-

to, socialista, ou vermelho, viesse arrancar-me a fortuna para a repartir pela familia humana... e minha filha, para não sei que...

SIMÃO — *(rindo)* Era bem para ver... A courella de tal ao senhor de *Inski*, nobre polaco, democratisado, e emigrado em Veneza...

AFFONSO — E o meu bacello... ao criado de M. de Lamartine...

SIMÃO — *(rindo)* E a Quinta-Nova á lavandeira de Ledru-Rollin...

AFFONSO — *(com humor)* E até metade do meu chinó ao guarda-portão do signor Kossuth... se m'o não levassem todo.

SIMÃO — Eis a vontade do sr. Augusto, e da sua plebe...

AFFONSO — Se Augusto fôsse meu filho, desherdava-o..

SCENA XIII

OS MESMOS E AUGUSTO

AUGUSTO — E' inutil. Como sou vermelho estou desherdado por convicção. Os meus antepassados legaram-me uma soffrivel fortuna; e eu que não era ainda socialista, tive o instincto milagroso de que a propriedade era o roubo. Segui á risca os preceitos do evangelho — vendi os meus bens e reparti-os pelos pobres.

MARIANNA — E' o talento que se revéla.. é a nobreza genuina, esta que os burguezes villões nunca souberam...

AUGUSTO — Mas para que o sr. Affonso, não podendo desherdar-me, me não confisque, voltei a traz para buscar esta bengala... bem vê que é elegante *(meneando-a)*.

AFFONSO — Sempre esperei que o sr. deputado tivesse a delicadeza de me não vir prégar o socialismo

em casa. Ai, minha pobre filha com taes doutrinas! Que perversão! D'aqui a pouco prégavam-lhe a promiscuidade...

AUGUSTO — Retiro-me... ahi ficará o sr. Simão para lhe ensinar o absolutismo, o orçamento, as operações mixtas, e a regra de juros... E para fazer de sua filha uma freirinha de Odivellas...

AFFONSO — E' a minha soberana vontade.

AUGUSTO — Ah! já reconhece a soberania do povo... se os russos foram derrotados...

AFFONSO — *(affanoso)* Derrotados!

AUGUSTO — Com a bagatella de 5:000 homens fóra de combate... e a tomada de Buda...

AFFONSO — E' uma falsidade.

AUGUSTO — Pergunte-o ao embaixador inglez, que acaba de presentear-me com esta noticia, e com um macaco de Gibraltar... são muito lindos estes monos...

SIMÃO — Mas conte lá, collega...

AUGUSTO — Nada... vou com pressa... Ai os meus constituintes da Ilha Brava... ai o café... ai a cultura da urzella... A' camara... á camara! *(sae precipitadamente).*

SCENA XIV

OS DITOS *menos* AUGUSTO

MARIANNA — Ahi tens as tuas noticias... Não se porfia assim com um homem da moda... Se tu não queres ser vermelho, e almoçar com o ministro inglez!...

AFFONSO — Nada tenho com isso... o que sei é que o tal sr. Robespierre será d'ora em diante recebido n'esta casa com o mais profundo desagrado... e que o sr. Simão Rodrigues será d'hoje ávante...

MARIANNA — O que será elle?

AFFONSO — Genro de Affonso Domingues, negociante matriculado d'esta praça, e antigo deputado...

SIMÃO — Pois o senhor tambem já foi deputado?...

AFFONSO — Da Real Junta do Commercio *(fazendo uma venia)*.

SIMÃO — Meu sogro! | *(abraçando-se)*.
AFFONSO — Meu filho adoptivo! |

MARIANNA — Que vergonha para uma familia de qualidade! Que scena tão burlesca... se a sabem é uma anedocta galante para folhetins e conversações! *(Sáem)*.

SCENA XV

JULIA *só*

Ultrajou-me... esse que fôra o meu primeiro amado... Quem diria que uma tal atrocidade se havia de commetter... Ama-se, recresce o amor da parte da mulher... chega ao cumulo... e o homem então diz: «Estou aborrecido — caso-me.» Casa-se, mas com outra; casa-se para adquirir fortuna; casa-se para comprar o direito de zombar da nossa credulidade a seu sabor; casa-se para se vingar das mulheres! Não poderei resistir a tão amargo trance... mas antes, quero tambem vingar-me d'elle!... Resolvi: caso com Simão; caso com esse homem feio... acanhado... sem maneiras... sem nascimento... «Olha, Julia, é tal o vigor da opposição que faço a Simão, que para o contrariar, deixaria que me cortassem uma perna...» Pois bem, para vingar-me, basta-me Simão. Irei para Traz-os-montes, onde não ha bailes, nem theatros, nem modistas... nem mesmo pomada para os labios... Mas depois... *(sae)*.

SCENA XVI

SIMÃO, *saindo de uma porta interior, e*

AUGUSTO *da outra*

SIMÃO — Venci o casamento!

AUGUSTO — Ainda não sei como escapei ao matrimonio!

SIMÃO — Ah! sr. Augusto! *(com espanto)*.

AUGUSTO — Não se admire... *(resoluto, e começando a procurar)*.

SIMÃO — Perdeu alguma cousa?

AUGUSTO — Se dá licença, saltou-me a carteira, foi quando ha pouco puxei do lenço... *(apanhando-a)* Ah! ella cá está.

SIMÃO — Agora já póde retirar-se.

AUGUSTO — Posso... mas com a carteira. Como aqui se advoga o devorismo, podia por cá perder-se... e ficar eu sem ter hoje com que ir ao *Matta*, e depois ao theatro.

SIMÃO — Isso é uma pessoalidade!

AUGUSTO — Será... mas além d'isso tenho aqui dentro os apontamentos, que tirei hontem na camara quando o senhor rosnou...

SIMÃO — Isso é um insulto.

AUGUSTO — Ah! já percebe? Reservo-os para logo... hão de ser o seu sudario... o menor que lhe hei de notar será a pronúncia gallega...

SIMÃO — A pronúncia! o que eu tenho de mais puro e oratorio...

AUGUSTO — E a intonação... hei de comparal-o a um realejo...

SIMÃO — Sr. Augusto *(formalisado)*.

AUGUSTO — Hei de chamar-lhe nora parlamentar.

SIMÃO — E' de mais...

AUGUSTO — Lá ha de ser peior... Faço hoje rir o proprio presidente...
SIMÃO — E eu chamo-o á ordem...
AUGUSTO — E eu chamo-lhe beleguim e apagador...
SIMÃO — Ora, sr. Augusto...
AUGUSTO — Agora sou implacavel... jurei-lhe o odio de uma opposição cruel: se o senhor fôr para a opposição, offereço-me, quando mais não seja, para correio dos ministros; se o senhor votar milhões, eu não voto nada; se quizer economia, eu quero desperdicio; se fôr socialista, faço-me cossaco ..
SIMÃO — Vae já passando as raias...
AUGUSTO — A'manhã no jornal chamo-lhe *Pandora*, e Demosthenes de Trancoso...
SIMÃO — *(resoluto)* Bem... ceve o seu furor; faça opposição ferrenha; esmague-me com o peso da sua indignação...
AUGUSTO — Hei de fazer uma *émeute* na camara.
SIMÃO — Vá... vá fazel-a... Faça-me favor de annunciar á mesa... que não posso comparecer.
AUGUSTO — Não comparece!... e a questão dos vinhos?...
SIMÃO — Estudo-a hoje á mesa com meu futuro sogro.
AUGUSTO — Com seu sogro! *(admirado)*.
SIMÃO — E' verdade; antes de encerradas as côrtes... estou casado...
AUGUSTO — Casado! *(sempre com espanto)*.
SIMÃO — Em quanto o presidente o estiver chamando á ordem, estou eu *aqui* tranquillamente, dispondo, com meu sogro, os arranjos do casamento.
AUGUSTO — Aqui? n'esta casa?
SIMÃO — Pois onde quer v. s.ª que seja, se a noiva é a sr.ª D. Julia.
AUGUSTO — Isso é uma mentira!
SIMÃO — Não, senhor, é uma vingança *(sae)*.

SCENA XVII

AUGUSTO *só*

Ora esta é galante... Quer a mãe casar-me — e eu desengano a filha. Quando estava mui bem descançado, pensando ficar celibatario por mais alguns annos, apparece-me este homem, e despede-se com um triumpho!... Nada... pois então sou eu quem casa. Estou resolvido... Eu não sou dos mais devotos de S. Gonçalo... Sempre entendi, como dizia Fontenelle, que pois o sacramento acaba tudo, é preciso espaçal-o para bem longe... Mas Julia é formosa, elegante, espirituosa e rica... será um casamento mixto... agora é o tempo das cousas mixtas... operações mixtas, commissões mixtas, governos mixtos... Algum amor, muito orgulho, muita opposição... deve ser um consorcio excellente... que sáia fóra do commum... excentrico. Vingo a opposição progressista d'este lapuz do Simão... prego uma peça ao pae de Julia... tapo a bocca aos meus credores... faço me serio. Que vantagens... Mas o diabo é que a Julia está como uma vibora.

SCENA XVIII

AUGUSTO E UM CRIADO

CRIADO — Está por aqui o sr. Augusto?

AUGUSTO — O que me queres tu?

CRIADO — Veio aqui um moço com esta cartinha...

AUGUSTO — Deixa ver.

CRIADO — E recommendou-me que a entregasse já, já.

AUGUSTO — A quem?

CRIADO — Ao senhor deputado, e que vem da rua de... *(entregando-lh'a)*.

AUGUSTO — Já sei, já sei. *(Áparte)*. E' para Simão... é da velha pensionista que o persegue por causa da renda vitalicia. *(Lê)* «Peço-lhe, em nome da nossa amizade, o obsequio de vir tomar hoje comigo uma chavena de chá. Conversaremos então á nossa vontade. Estou muito queixosa da sua ausencia.» etc. *(Ao criado)* Podes retirar-te.

SCENA XIX

AUGUSTO *só*

O' feliz achado! A Providencia protege a causa do povo, e dos seus representantes. Ah! Simão, vaes cair parlamentarmente. Está decidido: a velha e innocente pensionista vae ser por mim improvisada em Aspasia do meu rival. Perdão, minha senhora, se offendo idealmente a sua pudicicia. Tenha paciencia. Os fins justificam os meios.

SCENA XX

JULIA E AUGUSTO

JULIA — *(Recuando)* Não sabia que se demorára aqui... *(querendo sair)*.

AUGUSTO — Não se retire... escute... venho salval-a...

JULIA — Salvar-me? Julga-se com direito a escarnecer-me?

AUGUSTO — Ouve-me, Julia... *(com emoção)*.

JULIA — As nossas relações cessaram... d'hoje em diante... *(com mágua)*.

AUGUSTO — Faremos pazes mais duraveis que as de Octaviano...

JULIA — Uma barreira immensa nos separa...

AUGUSTO — Nada de metaphoras. Eram apenas uns arrufos... uma experiencia... agora sou teu, Julia.

JULIA — *(com indifferença)* Peço-lhe que me trate como se fôsse hoje a nossa primeira entrevista... e a ultima...

AUGUSTO — A ultima?... se assim fosse, o sangue de um suicidio cairia todo sobre a tua bella cabeça!

JULIA — *(querendo retirar-se)* Senhor... *(Irresoluta)* E' tarde.

AUGUSTO — Porque?

JULIA — Acabo de consentir n'um casamento...

AUGUSTO — Como?

JULIA — Com um homem que me era indifferente.

AUGUSTO — Com Simão? E' impossivel.

JULIA — Tambem eu dizia o mesmo; sempre me tinha parecido um homem aborrecivel... Hoje achei-o supportavel .. ámanhã talvez o ache sympathico... Caso d'aqui a um mez... tenho tempo de lhe crear amor...

AUGUSTO — Um mez! um mez agora é bastante para crear amor a um exercito do norte, com parques e ambulancias...

JULIA — Aprenderei a amal-o. Quero experimentar um homem singelo, provinciano, que não sabe galanteios de côrte...

AUGUSTO — Experimentar!... pois se tu casas com elle...

JULIA — Queria dizer — ligar-me a elle.

AUGUSTO — Ah! é só ligação... salva a liberdade de consciencia...

JULIA — Quero amal-o até... E d'ahi, elle não é antipathico... tem muito bom coração... tratar-me-ha com affagos... viveremos na provincia como dois amantes de ecloga.

AUGUSTO — O' minha Julia... um amante de eclo-

ga em Traz-os-montes, bebendo vinho verde! Tu já não és a Julia tão romanesca que eu conheci...

JULIA — Foi no tempo das illusões.

AUGUSTO — Pois tu queres ter por amiga a mulher de um regedor d'aldêa... por visitas, quatro eleitores de tamancos? ó minha Julia...

JULIA — Está decidido.

AUGUSTO — Queres que os teus filhos tenham um sangue peão... tu, que te comprazias na minha ascendencia... na minha parentela toda de sangue azul?

JULIA — Não posso retroceder...

AUGUSTO — Queres ser a esposa do burguez de Trancoso... de um burguez?! Tu sabes o que é um burguez? Um burguez não tem coração, não lê versos, não diz senão tolices... é uma machina de eleições indirectas. Tu queres casar com uma machina?...

JULIA — *(Quasi commovida)* Dei o *sim*.

AUGUSTO — Tu queres que a lei santissima da emancipação da mulher se não promulgue em vida tua?

JULIA — Ah! sacrifico tudo...

AUGUSTO — Pois bem! Ahi tens o diploma da moralidade do teu futuro esposo *(dá-lhe a carta que o creado trouxera)*.

JULIA — *(lendo)* Ah!

AUGUSTO — Convidado a tomar chá!... elle que o detesta. Um provinciano nunca toma chá sem grande interesse.

JULIA — Não sei decidir-me...

AUGUSTO — Pensas que alguem gaste uma folhinha de papel almiscarado para convidar a uma semsaboria?

JULIA — Mas é só para tomar chá.

AUGUSTO — Bem, Julia. Casa com um burguez, que recebe convites para chás. Se fosse ao menos um homem bem nascido...

JULIA — E' uma indignidade... tomar chá nas vesperas do casamento!

Augusto — E com uma mulher... e quem sabe se formosa!

Julia — Não casarei... serei freira... recolhida... quero fugir do mundo.

Augusto — Freira, não; já não é bom tom. Fujamos do mundo ambos; o céu predestinou-nos para nos amarmos.

Julia — O destino é irresistivel (*abraça o*).

Augusto — Ah! aquella noite da *Peninsula* era fatidica.

Julia — E aquelles versos tambem.

Augusto — O casamento é semsabor, bem o sei; mas nós amamo'-nos, e o que havemos de fazer agora? arrulhar eternamente? não... que a mulher siga o homem...

Julia — Mas minha mãe...

Augusto — Quer casar-nos...

Julia — E meu pae...

Augusto — Ah! teu pae... prometto-lhe a Junta do Commercio.

SCENA XXI

OS MESMOS, MARIANNA E AFFONSO

Affonso — (*sem ver a Julia e Augusto*) Nos meus decretos não consulto a opinião publica. O meu governo é o absolutismo extreme; em minha casa é o mesmo.

Marianna — Mas, senhor, sua filha é de sangue esclarecido.

Affonso — Ora, bugiarias. Eu não sou mais que um burguez.

Marianna — O que dirá o publico? Que casamento! Nunca mais nos admittem na alta sociedade.

Affonso — Iremos ás philarmonicas... ao Salitre...

Marianna — Mas a opinião publica?

AFFONSO — Ah! bom marquez de Pombal... se tu fosses vivo, já eu não tinha objecções d'estas; bem basta o desaforo de querer sindicar os negocios do estado... ainda em cima prohibir-me que case minha filha com quem me aprouver!

MARIANNA — *(Vendo a Julia e Augusto)* Veja, senhor, alli está o amor!

AFFONSO — *(olhando e cholerico)* Que deshonra!...

MARIANNA — Alli está a escolha de sua filha.

AFFONSO — Não é d'ella... é sua.

JULIA — E' minha, meu pae; Simão é um insipido.

AFFONSO — Não ha atrevimento comparavel!... Pois o matrimonio é negocio de acepipes? (*a Marianna*) Alli tem, senhora fidalga, os costumes modernos; aquillo é que é a opinião publica?

(*Durante algum tempo Augusto escreve apressadamente*).

MARIANNA — Aquillo chama-se, entre nós, nobreza de sentimentos... fidalguia... cada um com seu egual.

JULIA — Meu pae, Simão atraiçoava-me *(dá-lhe a carta que Affonso lê)*.

SCENA XXII

OS DITOS E SIMÃO

SIMÃO — Sr. Affonso, não tardei... estou ancioso!...

AFFONSO — (*olhando para elle com admiração*) Ancioso... e recebe cartas d'estas?...

SIMÃO — Cartas! *(espantado)*

AFFONSO — Leia.

MARIANNA — E' uma indignidade *(com nobreza)*.

JULIA — Nunca suppuz tal.

MARIANNA — Se quem tal fizesse fosse ao menos homem de berço conhecido... (*com desdem*).

SIMÃO — O meu berço é conhecido: fui baptisado em Mirandella, na freguezia de...

AFFONSO — Não tem duvida; mas toma chá em tempo de calma.

SIMÃO — Eu só com agua, e é para molhar um biscoitinho.

AFFONSO — Pois eu não estou resolvido a dar minha filha a homens, que vão á noite a casa de senhoras, molhar biscoitinhos em chá.

SIMÃO — Mas, senhor... é um engano.

AUGUSTO — *(baixo a Simão)* Jurei vingar-me.

SIMÃO — Mas, quando se é deputado...

AUGUSTO — *(o mesmo)* Aquella emenda que o senhor fez regeitar...

SIMÃO — Eu me explico...

AUGUSTO — *(o mesmo)* Aquellas accumulações, que me cortou quando foi da commissão do orçamento...

AFFONSO — Isto não admitte réplica... as provas são claras.

SIMÃO — Mas um homem ha de ser privado de... de casar, por tomar chá!... pois o chá faz mal aos noivos?

MARIANNA — São cousas... meu marido tem lá aquella scisma; está no seu direito.

AFFONSO — Aqui não ha votações... nem subornos... nem tranquibernias. Isto aqui não é a maioria, é a minha casa; e abaixo do legitimo soberano, aqui mando eu.

SIMÃO — Mas já divulguei...

MARIANNA — Pois fez uma sandice.

JULIA — E', como se diz, um casamento *manqué* *(com desprezo)*.

AUGUSTO — Em S. Bento vencem os ministeriaes; aqui triumpha a opposição.

AFFONSO — Está decidido. *(A Marianna)* Tu querias casar Julia com a democracia; eu com os doutri-

narios; esperemos agora que o tempo a case com o *antigo regimen.*

JULIA — Papá, a culpa é sua. Acostumou-me a estas idéas. Tenha paciencia; agora hei de casar. Augusto é o meu noivo.

MARIANNA — Sim, Augusto, filho de um desembargador do Paço.

AFFONSO — *(commovido e approximando-se a Augusto)* Desembargador do Paço! isso é antigo regimen. *(A Augusto)* Pois seu pae era desembargador do Paço?

MARIANNA—E commendador de tres commendas...

AFFONSO — De tres commendas! E eu que fui doido por arrematal-as.

AUGUSTO — *(apresentando um papel)* Amanhã apresento na camara este projecto.

AFFONSO — *(com jubilo)* Ah! é a restauração da Junta do Commercio!

AUGUSTO — Depois d'amanhã resuscito os bens da corôa.

AFFONSO — Então é cá dos meus.

AUGUSTO — D'aqui a tres dias reclamo os dizimos.

AFFONSO — Por ora basta... não vae a matar. Um abraço... *(abraçando-o)* E' meu genro.

AUGUSTO — A republica acaba de morrer em França: Luiz Napoleão metralhou os vermelhos.

AFFONSO — Oh! S. Luiz, ouviste os meus rogos. Quem lh'o disse, porém?

AUGUSTO — Acabo de vêr a parte telegraphica nas mãos do ministro da Russia.

MARIANNA — Eu sempre o disse... eis as vantagens de ter um genro, que janta com o corpo diplomatico.

AFFONSO — *(a Julia)* Julia, é teu.

AUGUSTO — E' minha! Não fazia tenção de casar.

Em quanto a republica dorme tenho tempo para ser marido e realista. E' uma democracia que baquêa a tempo.

Marianna — *(com ironia)* Sr. Simão, caíu diante da maioria.

Augusto — *(batendo no hombro a Simão)* Eis o que se chama fazer até ao fim — OPPOSIÇÃO SYSTEMATICA.

FIM

ANTONIO MARIA PEREIRA — Livreiro editor

50, 52, RUA AUGUSTA, 52, 54—LISBOA

Alberto Braga

Amores á beira-mar........ 300
O engeitado 200
Uma tragedia a bordo....... 600

Alberto Pimentel

Vida mundana d'um frade virtuoso.................... 300
Vinte annos de vida litteraria 200
Noites de Cintra........... 200
As netas do Padre Eterno (no prélo).

Alves Mendes

Discursos....... .... 1$000
Herculano 300

Antonio Candido

Elogio historico d'El-Rei D. Luiz....... 200

Caiel

A's mães e ás filhas (contos). 500
Primeiras leituras (contos) . 500
A filha do João do Outeiro (a sahir do prelo)

Camillo Castello Branco

Coração cabeça e estomago. 500
Coisas espantosas 500
A queda d'um anjo. 500
Noites de Lamego..... ... 500
Scenas innocentes da comedia humana.......... 500
Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado........... 500
Abençoadas lagrimas....... 240
O ultimo acto. 200
O Morgado de Fafe em Lisboa 200
O Morgado de Fafe amoroso 300

Coelho de Carvalho

Viagens 600

Latino Coelho

Elogios Academicos, 2 vol.. 1$800
José Bonifacio d'Andrade e Silva.. 500
Theatro 500

Garrett

Viagens na minha terra, 2 v). 1$000
Camões.................... 600
Frei Luiz de Sousa......... 600

Gervasio Lobato

A comedia do theatro 500
O grande circo 700

Guerra Junqueiro

A morte de D. João 800
A musa em ferias........... 700
Tragedia infantil........... 200
Contos para a infancia...... 400

Oliveira Martins

As raças humanas, 2 vol.... 1$400
Quadro das Instituições primitivas............. 700
A Inglaterra de hoje........ 600

Pinheiro Chagas

A flôr secca.. 500
A côrte de D. João v........ 500
Tristezas á beira-mar 200
A mascara vermelha.. 200
O juramento da Duqueza.... 200
John Bull e a sua Ilha...... 200
As colonias portuguezas.... 600
A lenda da meia noite 200
A joia do Vice-Rei..... 200
A descoberta da India..... 600
A morgadinha de Valflôr. .. 400
Historia da communa de Paris, 2 vol.. .... 1$500
Astucias de namorada...... 400
Migalhas de historia portugueza.................... 200

Ramalho Ortigão

Hygiene da alma. 500
A instrucção secundaria.... 240
A Hollanda, 2.ª edição (no prélo)

Silveira da Mota

Horas de repouso.. 600
Viagens na Galliza......... 600
Quadros da historia portugueza 400

Teixeira de Vasconcellos

A ermida de Castro Mino.. 700

Trindade Coelho

Os meus amores,........... 200

Xavier Rodrigues Cordeiro

Serões de historia, 2 vol..... 1$000
Esparsas 2 vol.. .... 1$000